



Natália Contesini dos Santos

**Desaceleração do Consumidor:
Um estudo sociossemiótico do
consumo sob o rótulo Slow**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas, do Departamento de Administração da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa

Rio de Janeiro,
Junho de 2022



Natália Contesini dos Santos

**Desaceleração do Consumidor:
Um estudo sociossemiótico do
consumo sob o rótulo Slow**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Luís Alexandre Grubits de Paula Pessoa
Orientador
Departamento de Administração – PUC-Rio

Prof. Marcus Wilcox Hemais
Departamento de Administração – PUC-Rio

Profa. Denise Franca Barros
Universidade do Grande Rio

Prof. Severino Joaquim Nunes Pereira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ronan Torres Quintão
IFSP

Rio de Janeiro, 28 de junho de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Natália Contesini dos Santos

Graduou-se em Administração (UniFOA, 2009). É Mestre em Administração (UFRRJ, 2018), Especialista em Gestão Empresarial (FGV-Rio, 2011) e em Marketing e Comunicação Empresarial (UVA-Rio, 2011). Foi pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) durante seu mestrado. É docente e atua em Planejamento Estratégico e Comunicação e Marketing Empresarial.

Ficha Catalográfica

Santos, Natália Contesini dos

Desaceleração do consumidor: um estudo sociosemiótico do consumo sob o rótulo Slow / Natália Contesini dos Santos; orientador: Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa. – 2022.

176 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2022.

Inclui bibliografia

1. Administração – Teses. 2. Desaceleração do consumidor. 3. Slow Movement. 4. Sociosemiótica. 5. Experiências extraordinárias de consumo. 6. Teoria da aceleração social. I. Pessôa, Luís Alexandre Grubits de Paula. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Administração. III. Título.

CDD:658

Agradecimentos

Aos meus pais e irmão, pelo amor, preocupação, incentivo e por apoiarem incondicionalmente antes e durante o processo de doutoramento. São e sempre serão meu porto seguro e alicerce de tudo que fui, sou ou serei. Ao João, pelo amor, companheirismo, compreensão, paciência e por mostrar que o extraordinário pode, sim, fazer parte de uma rotina acelerada.

Sem dúvidas, o doutorado e o processo de elaboração de uma tese são experiências extraordinárias. E, com certeza, devo a experimentação do extraordinário de ter, escrever e defender uma tese ao meu orientador, professor Luis Pessoa. Não tenho palavras para descrever a minha gratidão por todas as orientações, conversas, aconselhamentos, risadas, palavras de carinho e cuidado e, principalmente, pela sensibilidade, fatores essenciais para que essa jornada fosse leve. Que honra ter você ao meu lado nessa jornada.

Ao meu orientador de mestrado, professor Bill Pereira, que me incentivou ao Doutorado e sempre esteve por perto durante esse processo.

Aos meus amigos que me incentivaram e compreenderam minha eventual ausência.

Aos professores do Programa de Doutorado em Administração da PUC-Rio, em especial, aos professores Marcus Hemais e Alessandra Costa por sempre me acolherem e orientarem. Aos funcionários do Programa, em especial, à Sandrinha, Tereza e Gisele, pelo carinho e atenção nos atendimentos.

Aos meus amigos de doutorado, Fê, Rê (minhas musas), Rafa, Denise, Vitor, Alê, Leiloca, Carol e Cíntia pela amizade, risadas e apoio, que ajudaram a tornar mais extraordinários esses quatro anos (sobretudo as Aulas de Quanti). Aos amigos que conquistei graças ao doutorado, Renata, Renan e Miriam, obrigada pela amizade, trocas, companhias nos congressos e piadas acadêmicas. A Gilda e Letícia, pelo comprometimento e por contribuírem tanto com a primeira de entrada em campo.

Aos professores integrantes da banca de qualificação e de defesa.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente, para o desenvolvimento desta tese e para minha evolução como pesquisadora.

Por fim, agradeço Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de estudos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Santos, Natália Contesini dos; Pessôa, Luís Alexandre Grubits de Paula. **Desaceleração do Consumidor: Um estudo sociosemiótico do consumo sob o rótulo Slow**. Rio de Janeiro, 2022. 176p. Tese de Doutorado - Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A experiência fundamental da sociedade moderna é a de uma intensa aceleração do fluxo de experiência de cada indivíduo (ROSA, 2019a). Os reflexos deste fenômeno são observados em larga escala, coexistindo com um discurso cultural que relaciona a velocidade a limitações sociais, ambientais e individuais. Frente a isso, nota-se o surgimento de movimentos contestatórios à lógica temporal moderna, utilizados como válvulas de escape em relação à aceleração (BAUER *et al*, 2015; HUSEMANN e ECKHARDT, 2019; LEVINE, 2015; ROSA, 2019a), dentre os quais o Slow Movement (HONORÈ, 2019; PARKINS, 2004). Neste contexto, este estudo propõe compreender o processo de desaceleração do consumidor no ambiente estrutural contemporâneo, por meio do consumo sob o rótulo Slow. Como a noção de temporalidade está relacionada ao desdobramento de significados que emergem das práticas de vida, utiliza-se a Sociosemiótica (LANDOWSKI, 2014a) como aporte teórico-metodológico para entender a criação de sentido e os significados da desaceleração em torno do consumo Slow. Com base em entrevistas em profundidade com consumidores do Movimento Slow, foi possível concluir que este tipo de consumo pode equivaler a uma experiência extraordinária de lentificação, revelando-se como “oásis de desaceleração” (ROSA, 2019a) em meio ao contexto contemporâneo acelerado. Este extraordinário possui a estesia como elemento central, emergindo a partir da busca dos consumidores por sentido no que e em como consomem, da combinação de elementos estruturais e antiestruturais e do emprego de estratégias de desaceleração específicas.

Palavras-chave

Desaceleração do consumidor; *Slow Movement*; Sociosemiótica; experiências extraordinárias de consumo; teoria da aceleração social.

Abstract

Santos, Natália Contesini dos; Pessôa, Luís Alexandre Grubits de Paula. **Consumer Deceleration: A socio-semiotic study of Slow Movement**. Rio de Janeiro, 2022. 176p. Tese de Doutorado - Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A critical experience of modern society involves an intense acceleration of experience flux of each individual (ROSA, 2019a). The consequences of this phenomenon are observed in a large scale, coexisting with a cultural discourse that relates speed to social, environmental and individual limitations. In view of this, movements have emerged contesting the modern temporal logic, used as escape valves from acceleration (BAUER *et al.*, 2015; HUSEMANN & ECKHARDT, 2019; LEVINE, 2015; ROSA, 2019a), including the Slow Movement (HONORÈ, 2019; PARKINS, 2004). This study seeks to understand the process of consumer deceleration in the contemporary structural environment, assessing Slow Movement consumption. As the notion of temporality is related to the development of meanings that emerge from life practices, Sociosemiotics (LANDOWSKI, 2014a) is used as a theoretical-methodological approach to understand the creation of sense and meanings from deceleration via slow consumption. Based on in-depth interviews conducted with Slow Movement consumers it was possible to conclude that such type of consumption can ensure an extraordinary experience of deceleration, acting as an ‘oasis of deceleration’ (ROSA, 2019a) in the fast-paced contemporary context. This extraordinary experience has esthesia as its central element, emerging from the search of consumers for meaning in what and how they consume, the combination of structural and anti-structural elements, and the use of specific deceleration strategies.

Keywords

Consumer deceleration; Slow Movement; Sociosemiotics; Extraordinary Consumption Experiences; Social Acceleration Theory.

Sumário

1. Introdução	12
1.1 Objetivos	21
1.2 Delimitação	22
1.3 Relevância	22
1.4 Estrutura da tese	25
2. Referencial Teórico	27
2.1. Temporalidades em Estudos de Consumo	27
2.1.1 Experiências Extraordinárias	31
2.2. Tempo e Aceleração	35
2.3. Teoria da Aceleração Social	40
2.3.1 Aceleração Tecnológica	43
2.3.2 Aceleração das Mudanças Sociais	45
2.3.3 Aceleração do Ritmo de Vida	48
2.4. Desaceleração	54
2.5. Sociossemiótica: buscando sentido a partir de interações	60
2.6. Sumário do Enquadramento Teórico-Analítico da Pesquisa	69
3. Procedimentos Metodológicos	71
3.1. A pesquisa	71
3.2. Coleta de Dados	72
3.3. Análise e Interpretação dos dados	81
3.4. Limitações do Estudo	83
4. Análise e Interpretação dos resultados	84
4.1. Em busca de sentidos e significações sobre a desaceleração por meio do consumo	84
4.1.1. Ponto de saída: a Manipulação do mercado	85
4.1.2. Caindo na monotonia da Programação	90
4.1.2. Em busca de sentido: Saindo da Programação para o Ajustamento	97
4.1.3. “Ser Alice!”: no caminho para o regime de Acidente	110

4.1.4. “Opa, preciso voltar!”: Saindo do regime de Acidente, caindo na Manipulação	113
4.1.5. “Consumo, logo, desacelero”: Manipulação do mercado à uma desaceleração retórica	114
4.2. Em um eterno <i>continuum</i> entre estrutura e antiestrutura	116
4.2.1. Excesso de elementos estruturais	117
4.2.2. Busca pela ausência de elementos estruturais	119
4.2.3. Excesso de elementos da antiestrutura	133
4.2.4. Busca pela ausência de elementos antiestruturais	135
5. Discussão dos Dados	137
5.1. Sentidos e construção de Experiências Extraordinárias por meio do consumo Slow	137
5.2. Estesia e Oásis de Desaceleração: um terceiro lugar?	145
6. Considerações Finais	152
6.1. Contribuições Teóricas	156
6.2. Implicações Gerenciais	157
6.3. Implicações Sociais	159
6.5. Sugestões de Estudos Futuros	160
7. Referências bibliográficas	164
Anexos	174
Anexo 1: Termo de Confidencialidade/ Protocolo Ético	174
Anexo 2: Roteiro de Entrevista para Empresários	175
Anexo 3: Roteiro de Entrevista para Consumidores	176

Lista de figuras

Figura 1: Regimes de Interação e seus correspondentes princípios, regimes de sentido e de risco.	62
Figura 2: Regimes de Interação sob a forma de quadrado semiótico	67
Figura 3: Post sobre o Dia em Lives, em substituição ao Dia sem Pressa presencial.	74
Figura 4: Post sobre o Dia em Lives, em substituição ao Dia sem Pressa presencial.	75
Figura 5: Print do Boletim Desacelera, edição de abril/2020	76
Figura 6: Esquema geral	144

Lista de tabelas

Tabela 1: Caminho teórico.	70
Tabela 2: Sumário de sujeitos de pesquisa.	80
Tabela 3: Comparação entre os achados de Experiências Extraordinárias de literaturas anteriores e os deste estudo	151
Tabela 4: Comparação entre os achados de Desaceleração do Consumidor de literaturas anteriores e os deste estudo	151

*“Em um ambiente comum, em um momento impróprio,
existe beleza? Percebemos ou paramos para apreciá-la?
Reconhecemos o talento em um contexto inesperado?”*

Anônimo

1 Introdução

A temporalidade e a experimentação do tempo detêm significados simbólicos, sendo amplamente utilizadas para representar a relação entre processos sociais, dentre os quais, o consumo (WOERMANN e ROKKA, 2015). A influência do tempo sobre o consumo e, vice-versa, torna-se latente, sobretudo, diante de questões sobre tempo perdido e do crescente desejo de desacelerar e de economizar tempo.

Como um recurso maleável, o tempo está sujeito a alterações, aceitando, portanto, diferentes formas de alocação, percepção e avaliação (LALLEMENT e GOURMELEN, 2018), conduzidas, sobretudo, por meio do consumo de bens e serviços. O consumo, por exemplo, possibilita modificar a eficiência da alocação de tempo, por meio do uso de ferramentas organizacionais ou aplicativos de lista de tarefas. Do mesmo modo, altera o modo de uso do tempo e de sua disponibilidade, quando, por exemplo, permite a execução de duas ou mais tarefas simultaneamente ou a redução do tempo gasto em atividades.

Assim, a medida em que a sociedade reforça a finitude do tempo e a necessidade de gastá-lo com sabedoria (BHATTACHARJEE e MOGILNER, 2014), o consumo pode ajudar a decidir estrategicamente como preencher a próxima hora, o fim de semana ou férias. Nesta esteira, percebe-se que o tempo é um aspecto importante em uma variedade de contextos de pesquisa e práticas do consumidor, mesmo que ainda pouco discutido, sobretudo, nos sentidos que pode tomar durante o consumo (SÁ e ZENAIDE, 2004).

Estudos de temporalidade em consumo centrados nos modelos experienciais defendem que as experiências temporais dos consumidores podem ser resultado de práticas alinhadas ou desalinhadas de consumo (WOERMANN e ROKKA, 2015), assim como resultado do contexto e da lógica temporal na qual estão imersos, que podem enfatizar lentidão ou rapidez (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019; ADAM; 2013; PARKINS, 2004).

Woermann e Rokka (2015) introduzem o conceito de fluxo de tempo em consumo, ampliando o olhar para o modo como indivíduos capturaram e conceituam o sentido de desaceleração (e rapidez) em suas práticas de consumo. Assim, esse conceito reflete um estado de absorção ou dissociação temporal, onde um julgamento sobre a duração do tempo não pode ser reduzido a uma medida física ou psicológica. Embora expliquem a maneira como a temporalidade é experimentada pelo consumidor, estes autores não esclarecem como os consumidores experimentaram a desaceleração e quais mecanismos estariam envolvidos nesse processo.

Essa lacuna é parcialmente preenchida pelo estudo do consumo do Caminho de Santiago, de Husemann e Eckhardt (2019) e a introdução do conceito de desaceleração do consumidor. As autoras tomam a Teoria da Aceleração, de Rosa (2019a) para fundamentar aquele consumo como um “oásis de desaceleração”, uma espécie de nicho territorial, social e/ou cultural que escapa total ou parcialmente das formas e processos de aceleração da vida moderna. Nesse oásis, o tempo parece seguir mais vagorosamente, permitindo que os consumidores mergulhem em uma experiência extraordinária, experimentando a sensação de desaceleração.

Tradicionalmente, pesquisadores da cultura de consumo enquadraram e analisaram tais experiências de consumo extraordinárias como uma fuga da vida estrutural mundana (ARNOULD e PRICE, 1993; CELSI, *et al.*, 1993; KOZINETS, 2002), no qual o consumidor se retira de seu ambiente cotidiano, experimentando, majoritariamente, características antiestruturais. Tal qual o estudo de Husemann e Eckhardt (2019), existe um realinhamento de consumidores às características antiestruturais do novo contexto de consumo que, por se oporem à vida cotidiana e transcenderem as estruturas sociais, resultam em atividades de consumo emocionalmente intensas, únicas, memoráveis e transformadoras.

Esta visão idealizada e romantizada das experiências extraordinárias é ampliada, passando a ilustrá-las tanto carregadas de características estruturais, como antiestruturais, muitas vezes em um processo intenso de negociação (TUMBAT e BELK, 2011), o que exige a adoção de estratégias adequadas por parte dos consumidores (HUSEMANN *et al.*, 2016), embora ainda em ambientes não cotidianos. Apenas recentemente é preenchida a lacuna acerca da compreensão de tais experiências no contexto cotidiano (SKANDALIS *et al.*, 2019), inaugurando, assim, uma visão alternativa para os estudos de experiências extraordinárias.

Apoiado nesta esteira mais recente dos estudos de experiências extraordinárias e atendendo a lacuna da investigação de experiências de desaceleração em contextos cotidianos, a presente tese busca investigar como ocorre o fenômeno de desaceleração do consumidor em um ambiente rotineiro de consumo, dominado pela lógica temporal acelerada. Uma vez que oásis de desaceleração possui uma lógica temporal própria (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019), cumpre analisar como funcionaria a lógica de transição para dentro e para fora destes oásis e o processo de gerenciamento e realinhamento da lógica temporal feito pelos consumidores para, de fato, experienciar a desaceleração em um contexto social acelerado.

Neste sentido, cabe caracterizar este contexto social acelerado. A noção de aceleração é aceita como marca das temporalidades na sociedade moderna (ADAM, 2013; BAUMAN, 2007a; CRARY, 2016; GIDDENS, 1987; 1989; 2002; HARVEY, 2014; OSBALDISTON, 2013; ROSA, 2019a; VIRILIO, 2010; VOSTAL, 2017). Vivemos em uma sociedade moderna, cuja experiência fundamental é a de uma enorme aceleração do mundo, do ritmo e do fluxo de experiência de cada indivíduo. Constantemente, tem-se a impressão de não fazer outra coisa senão “apagar o fogo”, sem jamais parar para contemplar a própria vida.

Contudo, o que seria, de fato, o objeto da aceleração, se não é possível promover a aceleração do tempo? Ora, uma hora ou um dia seguem sendo uma hora e um dia independentemente da impressão de que tenham passado mais ou menos rapidamente. Como existem divergências quanto a seus determinantes, busca-se em Rosa (2019a) a explicação de que essa transformação das estruturas temporais na Modernidade seria ocasionada a partir da aceleração de alguns fenômenos sociais, combinados em três formas de aceleração.

A aceleração técnica, a aceleração das mudanças sociais e a aceleração do ritmo de vida, garantiriam, de acordo com o autor, a noção de contração dos lapsos de tempo definidos como presente. Essa sobreposição ou extinção de intervalos ou pausas entre as ações acarretaria a execução de mais atividades em menos tempo, findando na sensação de falta de tempo e de urgência. Sob o conceito e a lógica da aceleração social, explicada pela Teoria da Aceleração, esse fenômeno coloca “o mundo material, social e cultural em movimento a uma velocidade cada vez maior” (ROSA *et al.*, 2017, p. 58).

Reflexos do fenômeno de aceleração da sociedade moderna podem ser observados em larga escala, coexistindo com um poderoso discurso cultural que relaciona a velocidade a limitação do bem-estar humano, ao comprometimento do desenvolvimento e reprodução social e a impactos negativos a natureza e os sistemas ecológicos. Neste contexto, a lentidão é comumente retratada como um “antípoda desejável e necessário para o mundo veloz do *mal*” (VOSTAL, 2017, p. 4, grifo do autor), não raro sustentada por conotações positivas e emancipatórias” e atrelada a qualidades de calma, ociosidade, quietude, meditação e refúgio a conectividade. Ser lento está associado à sabedoria, estilos meditativos de argumentação, discussões intelectuais (PELS, 2003); criatividade e inventividade estão intimamente relacionadas a atividades inerentemente lentas (VOSTAL, 2017).

Nesse cenário, aponta-se o surgimento de movimentos contestatórios à lógica temporal moderna (LEVINE, 2015; PARKINS, 2004; ROSA, 2019a), utilizados, primordialmente, como válvulas de escape em relação à aceleração (BAUER, PANOSSO NETTO e TRIGO, 2015; HUSEMANN e ECKHARDT, 2019), em uma reação cada vez mais forte e espontânea de alternativas de vida menos aceleradas, mecanizadas e mercantilizadas. Em paralelo a isso, observa-se uma mudança dos significados e valores atribuído à aceleração e desaceleração (VOSTAL, 2017; WAJCMAN, 2015).

Uma infinidade de narrativas sobre o consumo lento circula na sociedade. Vem crescendo o número de consumidores que passam férias em retiros espirituais ou restauradores, onde o uso de iPhones, tablets ou outros dispositivos pessoais é proativamente desencorajado. Eles o fazem na esperança de se reconectar com algo diferente de Wi-Fi e experimentar uma pausa de sua vida cotidiana agitada (BUCKLEY, 2015; GRAHAM, 2013; KWONG, 2018). Nesse contexto, em 2018, o movimento chamado de “desintoxicação digital” configurou uma forma de reação das pessoas ao excesso de consumo e a busca e valorização por opções de consumo básicas e que permitam momentos de silêncio, meditação e maior intensidade das experiências com a natureza (FORD MEDIA CENTER, 2018).

Embora ainda esteja tomando forma, um número cada vez maior de pessoas vem optando pelo ritmo moderado, em detrimento da velocidade (HONORÉ, 2019). As pessoas buscam cada vez mais oportunidades de escapar de um ritmo acelerado de vida envolvendo-se em formas lentas de consumo (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019).

A indicação da consolidação de tais movimentos pode ser observada através dos produtos e serviços que agora estão disponíveis sob a bandeira Slow, derivados do Slow Movement. Embora tenham diferentes origens e ênfases, as formas de consumo lento se encontram na ideia de rejeição a aceleração sem limites da sociedade moderna (HONORÉ, 2019; PARKINS, 2004). Trata-se não de fazer mais lentamente ou atuar vagorosamente, mas sim seguir o fluxo normal e a velocidade natural das coisas, buscando o natural e o essencial das experiências humanas, de forma que valorize a qualidade, bem-estar e o uso mais prazeroso e equilibrado do tempo.

Como expressão mais simbólica de lentidão, o *Slow Movement* é uma filosofia com alcance global, baseada em formas lentas de consumo em contraponto à aceleração social (HONORÉ, 2019; WILSON, 2010). Ela vem encontrando ecos nos mais diversos campos socioculturais, como a alimentação, a urbanização e as viagens. Do ponto de vista sociológico, o *Slow Movement* deve situar-se no contexto da sociedade contemporânea (PARKINS, 2004; SALES OLIVEIRA, 2020), no qual os sujeitos reagem à efemeridade da sociedade (BAUMAN, 2000; 2001; 2007a).

O conceito Slow surgiu dos movimentos Slow Food e Slow Cities (CittaSlow), originários da Itália nas décadas de 1980 e 1990. O movimento Slow Food foi iniciado em 1986, por Carlo Petrini, natural da cidade de Bra, uma comuna italiana da região do Piemonte, na Itália, centro de produção de queijo, muito embora o leite para a fabricação destes viesse de campos longínquos a cidade. A dependência de entregas e os impactos ambientais que estas geravam, contribuíram para Petrini começar a questionar a fragilidade da cadeia produtiva alimentar.

Porém foi a instalação de uma filial do McDonald's na Piazza di Spagna, uma área de importância cultural de Roma, o estopim para a criação de um movimento em prol da alimentação saudável, boa e de forma lenta e prazerosa (SANTOS e PESSÔA, 2020). Naquela ocasião, um grupo de ativistas, liderado por Petrini, ofereceu uma porção de massa aos pedestres, como forma de evidenciar o

contraponto entre a cultura alimentar local e aquela da lanchonete. Petrini (2006, p.73) insistia que haveria de existir “outro tipo de alimento, outra maneira de comer, outra maneira de compreender os prazeres da vida”. A escolha pelo rótulo Slow Food, em inglês, foi uma reação ao fenômeno Big Mac, se mostrando, posteriormente, uma excelente estratégia para disseminação da filosofia do movimento (SCHNEIDER, 2008).

O Slow Food foi oficialmente constituído três anos depois e, hoje, organizado como uma associação sem fins lucrativos, está presente em mais de 160 países e é responsável por cerca de 1075 Convívios (grupos locais) e 310 Comunidades do Alimento¹ (SLOW FOOD, 2015). No Brasil, o movimento surgiu em 2000, com a criação do Slow Food Rio de Janeiro, e, atualmente, está presente em todas as regiões no país, contando com 65 Convívios, 178 Comunidades do Alimento, 19 Fortalezas do Sabor² e 10 Grupos de Trabalho (SLOW FOOD BRASIL, 2013a; 2013c).

Ao proporem uma reflexão sobre a retórica do movimento Slow Food à luz da Teoria da Aceleração Social, Santos e Pessoa (2020) explicam que a identidade da nova gastronomia proposta pelo movimento ainda não se encontra totalmente consolidada. Este movimento propõem um diálogo entre ciência e tradição, resultando em uma negociação retórica entre a vida acelerada e um envolvimento mais lento com o mundo. Os autores comentam que Petrini define a comida como um produto cultural, ligado a questões de qualidade, sustentabilidade, biodiversidade e justiça social, endossando que os princípios do sabor e do prazer são alcançados por meio do desfrute lento do alimento.

Os autores analisam que a aceleração da cadeia alimentar desafia os limites naturais do planeta, argumento utilizados para legitimar o movimento e justificar um novo modo de pensar sobre a alimentação. Seguem comentando que, ao defender que o conhecimento tradicional e a preservação e a transmissão entre gerações de saberes, tradições, know how e práticas culturais associadas ao cultivo e preparo ou alimento, o Slow Food se mostra como um movimento de contrafluxo ao modo automático e irracional, dos alimentos.

¹ Entidade engajada na proteção de sementes, colheita, produção, cultivo, pesca, processamento e distribuição de alimentos, marketing, educação e outras atividades ecogastronômicas (SLOW FOOD, 2015)

² Projetos para reunir pequenos produtores isolados, ajudando a resolver suas dificuldades e conectando-os com mercados alternativos (SLOW FOOD BRASIL, 2013a; 2013c)

A rejeição a vida rápida e acelerada levanta preocupações sobre questões sobre o que se come, como se come e, principalmente, a origem do que se come, que, por sua vez, se unem a esforços para questionar e afastar a comida instantânea e padronizada, reflexo da globalização. Assim, Santos e Pessôa (2020) concluem que as estratégias retóricas do movimento Slow Food permitem situá-lo como um esforço de desaceleração ou lentificação, no contexto social moderno, o que faz como que venha sendo vinculado a movimentos de consciência temporal, inspirando indivíduos e grupos que tentam viver em um ritmo mais ponderado, em contraponto à crescente aceleração social e seus efeitos na sociedade moderna.

Nas décadas seguintes ao surgimento do Slow Food, o questionamento da necessidade de velocidade e consumo acelerado se espalhou para uma ampla gama de disciplinas e aspectos da vida e relação lenta com o mundo foi moldada por vários movimentos sociais, que se tornaram formas móveis e virtuais de conexão e identificação social (CRESSWELL, 2010). Assim como no *Slow Food*, o *Slow Cities* também se institucionalizou como um movimento, se concentrando no “desenvolvimento de lugares que desfrutam de uma vitalidade robusta, com base em boa comida, ambientes saudáveis, economias sustentáveis e na sazonalidade e ritmos tradicionais da vida comunitária” (KNOX, 2005, p. 6). Mais de sessenta cidades italianas e de outros países se intitulam *Slow Cities*, com esforços no sentido de se tornarem oásis de tranquilidade (HONORÈ, 2019). Pink (2008) identifica o movimento de cidade lenta, em que os participantes criam economias locais alternativas baseadas em práticas de consumo lentas, como a compra de itens produzidos principalmente ou cultivados dentro da comunidade local.

Como os movimentos Slow Food e CittaSlow, as formas lentas de viver (*Slow Living*) adotam essa ênfase no consumo ponderado do tempo, lutando com as pressões externas que insistem no ritmo acelerado de vida moderna. Segundo Chapman (2013), o Slow Living, que engloba o Slow Life, é um processo que envolve simplificar, de modo geral, todas as esferas da vida, minimizar distrações e se reconectar com a origem e essência das atividades diárias, o que incita maneiras diferentes de ser, de comer, de se vestir, de se mover. Este modo de vida passa, obrigatoriamente, pela consciência acerca das escolhas diárias de consumo (CHAPMAN, 2013), o que carrega e legitima as vertentes de *Slow Fashion* e *Slow Made*.

Enquanto o *Slow Fashion* sustenta a ética e sustentabilidade da cadeia de produção e demais itens relacionados ao mercado da moda (POOKULANGARA e SHEPHARD, 2013), o *Slow Made* (ou *Handmade*) está atrelado ao resgate do processo de fabricação artesanal de objetos (FLETCHER, 2010). Este último autor fala que estes conceitos passam pela necessidade de uma revisão da mentalidade, lógica e percepção sobre o processo de moda e de produção, dando ênfase à desaceleração e levando em conta a ética e sustentabilidade. Como resultado, conquista-se maior qualidade, condições de trabalho justas e menor volume de produção e consumo.

Tanto o *Slow Fashion* quanto o *Slow Made* definirão, então, que o valor está, justamente, no processo empregado para fabricação e na singularidade e unicidade os objetivos, em contraponto a padronização e massificação advindas dos itens fabricados em linhas de produção industriais. Estas vertentes são fenômenos crescentes, ainda que sua taxa de crescimento seja incerta, assim como se, em algum momento, terá atuação global como possui o *Fast Fashion* (ERTEKIN e ATIK, 2015; POOKULANGARA e SHEPHARD, 2013).

HONORÉ (2019, p. 23-24) resume a filosofia Slow na palavra equilíbrio, pregando a rapidez e a lentidão quando estas fizerem sentido: “Trata-se de tentar fazer tudo à velocidade certa. Saboreando horas e minutos em vez de apenas contá-los. Fazendo tudo o que for possível, em vez de ser o mais rápido possível”. Enquanto insiste nos prazeres derivados da vida lenta e demonstra o potencial democrático crítico desse estilo de vida, a filosofia Slow vem sendo vinculada a formas de consumo lento que tentam trazer um ritmo mais relaxado de vida (SCHNEIDER, 2008).

Berg e Seeber (2016) atribuem a inspiração do Movimento Slow aos crescentes sentidos de gerência, eficiência, produtividade e competitividade decorrentes do pós Revolução Industrial. Estas autoras criticam as práticas de gerenciamento do tempo e propõem um movimento de contracultura ao defender o lento em meio da sociedade agitada e acelerada de hoje. Ser lento seria, portanto, a valorizar do equilíbrio, ousando ser cético em relação as promessas da produtividade, e resgatar o prazer.

As formas de consumo atreladas ao Movimento Slow não estão relacionadas à ociosidade, tampouco se trata de rejeitar a modernidade ou a tecnologia (HONORÉ, 2019). Apregoa-se formas de consumo lento como aquelas que prezam a exploração e apreciação do ritmo natural e normal das coisas, permitindo experimentar cada ato de consumo de modo integral, intenso e suficiente. Este Movimento é defendido não como um modismo ou tendência rasa, mas como um (re)direcionamento ou uma (re)conexão, pautado no controle do ritmo da vida e na experimentação de relações significativas, intensas e vívidas.

Assim, o engajamento nas práticas das vertentes do Movimento Slow implica a negociação consciente das diferentes temporalidades que compõem o nosso cotidiano (PARKINS, 2004), em uma negociação retórica entre a aceleração da vida moderna e um envolvimento mais lento e ponderado com o mundo. Isso requer, necessariamente, uma revolução cultural contra a noção de que mais rápido é sempre melhor. Parkins (2004) argumenta que a lentidão, no consumo do Movimento Slow é construída socialmente para subverter a velocidade, podendo equivaler a uma metáfora crível de recusa ao hegemônico modelo acelerado da vida ocidental. Assim, a busca por tal Movimento parece estar relacionada a desejos de distensão do tempo físico e, até mesmo, de esquecimento do relógio – este uma instituição social central na sociedade ocidental e industrializada (ADAM, 2013), representando, à primeira vista, uma fuga à rotina acelerada.

Neste ponto, é possível sugerir que consumo lento pode equivaler a “oásis de desaceleração”, uma das cinco formas de desaceleração social elencadas por Rosa (2019a), dentro de sua Teoria da Aceleração Social. Por não serem passíveis de aceleração ou por apresentarem tendência a lentidão, estas formas de desaceleração social funcionam como “freios ou desaceleradores em ambientes de aceleração” (ROSA, 2019a, p.159). Assim, o autor define oásis de desaceleração como nichos territoriais, sociais e/ou culturais que escapam total ou parcialmente das formas e processos de aceleração da vida moderna. Como “puros ancoradouros de ressonância”, tais contextos são mais dificilmente perturbados por “coação alienante ou reificante” (ROSA, 2019a, p. XLVI).

Em um nível individual, as pessoas podem encontrar nesses “nichos territoriais e sociais” uma maneira de resistir a forças de aceleração e, assim, permitir a “experiência mais lenta do tempo”. Nestes espaços, o indivíduo acelerado, aquele “agitado, controlador, agressivo, apressado, analítico, estressado, superficial, impaciente, ativo, quantidade-mais-que-qualidade”, torna-se “calmo, cuidadoso, receptivo, tranquilo, intuitivo, sereno, paciente, reflexivo, qualidade-mais-que-quantidade” (HONORÈ, 2019, p.23), priorizando estabelecer conexões reais e significativas com o mundo. Frequentemente associados à sabedoria, momentos de contemplação da vida, criatividade, inventividade e estilos meditativos de argumentação, esses espaços são apresentados como um refúgio da vida moderna acelerada (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019; LEVINE, 2015; PARKINS, 2004; ROSA, 2019a). Como “ilhas de lentidão”, esses espaços “não apenas já existem, mas, além disso, proliferam” (HARVEY, 2014).

Contudo, estabelecer uma oposição binária entre aceleração e desaceleração é muito simplista (PARKINS, 2004). Nesse sentido, a simultaneidade do consumir sob o rótulo Slow e o estar em uma sociedade contemporânea descortinam vivências e desafios diversos para os consumidores, na medida em que a lentidão é construída como uma subversão deliberada no domínio da aceleração. Neste contexto, a presente pesquisa propõe a seguinte questão de pesquisa: **como se dá o processo de desaceleração no ambiente estrutural contemporâneo, por meio do consumo sob o rótulo Slow?**

1.1. Objetivos

À luz da contextualização anteriormente exposta, o objetivo desta tese consiste em **compreender o processo de desaceleração do consumidor no ambiente estrutural contemporâneo, por meio do consumo sob o rótulo Slow.**

Para alcançar o objetivo geral proposto, foram definidos os seguintes objetivos específicos que orientaram a presente pesquisa:

- (i) analisar como os consumidores constroem sentido e os significados de desaceleração por meio do consumo Slow;
- (ii) entender a construção e gerenciamento de experiências extraordinárias de desaceleração a partir do consumo Slow;
- (iii) definir oásis modernos de desaceleração.

1.2. Delimitação

Entendendo a delimitação como uma espécie de moldura aplicada a determinada pesquisa, o presente estudo debruçou-se sobre quatro vertentes do *Movimento Slow*. São elas: *Slow Food*, *Slow Life*, *Slow Fashion* e *Slow Made* (ou *Handmade*).

A coleta dos dados foi realizada de junho de 2019 até dezembro de 2021. Quanto a delimitação espacial, concentrou-se nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, devido a, pelo menos, quatro motivações principais: (i) o Rio de Janeiro é a cidade sede da pesquisa ; (ii) São Paulo é o palco da Rede Desacelera SP que busca ajudar as pessoas a desacelerarem na cidade de São Paulo; (iii) estas cidades possuem uma maior variedade de opções de consumo relacionadas as vertentes *Slow Food*, *Slow Life*, *Slow Fashion* e *Slow Made* (ou *Handmade*) do Movimento Slow; e (iv) estes locais eram mais acessíveis e relevantes para a pesquisadora realizar a coleta de dados.

No que tange a delimitação teórica, esta tese utilizou a Sociossemiótica (LANDOWSKI, 2014a) como aporte teórico-metodológico para o entendimento acerca dos os sentidos e significações atribuídos a experimentação da desaceleração por meio do consumo. Ademais, o Consumer Culture Theory (CCT) funcionou como perspectiva teórica para este estudo, uma vez que intentou compreender aspectos socioculturais, experienciais e simbólicos do consumo como ponto de partida para o entendimento do comportamento do consumidor (ARNOULD e THOMPSON, 2005).

1.3. Relevância

No domínio dos estudos de consumo, discussões sobre experiências de consumo vêm recebendo razoável atenção na literatura de marketing, ainda que lacunas e desafios ainda se façam presentes (BRASIL, 2007). Em paralelo, Scussel (2020) ressalta que o tema de experiências extraordinárias vem sendo negligenciado até meados da década de 1990. Neste sentido, o desenvolvimento desta tese busca contribuir para avançar a respeito de discussão sobre experiências extraordinárias, um tipo específico de experiência de consumo com alta carga emocional e, muitas vezes, potencial transformador.

Durante a revisão de literatura, notamos que as experiências extraordinárias eram, muitas vezes, retratadas como eventos pontuais, específicos, situados em espaços não rotineiros. Em tese, é possível sugerir que, nestes casos, a experimentação do extraordinário (no caso, o sentido de desaceleração) é facilitada pela nova constelação de elementos e configuração do novo espaço no qual se consome, cujas características, regras e normas podem (ou não) ser manipuladas em direção à extremidade antiestrutural do *continuum*, possibilitando, assim, enfatizar a lentidão. Ou seja, a experimentação de tal experiência de consumo tinha potencial de transformar o indivíduo, que, mediante seu término, aos poucos, se extinguiu conforme o indivíduo adentrava em rotina.

Skandalis *et al* (2019) dão um passo importante ao encontro desta lacuna, ao estudarem experiências extraordinárias imersa em contexto cotidiano e estrutural. Ainda que demonstrem a interação entre aspectos ordinários e extraordinários na experiência analisada, reconhecem que “há uma compreensão mais limitada dos casos em que experiências extraordinárias desenvolvem sentido enquanto permanecem dentro das estruturas da vida cotidiana” (SKANDALIS *et al.*, 2019, p. 44). A presente tese pretende ir ao encontro de tal lacuna, ao buscar entender a natureza extraordinária de desaceleração experimentada por meio do consumo em torno do Movimento Slow, imerso em contextos estruturais.

O Movimento Slow e suas vertentes é uma tendência emergente (SALES OLIVEIRA, 2020), contudo, até o momento, as conexões entre este movimento e as diversas percepções e representações subjetivas acerca da aceleração e desaceleração ainda precisam ser investigadas (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019). Ou seja, apesar da identificação deste movimento, tem havido uma exploração limitada do processo como as pessoas alteram seus ritmos temporais quando se engajam nessas formas mais lentas de consumo. Isto pode representar a necessidade de compreensão não apenas das experiências, mas também das percepções e representações dos sujeitos acerca da desaceleração existente por trás do Movimento Slow.

No cerne deste Movimento está a desaceleração (ou seja, ritmo e uso do tempo) como representação do tempo. Sales Oliveira (2020) aponta que ainda há pouco consenso sobre o que realmente significa ‘lento’ e como este é praticado ou interpretado, principalmente, na percepção do consumidor. Ademais, o ‘lento’ que o Movimento Slow carrega não tem um significado particular e único, mas é um

significante de valor superdeterminado (PARKINS, 2004), constantemente interrogado e ressignificado. Embora não permita uma “análise definitiva da eficácia de uma política de temporalidade” (PARKINS, 2004, p. 371), esta variedade de significados joga luz sobre as possibilidades de usufruto do tempo na vida cotidiana, o que abre espaço para a necessidade de “capturar o impacto e as experiências do movimento lento por meio de métodos de pesquisa empírica”, o que requer pesquisas “para estabelecer como o Movimento Slow realmente tem atingido seus principais objetivos e iniciativas” (HSU, 2015, p. 638).

Ademais, deve-se considerar a constante mudança dos significados e valores atribuído à velocidade e desaceleração (VOSTAL, 2017). Essa noção de temporalidade está diretamente relacionada ao desdobramento de significados que emergem durante um evento e que são relevantes para alguém ou alguma coisa (WOERMANN e ROKKA, 2015). A desaceleração se relaciona de modo dialético e, ao mesmo tempo, controverso à aceleração: ora pode assumir-se como consequência não intencional da aceleração; ora pode assumir-se como condição necessária para gerar uma maior aceleração (ROSA, 2019a). Assim, tanto a aceleração quanto a desaceleração figuram como fenômenos distintamente relevantes e importantes, para os quais cabem análises socioculturais (VOSTAL, 2017).

Quando um ritmo rápido encontra um lento, o rápido está fadado a vencer, com sérias consequências para o tecido da sociedade (ERIKSEN, 2001). Por ser uma maneira de ver e experimentar o consumo que desafia aquele modelo dominante ou hegemônico (HONORÈ, 2019), o Movimento Slow ganha relevância gerencial e social a partir do momento em que é visto como uma alternativa ao padrão de estilo de vida cada vez mais acelerado (ADAM, 2013; PARKINS, 2004).

Nos últimos anos, o Movimento Slow ganhou destaque por, dentre outros motivos, jogar luz sob a necessidade de recuperação do bem-estar através do reequilíbrio das diversas perspectivas da vida, buscando uma nova relação com a temporalidade (BAUER, PANOSSO NETTO E TRIGO, 2015). Os autores explicam que, a partir da transformação da relação da sociedade com o tempo, tal movimento propõe uma nova relação do homem, consigo, com seu meio, seus sistemas de produção, de concepção de valores e de ordenamento institucional.

A discussão sobre a transformação da relação da sociedade com o tempo foi intensificada com o recente cenário pandêmico, entre os anos de 2020 e 2021, requereu o distanciamento social, restringindo deslocamentos (BRASIL, 2020) e obrigando parte significativa da população mundial a uma desaceleração do ritmo de vida. Sentido, sobretudo, por aqueles com o privilégio de permanecer em casa durante o período de distanciamento social, este evento motivou a revisão de velhos hábitos e a reflexão acerca da necessidade de se impor um ritmo menos frenético para a vida.

Contudo, a temática sobre desaceleração social extrapola o cenário pandêmico, invadindo discussões sobre a necessidade de mudança dos estilos acelerados de vida em troca de uma melhor qualidade de vida e de saúde mental. Deste modo, a reflexão sobre o Movimento Slow pode contribuir para o entendimento acerca do descompasso entre os ritmos sociais e biológicos que o indivíduo experimenta (BAUER, PANOSSO NETTO E TRIGO, 2015).

1.4. Estrutura da tese

O estudo está organizado em seis capítulos: Introdução, Referencial Teórico, Procedimentos Metodológicos, Análise e Interpretação dos Dados, Discussão dos Dados e Considerações Finais.

O primeiro capítulo apresenta a contextualização da pesquisa, o problema que busca responder e seus objetivos, além de tecer considerações sobre as relevâncias acadêmica, gerencial e social desse estudo e as delimitações contextuais, teóricas, temporais e espaciais.

O segundo capítulo apresentado o referencial teórico que sustenta esta tese. Inicia-se com a apresentação de temas de temporalidade em consumo, principalmente, de lentificação e desaceleração por meio do consumo, passando pela literatura sobre experiências extraordinárias, fundamentadas, principalmente, pelos conceitos de estrutural e antiestrutural. Em seguida, aborda-se a Teoria da Aceleração (ROSA, 2019a) para buscar entender possíveis estratégias de desaceleração. Finalmente, entendendo que a noção de temporalidade está diretamente relacionada ao desdobramento de significados que emergem durante essas transições e que são relevantes para alguém ou alguma coisa (WOERMANN

e ROKKA, 2015), é detalhada a Sociossemiótica, de Landowski, que funciona como o aporte teórico metodológico desta tese.

O terceiro capítulo aborda o percurso metodológico desta pesquisa, desde a etapa de sondagem e inserção no campo, a forma da coleta de dados, os procedimentos para a elaboração da pesquisa, o método empregado na análise dos dados e as limitações decorrentes da metodologia utilizada.

O capítulo quatro apresenta a análise e interpretação dos dados do estudo. Com o auxílio da Sociossemiótica, são apresentados os sentidos e significações atribuídos pelos entrevistados ao modo como experimentavam a desaceleração por meio do consumo, em um ir e vir constante entre a rapidez e a lentificação. Como essa experimentação da desaceleração ocorre em meio ao ambiente rotineiro, elementos estruturais e antiestruturais serão constantemente submetidos a uma série de combinações, movimento analisado em seguida.

O capítulo cinco apresenta a discussão de dados, abordando como o extraordinário emerge da aproximação do sentido combinada a dosagem de elementos estruturais e antiestruturais e de estratégias ativas de desaceleração. Em seguida, são tecidos comentários sobre a centralidade da estesia no extraordinário.

O capítulo seis apresenta as considerações finais da pesquisa, resumindo os resultados encontrados e apresentando as limitações do estudo e suas contribuições teóricas e gerenciais, além de sugestões de pesquisas futuras. Referências e anexos encerram o documento.

2 Referencial teórico

Este tópico apresenta a revisão de literatura relacionada a tempo e desaceleração em estudos de consumo (2.1) e experiências extraordinárias (2.1.1); Teoria da Aceleração Social (2.2); e Sociossemiótica e os Regimes de Interação (2.3). Finalmente, é apresentado o Quadro analítico desta pesquisa (2.4).

2.1. Temporalidades em estudos de consumo

Como fenômeno, a temporalidade é importante em uma variedade de contextos de pesquisa e práticas do consumidor (WOERMANN e ROKKA, 2015). O tempo não é apenas um quadro dentro do qual o consumo ocorre em um determinado momento ou em intervalos, mas uma característica inerente à própria experiência de consumo.

Várias perspectivas são adotadas pelos estudos de consumo sobre o tempo e a temporalidade: a econômica, a psicológica, a sociológica e a psicossociológica. Estudos sob a perspectiva econômica abordam o tempo como um recurso intangível, valioso e em quantidades limitadas e finitas. Consumidores podem usar ou adquirir tempo negociando outro recurso, como dinheiro ou esforço, para, então, poderem alocá-lo em atividades ou tarefas de consumo (OKADA e HOCH, 2003).

Pesquisas que adotam a perspectiva psicológica abordam as implicações do tempo nas experiências de consumo, enfatizando a percepção subjetiva do consumidor acerca da temporalidade. Nesta perspectiva, o tempo é concebido como episódios de uma corrente universalmente constante, um absoluto físico que os indivíduos percebem ou julgam de maneira diferente (USUNIER e VALETTE-FLORENCE, 2007). Por fim, em contraste com as anteriores, as perspectivas sociológicas e psicossociológica defendem o tempo como algo construído em um contexto sociocultural que o valoriza. Assim, as estruturas e processos sociais moldam os usos e percepções individuais do tempo (HIRSCHMAN, 1987).

A literatura sobre temporalidade em consumo não permite um consenso sobre possíveis rótulos para o tempo, tampouco sobre suas relações com o consumo. Em sua revisão de literatura, Lallement e Gourmelen (2018) encontram vários “tempos” em consumo e, portanto, propõem que sua natureza difira em um *continuum*, no qual encontramos: (a) um dos extremos, os modelos centrados na teoria da decisão racional clássica, totalmente individual, e (b) no outro, os modelos situacionais de avaliação do tempo, que valorizam os contextos nos quais o consumo acontece e assumem o tempo como construção coletiva. No meio destes extremos, encontram-se (c) os modelos experienciais, que valorizam os aspectos hedônicos e os efeitos afetivos do consumo sobre a percepção de duração de tempo (LALLEMENT e GOURMELEN, 2018). Concluem, ainda, que os relacionamentos possíveis do consumidor com o tempo podem ser entendidos como resultado de traços de personalidade, adentrando em questões médicas, biológicas, farmacológicas e de genética ou como um recurso utilizado pelo consumidor para alocar atividades e estima.

A sensação de que “o tempo voa quando você se diverte” ou de se arrasta quando se está entediado evidencia a importância de se considerar a subjetividade do consumidor, que, muitas vezes, pode estar dissonante em relação ao tempo objetivo e realmente decorrido (equivalente ao extremo (a) do *continuum* acima citado). Assim, a classificação de tempo como recurso de natureza experiencial (ponto (c) do *continuum*) é entendida como adequada aos objetivos desta tese, uma vez que admite uma natureza coletiva e um caráter social à lógica temporal, ainda que com uma concepção individual do tempo, ou seja, “desenvolvida por cada indivíduo de acordo com sua própria experiência” (BOUDER-PAILLER, 2008, p. 82).

Sob a perspectiva adotada por esta tese, os estudos de temporalidade em consumo relatam que as experiências temporais dos consumidores são influenciadas por variáveis vinculadas à atividade realizada em determinado período de tempo e variáveis contextuais, individuais e sociais associadas ao consumo (LALLEMENT e GOURMELEN, 2018). Por exemplo, quando o tempo é escasso, tende-se a usá-lo com mais cuidado, em eventos familiares ou comuns a vida diária e que reflitam características do tempo presente (BHATTACHARJEE e MOGILNER, 2014). Agarwal e Karahanna (2000) falam sobre o planejamento prévio da atividade de consumo e seu impacto na percepção de tempo dos

consumidores. À medida que o tempo de navegação na Internet era maior do que o inicialmente planejado, o tempo era percebido como se passando mais rapidamente. Tsai e Zhao (2011) apontam que os consumidores subestimam o tempo despendido em atividades agradáveis e, inversamente, superestimam o tempo gasto em atividades desagradáveis.

Usando um aeroporto como objeto de estudo, Bergadaà (1990) evidenciou que passageiros em viagens a trabalho percebiam o tempo de espera antes do voo como perda de tempo, uma vez que não se tratava de trabalho nem de lazer, o que lhes garantia uma sensação de arraste temporal. Já aqueles que estavam em viagens de férias ou a passeio tinham uma concepção mais hedônica do tempo, vendo o tempo de espera como um tempo normal e natural à cadência dos acontecimentos, o que lhes permitia desconectar de seu passar e percebê-lo como se desdobrando mais suavemente.

Ao buscarem capturar e conceituar a “rapidez” ou “lentidão” das práticas de consumo e explicar como essas emergem e mudam, Woermann e Rokka (2015) introduzem o conceito de fluxo de tempo. Pautados na abordagem teórico-prática, os autores utilizam cinco componentes das práticas para suportar sua tese: elementos materiais, hábitos e rotinas individuais, aspectos contextuais, estados afetivos e culturais. Um alinhamento ou desalinhamento entre estes elementos constituintes das práticas de consumo determina seu desenrolar normal ou anormal e, conseqüentemente, a temporalidade experimentada pelo consumidor.

Assim, o estudo mostra que elementos das práticas de consumo desalinhados entre si representam obstáculos ou restrições que interrompem a cadência regular da prática, fazendo com que os consumidores sintam experiências temporais anormais, seja de arraste (tédio, embotamento), seja de pressa (estresse, agitação). Esse desalinhamento evidencia um fenômeno no qual diferentes velocidades se encontram, fazendo com que os indivíduos percebam o tempo de modo anormal, seja lento, seja rápido demais. Por outro lado, quando os elementos da prática de consumo estão perfeitamente alinhados, o fluxo temporal se desenrola natural e normalmente, acarretando experiências de tempo não problemáticas quanto à rapidez ou lentidão. Ainda, os autores demonstram que atividades novas ou fora da rotina levam a uma sensação de maior duração em comparação às atividades rotineiras.

Embora os autores expliquem a maneira como a temporalidade é experimentada pelo consumidor, não esclarecem sobre como os consumidores experimentaram a desaceleração e quais mecanismos estariam envolvidos nesse processo. Essa lacuna é parcialmente preenchida pelo trabalho de Husemann e Eckhardt (2019), ao explorarem o Caminho de Santiago de Compostela como uma experiência de consumo alternativa de escape à vida acelerada, a qual caracterizam como um “oásis de desaceleração”, conceito que pegam emprestado de Rosa (2019a), por ser um espaço onde a velocidade e o ritmo da vida são temporariamente retardados.

Ao longo do consumo do Caminho de Santiago de Compostela, ocorre a desaceleração dos consumidores (peregrinos), definida como a percepção de uma experiência temporal desacelerada, por meio da diminuição em certas quantidades por unidade de tempo. Essa experiência pode ser alcançada a partir da alteração de ritmos temporais acelerado para aqueles mais lentos, que ocorre de três modos diferentes (desaceleração corporificada, tecnológica e episódica) e é gerada pela alteração, adoção ou evitação de determinadas formas de consumo.

A desaceleração corporificada é definida como a “diminuição da distância percorrida por unidade de tempo” (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019, p. 1150), resultado do envolvimento com modos lentos de locomoção, como a caminhada, como modo lento de locomoção, e da experimentação da exaustão e de dores físicas, que inibem ou punem tentativas de aceleração. A desaceleração tecnológica é a “diminuição do uso da tecnologia por unidade de tempo” (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019, p. 1153), resultante do controle rigoroso do uso da tecnologia. Por fim, a desaceleração episódica se refere a “diminuição no número de episódios de ação por unidade de tempo” (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019, p. 1155) e resulta da simplificação de experiências e da redução das escolhas dos consumidores.

Contudo, Husemann e Eckhardt (2019) apontam que o consumo do Caminho de Santiago de Compostela se configura como uma experiência extraordinária na qual o consumidor se retira de seu ambiente cotidiano e imerge em uma nova experiência de consumo, muitas vezes, primeira e única. Cumpre, portanto, adentrar à literatura sobre experiências extraordinárias.

2.1.1. Experiências extraordinárias

Tradicionalmente, a literatura concebe experiências extraordinárias como incomuns, infrequentes e vão além do âmbito da vida cotidiana (BHATTACHARJEE e MOGILNER, 2014). Estão atreladas ao desejo dos consumidores de escape das atividades rotineiras, das regras que envolvem o dia a dia das pessoas e das estruturas socioculturais da contemporaneidade (ARNOULD e PRICE, 1993). Assim, os autores explicam que tais experiências ganham destaque por oferecerem, dentre outros, redução da ansiedade e melhoria na qualidade de vida.

Dentro da perspectiva teórica da Consumer Culture Theory (CCT), na qual esta tese se enquadra, são diversos os estudos sobre experiências extraordinárias. Ao estudar a experiência vivida por participantes de raftings nos rios, Arnould e Price (1993) concluem que a harmonia com a natureza, a interação entre os participantes e o senso de comunidade criado (*communitas*) e o senso de transformação pessoal a partir da superação de desafios são importantes dimensões da experiência extraordinária. Assim, tradicionalmente, o sucesso desta experiência extraordinária está atrelado a narrativa criada e sustentada a partir da imersão total em um novo contexto de consumo.

À temática de experiência extraordinária, Celsi, Rose e Leigh (1993) acrescentam o conceito de subcultura de consumo ao investigarem as experiências de paraquedistas como estratégia para escape da rotina. Belk e Costa (1998) demonstram como o consumo da fantasia serve para potencializar a sensação de escape da rotina em experiências extraordinárias. Do mesmo modo, Arnould, Price e Otner (1999, p. 41) demonstram que a percepção do “slowtime” dos participantes de raftings nos rios emerge justamente da “uma consciência alterada e apreciação do ambiente do rio”.

Nesta linha, Kozinetz (2002) demonstra como a imersão no evento *Burning Man Festival*, que tem como foco a minimização do consumo, contribui para que seus consumidores experimentem sensações de desaceleração, majoritariamente, a partir da contraposição, independência e emancipação da lógica do mercado. Similarmente, a partir de espaços de festas de músicas eletrônicas, Goulding *et al.* (2009) investiga a promoção de prazer e, conseqüente, a condução à experiências extraordinárias.

Ao analisarem a relação entre idade, vivência de experiências extraordinárias versus ordinárias e felicidade, Bhattacharjee e Mogilner (2014) defendem que indivíduos jovens e que têm muito tempo sobrando gozam de maior felicidade quando se engajam em experiências extraordinárias do que quando em experiências comuns. No oposto, experiências comuns geram felicidade crescente à medida que as pessoas envelhecem e se percebem com ‘pouco tempo restante’.

Até então, estes estudos foram unânimes em defender que experiências extraordinárias são formadas por um conjunto majoritário de características antiestruturais, responsáveis por romper com a monotonia do cotidiano, surpreender e estimular emoções nos consumidores (TUMBAT & BELK, 2011; CARÙ & COVA, 2003). Por isso, experiências extraordinárias e ordinárias têm sido comumente teorizadas como contextualizadas, respectivamente, fora e dentro da vida cotidiana (BHATTACHARJEE e MOGILNER, 2014).

Sob a perspectiva da teoria estrutural, Turner (1969) explica que, em um *continuum* estrutura/ antiestrutura, de um lado tem-se características estruturais, que correspondem a organização da sociedade, enquanto do lado oposto, estão as características antiestruturais, as quais por não fazer parte da vida social mundana, oportunizam a ocorrência de experiências extraordinárias. Para o autor, as características estruturais se expressam como regras, práticas e normas cotidianas e, por isso, apontam para a modalização das ações humanas dentro da ordem sociocultural. Contribuem para relações relativamente estáveis, consistentes e ordenadas e, assim, para a manutenção do tecido sociocultural. Segundo o autor, tais elementos estruturais contribuem, portanto, para a ocorrência de experiências ordinárias, frequentes e comuns à estrutura geral da sociedade e aos papéis e status sociais (TURNER, 1969).

Já, os elementos antiestruturais tendem a estar relacionados a libertação do comportamento humano da adesão às normas socioculturais, apontando para relações instáveis, inconsistentes e desordenadas e que contribuem para a ruptura do tecido sociocultural (TURNER, 1969). Neste cenário, o autor pontua que emerge o extraordinário, como uma natureza sagrada que escapa à lógica do mercado, repleta de interações positivas, colaborativas e comunitárias entre os participantes que, por terem objetivos semelhantes e compartilhados, experimentam uma diminuída individualidade. Ademais, experiências extraordinárias possuem como outras características: serem orientadas a expressão do self; interessantes,

estimulantes e arriscadas; financeiramente caras; coletivas, românticas e nostálgicas (TURNER, 1969).

Tumbat & Belk (2011) ampliam esta visão tradicional ao defender a experimentação do extraordinário a partir das negociações, tensões e desequilíbrios entre características antiestruturais e estruturais, como, por exemplo, comunidade versus mercado, autêntico versus comercial, natureza versus cultura, sagrado versus profano, liminar versus cotidiano e libertador versus constrangedor.

Mais tarde, ao estudar peregrinações religiosas, Husemann *et al.* (2016) identificam uma posição intermediária entre os extremos estrutura/ antiestrutura (o qual chamam de anestrutural), espaço no qual os peregrinos experimentam quatro tipos de tensões de mercado, dentre as quais:

“Promover interações colaborativas versus limitadas; perseguir metas compartilhadas versus diferentes, atenuar versus enfatizar diferenças, imergir em communitas versus focar em si mesmo e experimentar momentos sagrados e separados que transcendem a comercialidade versus experimentar momentos profanos e seculares que mantêm a comercialidade”. (HUSEMANN *et al.*, 2016, p. 2).

Ao longo da peregrinação, os consumidores navegam por tais tensões até, finalmente, alcançarem um estado experiencial equilibrado, que pende mais à extremidade antiestrutural do continuum. Tanto que os autores explicam que o excesso de produtos comerciais (característica estrutural) no ambiente de peregrinação pode gerar conexão dos consumidores às suas vidas rotineiras, revelando tensões e, conseqüentemente, influenciando negativamente a experiência extraordinária.

Igualmente, o trabalho Husemann e Eckhardt (2019) sobre o consumo no Caminho de Santiago de Compostela reforça a importância de o estado experiencial pender mais à extremidade antiestrutural do continuum para a promoção da experiência extraordinária. Ao longo do Caminho, os provedores de serviço estabelecem regras e normas, como a não oferta de meios de transporte, o que incentivam ou até forçam os peregrinos a se mover a pé e lentamente e, assim, experimentar a desaceleração corporificada. Ainda, existe o forte desestímulo ao uso da internet e dispositivos móveis e o incentivo a comunicação e interação pessoal entre os peregrinos, o que leva a experimentação da sensação de desconexão e, assim, de desaceleração tecnológica. Os poucos restaurantes e albergues, com poucas opções de pratos e acomodações, reduzem as possibilidades de consumo,

escolha e tomada de decisões, limitando os consumidores a um rol a atividades altamente repetitivas, rotineiras e altamente estruturadas. Essa simplificação, repetição e mesmice garante a desaceleração física e mental dos peregrinos.

Em comum a todos estes estudos está a ideia de que é necessária a imersão do consumidor em um ambiente não rotineiro para experimentação de experiências extraordinárias. Ademais, se encontram nas razões pelas quais os consumidores se envolvem em experiências extraordinárias: a intenção de envolverem-se profunda e abertamente com elementos antiestruturais na esperança de renovação, libertação e transcendência das estruturas, limites e restrições da vida cotidiana (LANIER e RADER, 2015).

Em tese, há de se admitir que a saída do consumidor de seu ambiente trivial e cotidiano garante um alinhamento às características do novo local, o que, por si só, já lhe permite viver de acordo com lógicas temporais diferentes daquelas experimentadas em suas vidas cotidianas. Ou seja, a experimentação do extraordinário (no caso, o sentido de desaceleração) é facilitada pela possibilidade de configuração de um espaço orquestrado de consumo, cujas características, regras e normas permitem ser manipuladas em direção à extremidade antiestrutural do *continuum*, possibilitando, assim, enfatizar a lentidão.

Diante da necessidade e importância da imersão em novo espaço para que, assim, os consumidores experimentem o extraordinário, não está claro de que modo o similar fenômeno acontece quando o consumidor está inserido em seu ambiente rotineiro de consumo. Existe, portanto, espaço para compreensão sobre como os consumidores experimentam a desaceleração em um local onde uma lógica temporal acelerada domina – ou seja, em um ambiente estrutural. Esta é apontada, inclusive, como agenda para futuras investigações em consumo por Husemann e Eckhardt (2019):

“dada a importância e a necessidade de um espaço isolado que promova uma lógica temporal desacelerada, não está claro que, na vida diária, controlar o uso da tecnologia ou se envolver em menos episódios de consumo ou desacelerar o corpo em uma aula de ioga de uma hora resultaria em desaceleração. A desaceleração ocorre intensamente em um oásis de desaceleração, dadas as características, regras e normas do mercado que enfatizam a lentidão e permitem que a lógica temporal desacelerada prevaleça. Pesquisas futuras podem examinar se os consumidores podem transferir com sucesso suas habilidades de desaceleração adquiridas para a vida diária e experimentar a desaceleração em um lugar onde domina uma lógica temporal acelerada”. (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019, p. 1159)

Skandalis *et al.* (2019) deram um passo ao encontro desta lacuna, ao estudarem experiências extraordinárias a partir de um festival de música na cidade de Barcelona, ou seja, imerso em contexto cotidiano e estrutural. Eles concluem que o extraordinário foi capaz de emergir a partir da aceitação das tensões entre elementos estruturais e antiestruturais que compunham aquela experiência, a saber, na dualidade entre comercial e autêntico, rotina e escape, individualismo e comunidade.

Desta forma, estes autores demonstram que existe uma interação entre aspectos ordinários do consumo e a experiência extraordinária, ainda que esta relação não tenha sido explorada em profundidade. Tanto que reconhecem a necessidade de uma melhor compreensão de experiências extraordinárias que se desenvolvem dentro das estruturas da vida cotidiana (SKANDALIS *et al.*, 2019).

Assim, esta tese segue alinhada ao estudo de Skandalis *et al.* (2019) ao investigar os sentidos do extraordinário, ou da experimentação da desaceleração, que se desdobram em meio a vida cotidiana e estrutural, caracterizada por expressiva aceleração. Busca-se desvendar a natureza extraordinária de desaceleração experimentada por meio do consumo Slow, imerso em suas rotinas. Acredita-se que o entendimento sobre tais experiências permitirá apresentar uma compreensão alternativa sobre experiências extraordinárias cotidianas.

2.2. Tempo e aceleração

O tempo é uma categoria fundamental da realidade social. Todos os eventos, objetos e circunstâncias do mundo social são de natureza dinâmica ou processual, se desdobrando, se representando e se fazendo compreensível a partir do tempo.

Embora admita que sociedades se estendam por segmentos de tempo e espaço, dentro dos quais se reproduzem, trazendo o tempo como um conceito imprescindível em sua teoria da estruturação, Giddens (1987) trata-o como um dado físico, uma dimensão específica da sociedade. Aliado a este autor, o conceito de tempo de Elias (1984) parece adequado, uma vez que permite compreendê-lo como um fenômeno nem puramente externo, nem puramente interno ao ser humano, mas algo que considera a relação homem-natureza. O tempo pode ser entendido, assim, como uma instituição padronizada de acordo com necessidades de organização e interação de uma sociedade. Com função social reguladora, busca relacionar

“posições ou segmentos pertencentes a duas ou mais sequências de acontecimentos” (ELIAS, 1984, p. 13). Assim, conforme o desenvolvimento e sofisticação de uma sociedade, a complexidade social e a extensão das cadeias de interdependência passam a exigir um planejamento, uma regulação e uma ordenação mais precisas do tempo. Ainda, como dimensão social, o tempo muda ao longo das gerações, assim como a maneira de concebê-lo ou vivenciá-lo.

Em resumo, estruturas e horizontes de tempo representam um ponto de conexão entre a perspectiva de atores e sistemas. A medição, percepção e horizontes de tempo são, assim, culturalmente dependentes e se modificam com a estrutura social das sociedades. Rammstedt (1975) postula a existência de quatro formas de consciência e experimentação do tempo que se sobrepõem, não estabelecendo uma sequência histórica, e que associadas a horizontes temporais distintos, produzem orientações de ação diferentes. O autor advoga que nas sociedades simples, não diferenciadas, existe uma consciência de tempo que distingue o ‘agora’ e o ‘não agora’, de forma que o passado e o futuro são o ‘outro’ presente.

Mais tarde, nas sociedades diferenciadas por segmentos e camadas, o tempo é vivenciado como um ciclo de processos e estados reincidentes, fazendo com que a experiência de tempo seja diferenciada entre o ‘antes’ e o ‘depois’. Assim, o passado e o futuro são idênticos, o que tornam congruentes, respectivamente, o espaço de experiência e o horizonte de expectativa (RAMMSTEDT, 1975).

Contrária a essa visão, estabelece-se, na mais ainda diferenciada sociedade moderna, uma consciência temporal linear de tridimensionalidade simbólica, em uma linha que vem do passado, passa pelo presente e segue para o futuro. Assim, a experiência de tempo passa a ser diferenciada entre passado, presente e futuro, esse último fixo, determinado e fechado (RAMMSTEDT, 1975).

Por fim, na sociedade altamente diferenciada da modernidade tardia, predomina a consciência temporal linear como futuro aberto, no qual o desfecho do futuro não possui objetivo específico, permanecendo incerto. Esse último contexto corresponderia, de acordo com Rammstedt (1975), à experiência temporal de movimento ou aceleração continuados e à percepção do tempo como algo a ser controlado e medido por instrumentos.

Correlatamente, Martineau (2016) propõem um percurso de consciência e experimentação do tempo pelos indivíduos ao longo da história. Segundo ele, na modernidade inicial, o tempo é experimentado como algo concreto, que evolui em um ritmo definido pela natureza e pelo corpo. O tempo de lazer, ou tempo pessoal, era concebido como um tempo extraeconômico, um momento de contemplação, autorrealização, expressão do eu e socialização. Por exigir maior atenção, deliberação e engajamento prolongados do indivíduo, esse tempo de lazer garantiria a sensação de agência individual e controle, estando, assim, diretamente relacionado com os aspectos qualitativos do tempo e a experiência subjetiva de desaceleração.

Com o advento do capitalismo, impulsionada principalmente pela Revolução Industrial, o tempo torna-se abstrato, ditado, principalmente, pelos relógios e pelas necessidades de organização social em torno da produtividade. O tempo é mercantilizado, transformado em objeto no sistema de trocas econômicas e esvaziado de sua dimensão social. O indivíduo é impelido, então, a produzir e consumir cada vez mais rápido e em maior quantidade, como forma de manter em funcionamento um sistema de troca e de fluxo de símbolos e valores que não admite pausas ou suspensões. Nesse regime de tempo, considerando a necessidade de descanso entre turnos exaustivos de trabalho, o tempo de lazer deixa de ser visto como período de realização pessoal (MARTINEAU, 2016).

Finalmente, o tempo é literalmente destruído com a ascensão das tecnologias de informação e comunicação e, juntamente com a compactação espacial (HARVEY, 2012), pontua a dinâmica da sociedade moderna. O tempo de lazer torna-se, assim, uma das dimensões mais desafiadas nessa sociedade. “À medida que os indivíduos gastam seu tempo de lazer com práticas consumistas ou de entretenimento rápido passivo, o sentimento de aceleração supera as contrações que adviriam de práticas significativas de autorrealização”, as quais carregariam consigo a experiência de desaceleração (MARTINEAU, 2016, p. 223).

As concepções de Rammstedt (1975) e Martineau (2016) encontram comunalidade no momento da sociedade moderna tardia que, com o advento do capitalismo, trazem a acentuada aceleração temporal à baila.

Frente ao grande debate nas Ciências Sociais sobre se o conceito de modernidade ainda é útil, prefere-se considerar a existência de modernidades múltiplas³ (EISENSTADT, 2017). Segundo o autor, acreditava-se que os programas cultural e institucional da modernidade que se desenvolveu na Europa dominariam todas as demais sociedades modernas e em modernização. Contudo, os desenvolvimentos concretos nas sociedades em modernização refutaram as assunções homogeneizadoras e hegemônicas de tais programas, revelando sociedades distintamente modernas, ainda que influenciadas por premissas culturais e experiências históricas específicas.

Portanto, a implicação mais importante do termo “múltiplas modernidades” é que os padrões ocidentais de modernidade não constituem modernidades “autênticas”, apesar de gozarem de precedência histórica e servirem de referência para as demais (EISENSTADT, 2017, p. 140). Assim, o que se entende por “modernidade” na região Sudeste do Brasil pode ser diferente daquilo que se entende ser modernidade em países europeus, asiáticos, norte-americanos, ou até mesmo em outras regiões dentro do próprio Brasil.

O limiar da modernidade pode ser marcado pelo declínio da legitimidade incontestada de uma ordem social divinamente pré-ordenada (EISENSTADT, 2017). Ocorre, assim, a ampliação do rol de papéis sociais, antes estreitos, determinados, locais e familiares, além das possibilidades de pertencimento a comunidades translocais alargadas, sujeitas a possíveis mudanças. O projeto moderno de emancipação do indivíduo passa a enfatizar a autonomia individual no lugar de autoridade política e cultural tradicionais, tendo temas e símbolos de protesto – igualdade e liberdade, justiça e autonomia, solidariedade e identidade – como componentes centrais. Ainda, a modernidade estimulou a reflexividade, exploração e domínio da natureza, intensificou as migrações internacionais e, paralelamente, o desenvolvimento de problemas sociais, como a propagação de doenças, prostituição, crime organizado e violência juvenil (EISENSTADT, 2017).

³ No presente trabalho, unicamente por força do hábito, utilizar-se-á o termo modernidade no singular.

Contudo, um dos traços mais marcantes da sociedade moderna é o culto à velocidade (ADAM, 2013; BAUMAN, 2007a; CRARY, 2016; GIDDENS, 1987; 1989; 2002; HARVEY, 2014; OSBALDISTON, 2013; ROSA, 2019a; VIRILIO, 2010; VOSTAL, 2017), reflexo direto da Revolução Industrial. Iniciada na Inglaterra no século XVII e disseminada nas décadas seguintes entre as estruturas societárias capitalistas do Ocidente, a Revolução Industrial estabeleceu uma série de valores-base a essas sociedades, dentre os quais padronização, especialização, sincronização, concentração, maximização, centralização e aceleração (BAUER, PANOSSO NETTO e TRIGO, 2015).

Assim, a percepção cultural da sociedade moderna está estreitamente relacionada à ideia da aceleração da vida (GIDDENS, 1987; 1989; 2002; VIRILIO, 2010). Ao longo de sua história, essa sociedade aparece caracterizada por uma aceleração intensa e de grande repercussão dos processos tecnológicos, econômicos, sociais e culturais. Máquinas cada vez mais sofisticadas permitiram uma produção a nível antes inimaginável e o aprimoramento dos canais logísticos designou mais bem-sucedidas as empresas capazes de atender mais rápido seus clientes. Os atletas competem com base em suas velocidades, os novos computadores processam com cada vez maior velocidade e os meios de comunicação atingem diferentes países ao mesmo tempo em frações de segundos.

Além da necessidade de acelerar os processos e comportamentos humanos individuais e coletivos, o estilo de vida nas sociedades capitalistas ocidentais apontou para uma nova perspectiva espacial e temporal. Nesse contexto, o relógio torna-se símbolo das fábricas e da cidade, ditando fortemente os ritmos sociais e transformando o tempo em bem precioso. Assim, o ritmo, a velocidade, a duração e a sequência de atividades e práticas são “prescritos pelos padrões temporais coletivos e requisitos de sincronização da sociedade” (ROSA, 2019a, p. 9).

A regulação social sob a ordenação do tempo pode responder pela transformação dos tempos individuais e sociais em experiências difusas, tornando a distinção das temporalidades mais complexa, como àquelas associadas, por exemplo, ao trabalho, ao lazer e aos estudos (BAUER, PANOSSO NETTO e TRIGO, 2015). Nesse cenário, os indivíduos tidos como livres, na realidade, são fortemente regulados, dominados e reprimidos por um regime temporal em grande parte invisível, desarticulado, não discutido nem teorizado.

Torna evidente que o entendimento da natureza e da lógica de desenvolvimento estrutural e cultural da modernidade somente será adequado e completo se agregada a lógica temporal a sua análise. Como uma dimensão constitutiva do processo de modernidade, a aceleração é vista como uma força abstrata e totalitária na sociedade moderna, contudo, carece de uma teoria que a defina clara e empiricamente e que, conseqüentemente, permita sua análise sistemática.

2.3. Teoria da aceleração social

O processo de modernização é entendido e interpretado, em sua maioria, a partir de suas estruturas sociais, de seus elementos culturais, de sua relação com a natureza ou da personalidade de seus membros (ROSA, 2019a). O autor explica que essas quatro perspectivas possuem corpus teóricos próprios fundados, respectivamente, em Durkheim, Weber, Marx e Simmel, e entendem a modernização como um processo de, respectivamente, diferenciação, racionalização, domesticação ou individualização. Por fim, acrescenta que cada perspectiva carrega sua própria contradição, uma espécie de avesso paradoxal. Resultado de uma cultura de massa homogeneizada, críticos apontam para, ao lado da diferenciação, a massificação dos indivíduos, e ao lado da racionalização, a erosão dos recursos de sentido. Processos de diferenciação refinados seriam acompanhados por um crescimento de cadeias de interdependências e subordinações, revelando uma desintegração social. A dominação da natureza possui efeitos colaterais que ameaçam a extinção da base da vida humana, sob a forma de catástrofes ecológicas.

Face a esse quadro analítico dominante, não cabe simplesmente a introdução de mais uma perspectiva ('tempo') para dar conta da reinterpretação da Modernidade sob o ponto de vista de aceleração social. Nesse sentido, a aceleração se mostra como uma dimensão central e constitutiva de cada uma dessas perspectivas (ROSA, 2019a). Igualmente, as tendências paradoxais dessas perspectivas são conseqüências colaterais da aceleração social. Assim, as perspectivas sócio estruturais, culturais, em face do relacionamento com a natureza ou consigo mesmo que orientam o entendimento do processo de modernização

podem ser entendidas como funções e formas de manifestação da própria aceleração (intrínseca) da modernidade.

Sem a pretensão de alcançar o status de Sociologia do Tempo, Rosa (2011; 2019a) propõe a Teoria da Aceleração Social, apontando categorias teórico-empíricas que permitiram compreender e esclarecer as transformações das estruturas temporais da sociedade moderna, as quais são responsáveis por formar as estruturas sociais e cunhar as culturas dessa sociedade. Diante da profunda e complexa conexão entre modernidade e aceleração, que traz consequências extremamente variadas⁴, escolhe-se utilizar a Teoria da Aceleração Social na presente tese frente à inexistência de um conceito claro e sociologicamente definido para aceleração, assim como de uma teoria da aceleração. Ainda, apoia-se na intenção do autor de, com tal Teoria, estabelecer um novo paradigma de pesquisa sobre o tema aceleração na sociedade moderna, sem, contudo, exaurir a análise desse fenômeno.

Devido a escolha por utilizar tal Teoria de modo tão central nesta tese, se faz relevante a apresentação daquele que a formulou. Hartmut Rosa é professor de Sociologia Geral e Teórica na Universidade Friedrich Schiller, de Jena, diretor da Faculdade Max Weber-Kollegs, em Erfurt/ Alemanha, do Instituto de Sociologia e do Núcleo de Pesquisas “Sociedades pós-crescimento”, da Universidade de Jena (ROSA, 2019a). Silveira (2015), responsável pela tradução da língua alemã para portuguesa da obra Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade (ROSA, 2019a), comenta que Rosa trabalhou como assistente de pesquisa em Harvard e professor convidado pela New School University de Nova Iorque; e como politólogo em importantes universidades da Alemanha.

Silveira (2015) explica que as obras de Rosa investigam processos contemporâneos de alienação, como a aceleração exacerbada, e suas publicações abrangem a Sociologia do tempo, a Sociologia das relações mundiais, a análise da Modernidade, a crítica social, a crítica da identidade moderna, dentre outros temas. Os conceitos que traz em sua Teoria da Aceleração Social, fruto de sua tese de Doutorado defendida em 2005, têm sido discutidos em diversas áreas, trazendo importante contribuição à Sociologia e aos Estudos do Tempo em geral (SILVEIRA, 2015). Em 2018, Rosa recebeu o Anel de Honra Paul Watzlawick, um

4 Para mais, ver Capítulo II.1, de Rosa (2019a).

dos mais renomados prêmios científicos, homenagem ao linguista e psicólogo austríaco Paul Watzlawick, fundador do construtivismo. Suas análises perpassam as teorias de Marx, Simmel, Durkheim, Weber, Luhmann, Adorno, Habermas, Walter Benjamin, Paul Virilio, Manuel Castells, Bauman, Robert Levine, Charles Taylor, Axel Honneth, dentre outros (SILVEIRA, 2015).

Rosa (2019a) concebe Modernidade como um processo, cuja dinamicidade decorre, principalmente a partir do século 18, da compulsão simultânea ao crescimento econômico, à progressiva compressão espaço temporal e à contínua inovação social. Ou seja, nessas estruturas societárias existe uma incessante necessidade de crescimento e inovação, o que, por sua vez, acarreta uma taxa exponencial de aceleração, apenas para permanecer onde se está. Não importa o quão rápido viveu-se esse ano; no ano que vem deve-se viver mais rápido, pois, só assim, conseguir-se-á estabilidade. Assim, uma “sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meios de manter e reproduzir sua estrutura” (ROSA, 2019a, p. XI). Esse processo de dinamização é tido como uma força totalitária, afetando todas as esferas da vida e tornando a internalização da pressão temporal e a escassez de tempo parte do *habitus* na sociedade moderna (ROSA apud TZIMINADIS, 2017, p. 374).

Essa tríade crescimento-inovação-aceleração pode ser compreendida enquanto dimensão material-factual (crescimento), temporal (aceleração) e social (adensamento da inovação) de um único processo de dinamização, o qual Rosa (2019a) denomina Aceleração Social. Em outras palavras, Aceleração Social diz respeito ao *aumento de quantidade de ações por unidade de tempo* – por exemplo, aumento do número de eventos comunicados, de bens produzidos, de postos de trabalho ocupados ao longo da carreira profissional, de casamentos desfeitos ao longo da vida, de episódios de ação por unidade de tempo. Ora, uma vez que não é possível aumentar o tempo – o dia sempre terá 24 horas – obrigatoriamente, deve-se condensá-lo, fenômeno no qual se distinguem três formas de aceleração: a aceleração tecnológica, a aceleração das mudanças sociais e a aceleração de ritmo de vida. Essas categorias distintas do fenômeno de aceleração são ligadas empiricamente entre si, de forma complexa e, em parte, paradoxal.

2.3.1. Aceleração tecnológica

A velocidade das trocas econômicas e o crescimento populacional demandaram um aprimoramento tecnológico capaz de equacionar as limitações dos recursos naturais disponíveis, ainda mais no modelo social vigente, extremamente voltado ao consumo. A constante velocidade de produção de bens e serviços anda lado a lado com o aumento da velocidade de transporte e comunicação, sendo todos esses responsáveis pela reprodução e transformação das estruturas materiais da sociedade moderna. Essas formas de aceleração tecnológica requerem, ainda, aceleração de processos de organização, decisão, coordenação e controle.

Assim, a aceleração tecnológica se refere à utilização de aparatos técnicos e tecnológicos para encurtar o tempo gasto em processos e ações cotidianas de transporte, comunicação e produção (ROSA, 2019a). Pode ser definida em relação aos processos intencionais, direcionados ao objetivo de acelerar ou otimizar, por meio de técnicas inovadoras, os meios de transporte, de comunicação e de produção de bens e serviços de uma sociedade: a quantidade de bens e pessoas que são movimentados por unidade de tempo e sua velocidade média de locomoção; quantidade de informações transmissíveis por unidade de tempo e sua velocidade média de transmissão; a produção mais veloz de bens, a transformação mais ágil de matéria e energia e, em menor proporção, a aceleração dos serviços.

De modo simplificado e esquemático, Rosa (2019a) sugere que a aceleração do transporte, da comunicação e da produção modificaram a relação dos indivíduos modernos com, respectivamente, (i) o espaço, (ii) os demais indivíduos, sob a forma de sociedade, e (iii) as coisas e bens materiais. Essas três formas de aceleração tecnológica, juntas, colaboraram para modificar a percepção e conceitualização do tempo e espaço e suas relações, revolucionando as formas de interpretação do eu e do mundo e, portanto, influenciando profunda e decisivamente as formas de subjetividades e coletividades nas sociedades modernas. É o fenômeno de compressão do tempo-espaço (HARVEY, 2012).

Rosa (2019a) fala que as mudanças técnicas dos transportes substituíram a ligação arcaica de outrora entre indivíduos e espaços territorialmente limitados. A consciência espaço-temporal é, assim, transformada, se manifestado, sobretudo, na crescente desvinculação da percepção do espaço em relação ao lugar. À medida que se aceleram as formas de transporte, o espaço resume-se, cada vez mais, a uma

dimensão abstrata e vazia, medida não mais pelas adversidades e qualidades territoriais que apresenta aos viajantes, mas pela duração temporal necessária para atravessá-lo:

“Enquanto nos locomovemos a pé, percebemos o espaço de forma direta em todas as suas qualidades; nós o sentimos, o cheiramos, o ouvimos e o vemos. Com a construção de ruas inicia-se a planificação do terreno, a eliminação de obstáculos, a manipulação da qualidade espacial; não mais vagamos através dele, nós o atravessamos de forma objetiva. Com a invenção das autoestradas, o espaço é encurtado, comprimido, ocultado. Desviar o olhar da estrada sempre idêntica e direcioná-lo ao espaço pode ser mortal. O motorista identifica onde ele se encontra não mais pela passagem que passa, mas pelos símbolos abstratos no acostamento ou até mesmo na tela de seu computador de bordo. [...] Finalmente, aqueles que voam desvinculam-se completamente do espaço topográfico da vida e da superfície terrestre”. (ROSA, 2019a, p. 194-5)

Desse modo, se, outrora, a percepção temporal era uma função da percepção do espaço⁵, agora, com a aceleração dos transportes, o espaço se contrai e se torna uma função do tempo: onde uma pessoa se encontra depende, unicamente, do horário; o estabelecimento de conexões e o cumprimento de compromissos depende do planejamento, coordenação e sincronização adequados das ações, em uma luta contra o relógio, e não mais contra as adversidades do espaço.

Quando da aceleração das comunicações, o espaço é, por fim, aniquilado, perdendo completamente sua função orientadora. A virtualização e digitalização permitem reproduzir e transmitir de forma realista as qualidades espaciais de qualquer lugar do mundo, tornando-as acessíveis de forma remota e estacionária. É possível consultar dados e se conectar a milhares de pessoas simultaneamente, em escala mundial e a qualquer momento. Eventos sociais passam a ser, cada vez mais, locais. O mundo físico se torna virtual e, em um processo de enrijecimento, as pessoas e bens praticamente não precisam mais se locomover (VIRILIO, 2010) e o dinamismo passa a ser resultado de um fluxo abundante de dados. Como resultado, os modelos de associação e relações sociais estão, cada vez menos, atrelados a um espaço geográfico comum e, portanto, mais fáceis de serem anulados e modificados e mais passíveis de serem mantidos à distância.

⁵ Percebe-se o tempo a partir das mudanças das qualidades espaciais do local ocupado: escure à noite e clareia à alvorada; faz calor no verão e frio no inverno.

Ademais, a aceleração das comunicações permite o aumento e rapidez da troca de parceiros de comunicação, além da melhor qualidade da interação social. Paralelamente, a capacidade quase ilimitada de comunicação e transmissão de dados de modo ‘assíncronico’ e ‘destemporalizado’ dissolve, progressivamente, o conjunto de sequências e cronologias ordenadas e estáveis de outrora, acabando por aniquilar, também, o caráter orientador e unilinear do tempo.

No que tange a comunicação virtual, esta garante as qualidades de simultaneidade e intemporalidade à formação da noção temporal. Castells (2013) explica que, ao mesmo tempo em que informações são repassadas instantaneamente para o mundo todo, os tempos são misturados nas mídias de um mesmo canal de comunicação, criando, assim, uma espécie de “colagem temporal”, na qual os tempos são sincronizados num horizonte aberto sem começo, nem meio, muito menos fim.

“Se as enciclopédias organizaram todo o conhecimento humano por ordem alfabética, a mídia eletrônica fornece acesso a informação, expressão e percepção de acordo com os impulsos do consumidor ou decisões do produtor. Com isso, toda a ordenação dos eventos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em seqüências temporais condicionadas ao contexto cultural de sua utilização”. (CASTELLS, 2013, p. 487).

Finalmente, a aceleração da produção contribui para uma contínua substituição das estruturas materiais e objetos cotidianos da sociedade moderna, a partir, principalmente, da obsolescência e desatualização técnica ou da moda. Ainda, a crescente racionalidade do descarte e da substituição ao invés da reparação aponta para a falseabilidade dos processos de assimilação e intimidação dos bens como constituidores de identidade.

2.3.2. Aceleração das mudanças sociais

A aceleração das mudanças sociais diz respeito ao “aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras de ação, e [...] encurtamento dos intervalos de tempo [...] determinados como presente.” (ROSA, 2019a, p. 152).

É possível entender a aceleração das mudanças sociais como a aceleração da transformação de certezas estruturais e culturais, trazendo a ideia de sucessões geracionais para o cerne da discussão. Caso a taxa de transformação de certezas estruturais e culturais alcance uma velocidade maior que a de sucessões de gerações, ocorrerá a “erosão das certezas do mundo da vida” (ROSA, 2019a, p.

212). Assim, essa transformação deixa de ser uma mudança ou atualização de estruturas fixas ou predefinidas, tornando-se a criação de estruturas do zero, a partir de nenhuma experiência anterior, bagagem ou norte orientador, no qual certezas e narrativas acumuladas e lineares de apreensão e vivência do mundo não mais existem. Na realidade, a perda das certezas decorre antes da instabilidade das transformações do que das transformações de fato: o problema que a aceleração das mudanças sociais traz é, portanto, a instabilidade e a insegurança do viver.

Rosa (2019a) defende que, na história da Modernidade, a aceleração da mudança da social tinha uma velocidade intergeracional, em seu início, passando por uma fase de certa sincronização com a sequência geracional, até chegar, nos dias de hoje, a uma velocidade tendencialmente intrageracional – levando-se em conta apenas as causas transformativas autoproduzidas, e não acontecimentos exógenos como catástrofes naturais, guerras, doenças, etc. Coloca-se, pois, o exemplo de uma estrutura familiar. Antes era possível manter intactas as estruturas básicas de uma família, trocando apenas a posição que os membros ocupam. Posteriormente, a estrutura familiar passou a se basear em torno de um casal, cuja morte a desintegrava. Finalmente, essa estrutura assume uma duração infrageracional, evidenciada nas crescentes taxas de divórcios, segundos casamentos e “parceiros temporários”.

Essa dinamização é válida também para as transformações das relações ocupacionais e laborais. Anteriormente, profissões eram passadas de pai para filho, apresentando certa estabilidade e autoridade diante do acúmulo de experiência e conhecimento. Mais adiante, passa a ser aceita a ideia da livre escolha, apenas uma vez na vida, de uma profissão própria, vitalícia e central para a identidade dos indivíduos. Finda-se com múltiplas trocas de profissões e ocupações ao longo da vida profissional, acompanhada, por vezes, de fases de desemprego, descortinando a crescente instabilidade do mercado de trabalho.

Como principal consequência da aceleração das mudanças sociais, é central o conceito de “contração do presente”, de Lübbe (1998, p. 263), que define presente como intervalo temporal de estabilidade, no qual é possível refletir e aproveitar experiências vividas no passado (ou espaço de experiência ou tempo da vida) para avaliar, orientar e planejar ações e inferir sobre o futuro (ou horizonte de expectativa ou tempo do mundo). Diante da crescente velocidade, característica da sociedade moderna, o presente sofre uma contração ou encurtamento: não há espaço temporal

suficiente para se diferenciar passado e futuro, esvaziando-se, assim, a força das experiências e processos de aprendizado do passado como orientadoras de expectativas, decisões ou seleções sobre o futuro. Os indivíduos devem reescrever passado e futuro em intervalos cada vez menores, o que acarreta uma crescente incerteza e instabilidade acerca de suas experiências e expectativas.

Assim, a aceleração das mudanças sociais conduz a “redução geral da duração temporal na qual prevalece uma segurança de expectativa com relação à estabilidade de condições de ação” (ROSA, 2019a, p. 221). Torna-se cada mais problemático assimilar culturalmente as mudanças sociais por meio de padrões narrativos de interpretação, o que é necessário para transformar vivências (presente) em experiências (passado) para, então, orientar expectativas (futuro). Assim, tempos de vida (o que se viveu) e do mundo (o que se viverá) se tornam cada vez mais incongruentes.

Igualmente, isso se aplica a instituições sociais e culturais básicas e decisivas em uma sociedade, aquelas que organizam os processos de produção e reprodução sociais e que ajudam a estabilizar e tornar aceitável a vida em sociedade, tais como as políticas, econômicas, religiosas, jurídicas, de trabalho e de bem-estar social. Em resposta a crescente aceleração social ou até mesmo quando se tornam um entrave a essa aceleração, essas estruturas são forçadas a se transformar rapidamente, muitas vezes, de modo efêmero, superficial, descompassado e paradoxal, o que resulta em estatutos sociais igualmente efêmeros, superficiais, aleatórios, independentes e contraditórios entre as diversas instituições. Quando não conseguem concluir essa transformação, essas instituições entram em colapso, perdendo sua centralidade como quadros de orientação e referência para projetos a médio longo prazo e diminuindo, assim, o papel e importância das tradições, lealdades e obrigações éticas ou familiares nas ações humanas. Evidências podem ser vistas sob a forma das altas taxas de divórcio, das mudanças constantes e radicais das formas de trabalho e ocupação laboral e de um avanço mundial de movimentos políticos com viés conservador.

Conclui-se que a aceleração das mudanças sociais acarreta uma crescente instabilidade das condições contextuais, de ação e decisão, o que obriga indivíduos, organizações e instituições sociais a uma permanente reflexão e reinterpretação de suas experiências, revisão de suas expectativas e reformulações de prioridades. Aquele que não se adaptar e reestruturar constantemente suas ações corre o risco de

invalidar suas experiências e conjuntos de conhecimentos e, assim, perder os pré-requisitos, opções de conexão e oportunidades relevantes e importantes no futuro. Mais ainda, colocar-se em estagnação se torna, inevitavelmente, uma forma de retrocesso em todas as dimensões da vida.

2.3.3. Aceleração do ritmo de vida

Característica das sociedades modernas é a fragmentação ou decomposição de atividades em sequências cada vez menores, com janelas de atenção decrescentes e consequente aumento do quantitativo de atividades. Assim, a aceleração do ritmo de vida é definida como o “aumento de episódios de ação e/ou experiências” (ROSA, 2019a, p. 154).

Segundo este autor, essa aceleração pode ser evidenciada tanto em termos objetivos quanto subjetivos. Objetivamente, é possível quantificar a tendência dos indivíduos de comprimir um número crescente de ações e experiências em espaços temporais decrescentes. Rosa (2019a) explica que esse adensamento dos episódios de ação e/ou experiências pode ser alcançado (i) pela redução do intervalo de tempo entre o término de uma atividade e o início da outra (diminuição ou extinção de pausas e intervalos); (ii) pela execução simultânea de várias atividades (*multitasking*) ou ; (iii) pelo aumento da velocidade da atividade em si (andar, falar, mastigar mais rápido) – na qual se encaixa a micro estratégia de substituição de atividades lentas por outras mais rápidas ou, como escreveu Garhammer (2002), de substituição de atividades de alto comprometimento temporal por outras com menor comprometimento.

Todas essas estratégias de adensamento raramente são coordenadas e programadas a nível coletivo, culminando na crescente desregulação e desinstitucionalização temporal de inúmeros campos e ação da sociedade moderna (ROSA, 2019a). Ora, cada indivíduo, organização ou instituição moderna toma suas pausas e executa, sobrepõe e substitui seu rol de ações de acordo com seu próprio ritmo ou, se lento demais, no ritmo demandado por outrem mais rápido. Essa desregulação e a desinstitucionalização temporal, de acordo com o autor, aumenta o número de variáveis e contingências a serem gerenciadas por esses agentes e, conseqüentemente, o esforço de planejamento, tomada de decisões e escolhas racionais para a adequada coordenação e sincronização das sequências de ações

cotidianas. Por fim, isso resulta em uma sobrecarga temporal que contribui para o escasseamento dos recursos temporais e, assim, para o aumento generalizado do ritmo de vida moderno.

Subjetivamente, a aceleração do ritmo de vida se manifesta num aumento do sentimento de escassez e pressão temporal ou da sensação de que o tempo passa mais rápido (ROSA, 2019a). Esses efeitos experimentados pelos indivíduos em relação ao tempo são caracterizados pelo autor como fenômenos sociopsicológicos extraordinariamente complexos, cuja compreensão requer a consideração sistemática de fatores culturais. Todavia, seriam dois os motivos evidentes para essa percepção de pressão ou escassez temporal: o medo de perder oportunidades valiosas e a compulsão à adaptação. O autor defende que o medo de perder oportunidades valiosas é resultado do programa cultural da modernidade que consiste na ideia de aumentar o índice de experiências vividas, de modo a ter uma vida plena e rica: deve-se viver mais rápido para, assim, ser possível gozar do maior número de vivências (e não necessariamente experiências) possíveis – ou em seu avesso: deve-se gozar do maior número de vivências e, para isso, deve-se viver mais rápido.

Como já abordado no subtópico da aceleração das mudanças sociais, a compulsão à adaptação decorre a instabilidade das condições contextuais, de ação e decisão e da conseqüente insegurança sobre como se viver (ROSA, 2019a). O autor explica que, uma vez que experiências e conjuntos de conhecimentos estão em constante iminência de se tornarem obsoletos e não mais servirem para orientar o horizonte de expectativas, surge, com reação natural, o esforço de manter em aberto o maior número possível de opções, para que estejam disponíveis quando necessário. Esse esforço, aliado a tentativa de manter-se atualizado em relação as constantes mudanças sociais e suas exigências, acaba por tomar o tempo de atividades que realmente têm valor e são mais satisfatórias, porém, que demandam mais tempo e energia. O poder do prazo determina a seqüência de atividades e, assim, faz com que objetivos que não estejam vinculados a prazos, compromissos ou prioridades sejam gradualmente deixados para depois. Ademais, os altos índices de instabilidade e insegurança tendem a premiar o imediatismo, de modo que o comprometimento com tais atividades demandaria a criação de “oásis de desaceleração”.

Assim, além do adensamento dos episódios de ação e/ou experiências, Rosa (2019a) esclarece que a aceleração do ritmo de vida contém também a transformação da experiência de tempo dos indivíduos modernos. Em uma sociedade na qual o passado vive na iminência de se tornar obsoleto e o futuro é imprevisível, não seria utópico propor que padrões de identidade voltados para o presente ou “situacionais” prevaleçam, premiando indivíduos abertos, flexíveis e simpáticos a mudanças.

Cada uma dessas formas de aceleração transforma o referencial temporal e a racionalidade de ação dos agentes sociais e, como em uma espécie de circuito de retroalimentação ou força propulsora interna, é, ao mesmo tempo, causada e causadora das demais. Por isso a impressão de que, na modernidade, tudo parece se tornar cada vez mais rápido. Para ilustrar, Rosa (2019a) traz um exemplo concreto: a internet não apenas aumentou a velocidade das trocas de comunicação e tornou ‘virtual’ os processos produtivos e econômicos, como idealizou novas estruturas produtivas, econômicas e de comunicação, gerando novas formas de trabalho, de consumo, de interação e de identificação social. Dentro desse ciclo autopropulsor, cada forma de aceleração gera, sempre e inevitavelmente, mais aceleração, de modo que esse ciclo segue fortalecendo-se.

Pode-se iniciar esse ciclo aceleratório a partir de qualquer ponto. Rosa (2019a) começa, pois, pela relação entre aceleração do ritmo de vida e a aceleração tecnológica. Diante do problema de escassez de recursos temporais, os agentes sociais tendem a comprimir ou adensar os episódios de ações e/ou experiências, por meio da diminuição ou extinção de pausas e intervalos, da execução simultânea de várias atividades ou do aumento da velocidade da atividade em si, esta última alcançada pelo emprego de formas de aceleração tecnológicas. Assim, aumenta-se a demanda por técnicas e tecnologias de aceleração que aliviem a escassez de tempo e, com isso, o ritmo acelerado de vida: quanto maior a carência de tempo, maior a demanda por meios de transporte mais rápidos, acesso à internet mais veloz, computadores mais eficientes, bens e serviços pontuais e disponíveis; onde for possível economizar tempo por meio de técnicas mais aperfeiçoadas, ao menos em processos voltados para circulação de pessoas e pessoas, maior será o clamor social. Conclui-se, portanto, que a *aceleração tecnológica é consequência direta da escassez de tempo e consequente aceleração do ritmo de vida.*

Como já abordado, a aceleração do transporte, da comunicação e da produção modificaram a relação dos indivíduos modernos com o espaço, os demais indivíduos (sociedade) e as coisas e bens materiais. Juntas, essas três formas de aceleração tecnológica contribuíram para uma mudança da experiência de se estar no mundo, transformando qualitativamente as formas de se viver. Ou seja, a aceleração tecnológica conduz a uma constante transformação de certezas estruturais e culturais, “de formas de prática e orientações de ação, de estruturas associativas e padrões de relações e até mesmo das autorrelações do eu e das disposições psicofísicas” (ROSA, 2019a, p. 307). Conclui-se, então, que a *aceleração da mudança social é consequência direta da aceleração tecnológica*.

A principal consequência da aceleração das mudanças sociais é o fenômeno de contração do presente: ocorre uma redução do intervalo de tempo para se definir o que se viverá ou o que se quer viver (expectativas) a partir do que se viveu e do que se aprendeu com essa vivência (experiência). Ademais, os agentes sociais se veem obrigados a se manterem atualizados em relação as constantes transformações sociais multidimensionais e suas exigências, enquanto “expande-se o escopo do *imprescindivelmente necessário*, dos esforços (de adaptação) a serem mobilizados, assim como a lista do *possível*” (ROSA, 2019a, p. 309). Como resultado, o tempo torna-se escasso para esses agentes sociais. Diante disso, é possível concluir que o *aumento do ritmo da vida é consequência direta da aceleração das mudanças sociais*.

Então, a ordem de definição das normas sociais de distribuição e atribuição de recursos, produtos, privilégios, posições, status e reconhecimentos, que se dinamiza segundo uma lógica de competição e desempenho individual, motiva e legitima o aumento de opções de formas de ser e de consumir e a inovação e rapidez dessas formas, disparando a aceleração tecnológica e reiniciando o ciclo aceleratório: transforma-se a maneira como o movimento é experimentado, ampliando o alcance sobre o mundo com a ajuda de sistemas de transportes e tecnologias de comunicação cada vez mais avançados. Ainda, aumentam-se o número de opções de consumo e de contatos, pessoais ou virtuais, e inauguram-se novos campos de atividades e possibilidades, cujo usufruto requer recursos temporais adicionais, o que acarreta a progressiva diminuição dos recursos tempos livres.

Aqui evidencia-se um importante paradoxo fundamental: mesmo diante da aceleração tecnológica e do crescente aparato técnico para se economizar tempo nos processos de transportes, comunicação e produção, a sociedade moderna continua acometida por uma tendência de escassez temporal. Diante da falta de um mediador lógico nesta relação, encontra-se a derivação tida como mais importante da Teoria da Aceleração Social: uma sociedade só pode experimentar, concomitantemente, a aceleração tecnológica e do ritmo da vida quando opera a partir de uma lógica de crescimento quantitativo exponencial⁶ e uma taxa de aceleração linear escalar; ou seja, quando as taxas de crescimento superam as taxas de aceleração. Quanto mais os índices de crescimento ou aumento superarem os de aceleração, maior a carência de tempo. Isso significa que, nas sociedades modernas, os processos de crescimento e os de aceleração vinculam-se não sob uma relação lógico-analítica, mas sob uma relação cultural e/ou estrutural.

Ainda, com exceção da aceleração do ritmo de vida, que por si só é definitivamente um processo de crescimento, as outras formas de aceleração fundam processos de aumento em uma escala limitada. A aceleração tecnológica representa possibilidades de se ter um aumento de quantidades (de pessoas se movimentando, de fatos sendo comunicados, de bens sendo produzidos), mas não a própria ocorrência do aumento. Igualmente, a aceleração das mudanças sociais não corresponde a um crescimento real, mas a perspectivas de crescimento quando posta em orientações de ação. Ademais, o ciclo aceleratório não esclarece sobre o que, de fato, o coloca em movimento. Portanto, é importante compreender como são entrelaçadas, cultural e estruturalmente, as lógicas modernas desse aumento exponencial e da dinâmica aceleratória.

Nesse sentido, Rosa (2019a) defende a existência de três motores externos e independentes, que se orientam por uma lógica de crescimento exponencial e que impulsionam o ciclo aceleratório e que, portanto, podem explicar a relação escalar entre crescimento e aceleração na sociedade moderna: o motor econômico, o cultural e o socioestrutural. O primeiro deles, o motor econômico está relacionado com a lógica da acumulação do capital e competição capitalista que, enquanto norma de distribuição e alocação de recursos, dita que ‘tempo é dinheiro’. Seu

⁶ Rosa (2019a, p. 320) cita como taxas de crescimento quantitativa exponencial “a multiplicação de opções e contingências tanto quanto a de produtos e serviços, além do aumento correspondente das possibilidades de ação e vivência, assim como o aumento dos episódios a eles relacionados.”

critério de medida e mensuração é, portanto, o número de efetivações por unidade de tempo, estando intimamente relacionada a aceleração de processos de distribuição e consumo.

Em segundo lugar, existe o motor cultural, que explica os motivos pelos quais os agentes sociais admitem a aceleração de suas ações, mesmo não havendo, para isso, nenhuma vantagem econômica (ao contrário, essa aceleração traz dificuldades financeiras). No seio desse motor está a busca pelo o que o projeto de modernidade estabeleceu (e prometeu) como sendo uma boa vida: “algo relativo à expansão do horizonte daquilo que pode ser conquistado, atingido e também entendido. Trata-se do desejo permanente de trazer as coisas para dentro de nosso campo de controle” (ROSA, 2017, p. 374).

Nota-se que esse ideal moderno de boa vida pode ser apreendido apenas sob uma lógica escalar, que ganha sentido com a aceleração, ao permitir “gozar o máximo possível daquilo que o mundo pode oferecer, bem como fazer o uso mais extenso possível de suas possibilidades. [...] e de] desenvolver, da forma mais abrangente possível, as aptidões e os potenciais inerentes a um sujeito” (ROSA, 2019a, p.365-7). Assim, os modelos subjetivos e culturais de sentido e as orientações de ação na sociedade moderna derivam do desejo de esgotar as possibilidades possíveis do mundo e do sujeito, o que permite reaproximar os tempos de mundo e de vida.

Por fim, o terceiro motor diz respeito a diferenciação funcional, característica das sociedades modernas tardias: “existem cada vez mais e mais arenas em meio às quais devemos correr, e isso leva a uma multiplicação do número de entradas de nossas listas de atividade” (ROSA, 2017, p. 374). Como consequência, ocorre o aumento do número de ações e vivências que os agentes sociais ‘sentem que devem fazer’, em uma “explosão de expectativas legítimas” (IBIDEM). Esse aumento exponencial de alternativas e opções gera um respectivo aumento de excedentes de possibilidades que, por sua vez, gera um aumento das atividades de planejamento e sincronização entre essas possibilidades. Finda-se, então, no aumento da “temporalização da complexidade”:

“Possibilidades não efetivadas são “guardadas” para o futuro e sua possível atualização é mantida em aberto; opções a serem selecionadas são ordenadas, assim, ao longo do eixo temporal projetado no futuro. [...] No entanto, o aumento da complexidade não termina no respectivo presente atual, e cada presente futuro será sobrecarregado pelo excedente de opções e pelas decisões adiadas no passado”. (ROSA, 2019a, p. 376)

Neste cenário, os sistemas sociais acabam por se acelerar de forma endógena, uma vez que a absorção das perturbações ocorre mediante uma contínua renovação dos elementos sistêmicos, alcançando a forma de uma estabilidade dinâmica. Além disso, cada operação dentro destes sistemas sociais acarretará uma igual renovação dos demais sistemas com os quais se relaciona. Em suma, a diferenciação funcional “multiplica a aceleração da mudança social, pois cada operação sistemática se apresenta como acontecimento em *outro* ambiente sistêmico” (ROSA, 2019a, p. 382).

Conclui-se que a relação escalar entre crescimento e aceleração na sociedade moderna se revela: *economicamente* como resultado da lógica de valorização do capital; *culturalmente* como resultado de uma estratégia de reajuste entre tempos de mundo e de vida e; *estruturalmente* como ligação entre o aumento e temporalização da complexidade. Cada um destes motores se relaciona com uma das três formas de aceleração, impulsionando, externamente, o círculo aceleratório: o motor econômico atua como acelerador primário para a aceleração técnica; o motor cultural impulsiona a aceleração do ritmo de vida e; o motor socioestrutural acelera a mudança social. Essa lógica aceleratória não tem fim, mas pode ser temporariamente cessada ou interrompida por meio de mecanismos de desaceleração social.

2.4. Desaceleração

Por não serem passíveis de aceleração ou por apresentarem tendência a lentificação, mecanismos de desaceleração social agem como “freios ou desaceleradores em ambientes de aceleração” (ROSA, 2019a, p. 159). Contudo, a desaceleração não pode ser definida simplesmente como um movimento oposto à aceleração, mas como um fenômeno secundário a essa – um momento dentro dessa. Assim, a definição das formas, funções e status dos fenômenos de desaceleração e sua relação com as três categorias de aceleração, anteriormente apresentadas, permite dar sentido exato e completo aos fenômenos de aceleração da e na sociedade moderna.

Segundo o autor, são cinco as formas de desaceleração social: limites de velocidades naturais; lentificação intencional, dividida em estratégias de oposição fundamentais à modernidade e estratégias funcionalistas à modernidade; enrijecimento estrutural e cultural; lentificação como efeito colateral disfuncional e; oásis de desaceleração.

Os **limites de velocidades naturais** são definidos como os “limites de velocidade (geo)físicos, biológicos e antropológicos evidentes” (ROSA, 2019a, p. 160), os quais não podem ser manipulados. Se manipulados, acarretam uma mudança qualitativa (a menor) do processo acelerado. Dentre esses limites, estão, por exemplo, os limites de velocidade do cérebro, do corpo, de reprodução de matérias-primas, da capacidade do ecossistema de processar poluentes e rejeitos.

Ocasionalmente, os efeitos desses limites podem ser manipulados e simulados, o que implica cuidado ao postular sobre limites de velocidade absolutos. Ainda, o desenvolvimento ou a adequação a novas formas de percepção e atitude ao ritmo acelerado descortinam uma nova normalidade, que outrora pareceria patológica. Por exemplo, viagens de trem que hoje se enquadram em um estilo lento de transporte, pareciam extremamente rápidas e, por vezes, eram encaradas como nocivas à saúde, no século 18 (ERIKSEN, 2001). Se em seu surgimento era tido como frenético, caótico e rápido, o jazz é, atualmente, classificado como estilo de música relaxante e tranquilo (RYKER, 2002). Uma possível explicação para essa transformação da percepção e atitude frente a aceleração seria as estratégias de resposta ou proteção que a psique dos indivíduos modernos teria desenvolvido diante os novos e, não raro, mais agressivos e perturbadores estímulos.

Essa categoria de desaceleração coincide com a definição de lentidão em suas modalidades contextuais e interpretativas realistas. Como um princípio natural ou dado, se manifesta sob a forma dos muitos processos cognitivos, de aprendizado e de socialização que, naturalmente, exigem tempo e relativa lentidão; das atividades humanas, fenômenos, experiências e processos que, prática e/ou fisicamente, não podem ser acelerados ou que sempre demandam uma certa duração temporal, a citar o processo biológico de gravidez. (ROSA, 2019a).

Seguindo, processos de desaceleração podem ser intencionais, motivados tanto pela oposição quanto pelo apoio à modernidade ou (novas) modernizações. Aqueles **oposicionistas** configuram-se como radicais, sob a forma de movimentos justificados ideologicamente, comumente liderados por vertentes religiosas, ecológicas radicais, ultra conservativas e anarquistas. Todavia encontrem grande aceitação no nível de ideias – por buscarem uma “sociedade e formas de vida melhores” (ROSA, 2019a, p. 170) – tais processos de desaceleração raramente atingem níveis estruturalmente relevantes de ação, se mostrando frequentemente efêmeros, contraditórios e ineficazes. Isso devido as consequências ao indivíduo do afastamento e negação da aceleração e pelo fato de as aspirações à desaceleração não serem contra a sociedade moderna em si, mas contra as consequências dessa.

Ao contrário das formas radicais, **as formas de desaceleração em apoio** à modernidade buscam uma lentificação parcial e temporária, que é fundamental para a funcionalidade das sociedades modernas. Como exemplo, têm-se retiros espirituais, cursos de meditação, técnicas de ioga, lentificação consciente de processos de aprendizagem, pausas orientadas e temporárias com o intuito de aumentar a capacidade de inovação e criatividade e formas de moratória que possibilitam ganhar tempo para solução de problemas técnicos, sociais, jurídicos ou ambientais. Importante notar que tais práticas funcionam como oásis de desaceleração, permitindo reabastecer energias, superar empecilhos para realização de intenções de aceleração, potencializar sucessos ou enfrentar atividades cotidianas com mais rapidez (ROSA, 2019a).

Em suma, essas práticas funcionais à modernidade representam formas seletivas de desaceleração ou imobilização social e cultural. Segundo o autor, são justamente tais práticas que permitem evidenciar a relação entre estabilidade e dinamização nas sociedades modernas. Por meio delas, instituições culturais e sociais decisivas, como as de Direito e as de mecanismos de ordenação e direcionamento político e do trabalho, podem se excluir de processos de mudança e transformação dinâmica. A estada, ainda que temporária, dessas instituições nesses espaços funcionais de desaceleração garante, assim, segurança e estabilidade do horizonte de expectativa, permitindo previsibilidade, planejamento e execução orientados e satisfatórios de processos e projetos de modernização (e, com eles, movimentos de aceleração). Ainda, garante o transcorrer de mudanças por

caminhos consolidados e orientados por regras previsíveis, além da reprodução cultural bem-sucedida da sociedade (ROSA, 2019a).

Embora pareça subestimar a resiliência e o potencial de adaptação da democracia no cenário moderno, a definição política de lentidão coincide com essa desaceleração funcionalista, ao se concentrar “na suposição de que, se instituições democráticas devem cumprir suas obrigações e sua razão de ser, suas operações não podem ser totalmente subordinadas à dinâmica de aceleração social e precisam permanecer ‘lentas’” – ou pelo menos mais lentas em comparação com domínios sociais ‘mais rápidos’ (VOSTAL, 2017, p. 5).

Em seguida, tem-se o fenômeno de enrijecimento cultural e estrutural, advindo de um exaurimento de energias utópicas que impediria transformações sociais reais e profundas.

A seguir, tem-se a lentificação como efeito colateral disfuncional. No cenário moderno, a lentidão, por si mesma, não apenas é indesejável, como também perigosa e insuportável, bastando-se os exemplos de uma conexão de internet, uma brigada de incêndios ou uma montanha russa lentas. Assim como a velocidade, em si mesma, não é ruim, a lentidão também não é um bem incondicional. Nesse sentido, o autor advoga que processos de desaceleração podem ocorrer como **efeitos colaterais disfuncionais** do processo de aceleração. Esses se manifestam, por exemplo, sob a forma de adoecimentos depressivos, recessões econômicas, desempregos devido ao não acompanhamento do ritmo acelerado da atividade profissional ou da inovação intermitente dos processos de trabalho, acidentes, catástrofes naturais e guerras e dos corriqueiros congestionamentos de trânsito. A despeito deste último, Zhang (2006, p. 466) defende sua ocorrência quando “o antigo espaço da cidade não pode mais atender às demandas de uma sociedade modernizadora e comercializadora”, tornando-se, assim “obstáculo físico e simbólico ao desenvolvimento e ao progresso”.

Em uma intensidade maior, essa lentificação disfuncional ocorre devido a fenômenos de dessincronização⁷, nos quais processos altamente acelerados se encontram com outros extremamente lentos, sendo bloqueados, freados, detidos ou retardados, ainda que temporariamente. Esse encontro de diferentes velocidades

⁷ Tradução para o termo em inglês “*desynchronization*” (ROSA, 2019)

pode resultar ainda na percepção do tempo de modo anormal ou problemático (lento ou rápido demais).

Fenômenos de dessincronização ocorrem, majoritariamente, devido a impossibilidade de submeter todas as esferas sociais a uma aceleração idêntica à do ritmo dominante de vida moderna. São, portanto, falhas no processo de estabilização dinâmica da sociedade moderna, responsáveis pelas quatro principais crises nessas sociedades (ROSA, 2017, p. 4). A atual crise ecológica é, segundo o autor, uma crise de dessincronização entre a organização social, a velocidade tecnológica, a transação econômica e a capacidade temporal do meio ambiente de se regenerar ou reproduzir. Igualmente, a crise democrática é a dessincronização entre o tempo de negociação democrática e aquele necessário para o estabelecimento de mudanças sociais deliberadas. Crises financeiras são resultado da dessincronização entre a velocidade do mercado financeiro e a velocidade da dita economia real, que envolve a produção e consumo. Por fim, o esgotamento (*burnout*) é consequência da dessincronização entre a estrutura social de alta velocidade e o tempo individual de contemplação e apropriação das mudanças sociais, resultando em um estado de apatia (ROSA, 2017, p. 33).

Ainda, Rosa (2010) dedica uma obra inteira a discussão da alienação como um processo de dessincronização. Como um contraconceito de experiências de ressonância, a alienação pode ser definida como uma relação de insuficiência relacional, um estado em que os sujeitos sociais, mesmo não sendo obrigados a tal, perseguem objetivos e adotam comportamentos que, na realidade, não consideram positivos ou coerentes com seus anseios reais. Portanto, alienação diz respeito à suspensão das relações entre o indivíduo e o mundo, como resultado da incapacidade de os sujeitos de acompanharem a velocidade social, tornando a vida fria e muda. Nesse contexto, o autor aponta a existência de cinco gêneros de alienação: aquela relativa ao espaço; aos objetos; às próprias ações; ao tempo e, por fim, a alienação social, relativa à própria identidade (ROSA, 2010).

Finalmente, têm-se os **oásis de desaceleração**, definidos como nichos territoriais, sociais e/ou culturais que escapam total ou parcialmente das formas e processos de aceleração da vida moderna. Nesses, o tempo literalmente parece ter parado, ganhando, por isso, valor nostálgico, de bem-estar ou de qualidade de vida.

“As pessoas sentem-se em suas vidas cotidianas, [...] lançadas sob os imperativos de uma lógica de aumento reificada [...] e procuram, sobretudo em sua vida privada e em situações extraordinárias, opor a esses imperativos enclaves de ressonância. Assim, elas sonham com suas férias nas praias do Pacífico Sul, nas quais esperam estar no mundo de forma ‘completamente diferente’ daquela com a qual estão no trabalho ou no supermercado; mas também sonham como o concerto de sexta-feira à noite, para o qual pagaram caros ingressos, ou com o passeio pela floresta no domingo de manhã”. (ROSA, 2019a, p. 83)

Ressalta-se, entretanto, que tentativas de interrupção individuais se mostram amplamente ineficientes, sob o risco de desencadear um processo de dessincronização para o agente que a executa. Ora, na modernidade, poucos agentes poderiam se dar ao luxo de ficar sem meios de transporte, telefone e conexão com a internet e não amargurar o residual temporal acumulado devido essas experiências. Tais situações, inclusive, poderiam acentuar a escassez temporal desses agentes ao buscarem realinhar-se com o ritmo social acelerado, desvelando os já abordados efeitos colaterais disfuncionais da aceleração.

Deste modo, a atenção para a sucessão dinâmica dessas temporalidades, sua organização hierárquica e seus efeitos de poder dentro de um contexto social evidencia a construção de sentidos e significações a respeito da aceleração e desaceleração social. A regulação social sob o tempo ajuda a estabelecer que certas velocidades (taxas de movimento) e ritmos (padrões repetitivos de movimentos) serão valorizados em detrimento de outros, descortinando a coexistência de múltiplas temporalidades.

Mesmo que todo evento concreto ocorra dentro de uma corrente de tempo universal, a noção de temporalidade está diretamente relacionada ao desdobramento de sentidos e significados que emergem durante esse evento e que são relevantes para alguém ou alguma coisa (WOERMANN e ROKKA, 2015). Em uma negociação retórica entre a aceleração da vida moderna e um envolvimento mais lento e ponderado com o mundo, naturalmente os indivíduos irão escolher diferentes temporalidades ao longo de seus cotidianos (PARKINS, 2004).

O ‘lento’ que o Movimento Slow carrega não tem um significado particular e único, mas é um significante de valor superdeterminado (PARKINS, 2004), constantemente interrogado e ressignificado. Já os críticos a Teoria da Aceleração Social irão levantar que um forte e bem estruturado discurso cultural contribui para vender a velocidade como um

“rolo compressor que limita o bem-estar humano, prejudicando o desenvolvimento social progressivo e a reprodução e impactando negativamente a natureza e os sistemas ecológicos. A lentidão é então descrita como um antípoda desejável e necessário para o mundo rápido ‘mal’ e é sustentada por conotações positivas e emancipatórias” (VOSTAL, 2017, p. 04)

Fato é que ainda há pouco consenso sobre o que realmente significa lento e rápido, acelerado e desacelerado e como estes são praticados ou interpretados pelos indivíduos (SALES OLIVEIRA, 2020; PARKINS, 2004; VOSTAL, 2017; WAJCMAN, 2015), principalmente em suas práticas de vida. A análise das manifestações do sentido das práticas de vida e das interações tem sustentação teórica na Sociossemiótica, de Landowski, mostrando-se, pois, totalmente aderente ao objeto de estudo desta tese. Cumpre, portanto, explicitar esta teoria geral da geração do sentido na interação, tomada pelos sujeitos para dar sentido e significado ao mundo.

2.5. Sociossemiótica: buscando sentido a partir de interações

Tradicionalmente, a Semiótica Narrativa, pautada pelos trabalhos de A. J. Greimas, reconhece que os indivíduos constroem suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo a partir de dois princípios elementares. O primeiro, baseado no princípio de regularidade, trata da relação de “Programação” as quais os actantes⁸ estão submetidos. Essa relação está em oposição a uma segunda que, baseada na “Manipulação”, põe em relação atores regidos por um princípio de intencionalidade.

Mais tarde, para dar conta de como o sentido emerge, não apenas dos textos e discursos, mas também das mais diversas práticas e das relações vividas por meio do consumo, dentro da vida cotidiana nas suas múltiplas dimensões, Landowski (2014a) propõe mais dois regimes – o de “Ajustamento”, que contempla o sensível; e o “Acidente”, que analisa o imprevisível ou aleatório. A Sociossemiótica trata-se, pois, de um prolongamento da Semiótica Narrativa, a partir do acréscimo da dimensão da sensibilidade, das coisas que não são da ordem do raciocínio, do inteligível, e do que se sente nas relações interpessoais e com o ambiente em geral:

⁸ Na metalinguagem semiótica, Landowski (2002) utiliza o termo actante para designar os elementos atuantes em fenômenos de ordem tanto social (simbólica) quanto física (physis e soma), podendo ser, portanto, sujeitos históricos e reais ou não. Assim, doravante, utiliza-se actantes, atores ou sujeitos para se referir a tudo que age e, com isso, produz efeito no mundo, podendo ser pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, etc.

“Inicialmente a Semiótica, mesmo a greimasiana, se ocupava quase que exclusivamente da análise de textos escritos. Hoje se faz sobre as práticas pedagógicas, sobre campanhas eleitorais, sobre filmes, como o ambiente se organizava, enfim, tem muito mais relação com a vida e a experiência. [...] Greimas traz a ideia de que a significação não é uma questão de palavras que se justapõem, mas uma apreensão global de algo. Por exemplo, quando você vai ao cinema, tem uma apreensão global de estímulos visuais, auditivos, sensoriais, tudo misturado. O papel da Semiótica é entender como entendemos. Compreender, no caso do exemplo, como o filme é feito para produzir tais e quais efeitos”. (LANDOWSKI, 2017, p. 16)

Tal acréscimo foi possível pelo fato de Greimas (1983) ter tratado a Semiótica como uma teórico-metodologia, ou seja, para além de uma metodologia, um conceito aberto sobre o modo de organizar o raciocínio. Ademais, Landowski explica que Greimas (1983) já havia concebido, de forma embrionária, tais regimes: “[...] embora Greimas esboce um ou outro, não os distingue entre si. Ao contrário, o que ele chama acidente estético ou, às vezes, ‘acontecimento estético’ [...] superpõe, condensa, confunde os dois regimes” (LANDOWSKI, 2014a, p. 73). O autor considera que a concepção restritiva dada por Greimas (1983) ao termo estético o reduz, sistemática e filosoficamente, a esfera do sublime, da “sensação pura, pontual, efêmera, indizível” e “[d]os efeitos ‘deslumbrantes’ do inesperado”, não permitindo contemplar, ou até se opondo, a interação de sensibilidades e a “ideia de ajustamentos recíprocos entre os actantes” (Ibidem). Mais ainda, considera que tal redução toma o sensível e o aleatório como princípios sincréticos, sendo necessário, portanto, o estabelecimento de dois regimes, ao mesmo tempo distintos e autônomos, embora com pontos em comum.

Assim, a diversidade das formas de interação do indivíduo com o mundo pode ser resumida a quatro princípios elementares, que implicam concepções distintas de construção e geração de sentido: Programação, Manipulação, Ajustamento e Acidente. A Figura 1 ilustra o modelo proposto por Landowski (2014a) que, em complemento a teoria semiótica narrativa canônica, abarca, à direita, os regimes de Ajustamento e de Acidente.

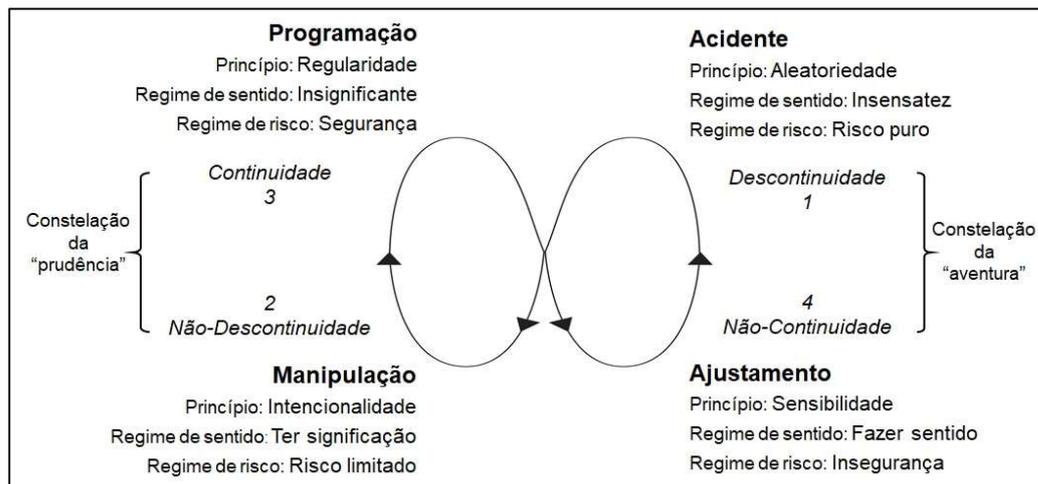


Figura 1: Regimes de Interação e seus correspondentes princípios, regimes de sentido e de risco.

Fonte: Adaptado de Landowski (2014a, p. 80).

Estrutura-se, assim, a Sociossemiótica, uma teoria que busca pensar a geração de sentido, trazendo como problemática central a noção de interação. Essa teoria propõe a construção de uma problemática mais abrangente da significação, privilegiando “não a descrição de sistemas que determinariam a produção e a recepção das manifestações significantes”, mas a análise das interações entre os atores, das quais emerge a construção do sentido em si, resultando em configurações inéditas (LANDOWSKI, 2014b, p. 12).

Portanto, assume que o sentido não emerge das ‘representações’ do social, mas, ao contrário, são as práticas de construção, negociação, intercâmbio de sentido que vêm construindo o social enquanto universo de sentido. Se a semiótica se ocupa “exatamente do ‘real’ considerado como uma linguagem e até mesmo do ‘vivido’ encarado como efeito de sentido” (LANDOWSKI, 1992, p. 207), a Sociossemiótica se propõe a “edificar com urgência uma conceptualização semiótica do ‘social’ (LANDOWSKI, 2017, p. 175).

Passa-se, pois, para o entendimento de cada um dos quatro regimes de interação em suas especificidades, seus respectivos princípios orientadores, regimes de sentido e de risco, para, em seguida, compreender a riqueza coletiva do modelo, advinda, principalmente, da passagem de um regime a outro, ou seja, da recursividade entre eles.

O **regime de Programação** (posição 3 na Figura 1) é fundado no princípio de **regularidade** de comportamento dos atores (humanos ou não humanos) da interação, ou seja, dos indivíduos e de seus bens de consumo. As formas de ação entre os indivíduos ou entre indivíduos/objeto ocorrem em termos de interobjetividade e de exterioridade, uma vez que intervém em algum grau na ‘vida exterior’ do outro, resultando no *‘fazer ser’* novas realidades. Para que um sujeito possa operar sobre um objeto qualquer é necessário que esse objeto esteja programado, o que equivale à ideia de “algoritmo de comportamento” (LANDOWSKI, 2014a, p. 22).

Essas regularidades dependem tanto de causalidades físicas quanto de condicionamentos e constrangimentos de ordens socioculturais. No que tange a regularidade por causalidades físicas, os atores se definem por um caráter repertoriado, pela fidelidade e respeito máximo a certos ideais, regras, maneiras, ritos e cerimoniais, por gostos, hábitos, maneiras de se vestir, se apresentar, falar e pensar imutáveis, por uma aparência exterior sempre idêntica; em suma, por uma série de programas fixados a todos os aspectos da vida social. Já a regularidade sobre a forma de condicionamentos socioculturais se refere aquela derivada da coerção social, resultado de aprendizagens, que se manifesta sob a forma de práticas e comportamentos rotineiros.

Ambas as regularidades asseguram práticas ou comportamentos que, de tão internalizados ou assumidos como verdadeiros, são tidos como naturais e contínuas, garantindo um maior controle sob os indivíduos e os coletivos e, conseqüentemente, uma maior segurança nos relacionamentos. É tirando partido das regularidades de comportamentos dos objetos e sujeitos “que construímos cada dia novos objetos de todo tipo” (LANDOWSKI, 2014a, p. 23). Para as mesmas ações, têm-se sempre os mesmos efeitos e é possível calcular com exatidão os riscos assumidos nas interações. Isso garante a minimização de riscos de ordem prática e, conseqüentemente, esvaia a produção de sentido, apontando para um regime insignificante de sentido.

No regime da **Manipulação** (posição 2 na Figura 1), a ação se dá em termos de intersubjetividade e de interioridade, intervindo em algum grau na “vida interior” do outro. Se no regime de Programação existiam certeza e segurança, aqui se tem relativa incerteza e imprevisibilidade das interações, que passam a ser regidas por um princípio de **intencionalidade**. Por meio do uso de diversos de procedimentos

persuasivos, um ator impõe razões ou motivações sobre o outro, fazendo-o querer e/ou dever fazer alguma coisa. Landowski (2014a) aponta quatro tipos de procedimentos para manipulação: o de tentação, de intimidação ou ameaça, de lisonja e de provocação.

Com uma série de procedimentos do tipo tentação ou promessa, o manipulador persuade o manipulado, se comprometendo a recompensá-lo com um objeto-valor, caso concorde em agir segundo a sua vontade. Já por meio de procedimentos de tipo ameaça, o manipulador dissuade o manipulado, ao castigá-lo com a privação de um objeto-valor, caso recuse agir segundo a sua vontade. Tais casos tratam do intercâmbio ou não de valores, por razões que, em última instância, são de ordem econômica (LANDOWSKI, 2014a, p. 26).

Mais complexos, os procedimentos do tipo da lisonja ou provocação envolvem, respectivamente, conotações positivas ou negativas à imagem que o manipulador faz ou pretende fazer daquele que deseja manipular. Aqui a manipulação encontra fundamento na motivação subjetiva do manipulado em querer ou não ser reconhecido conforme simulacro que lhe é apresentado pelo manipulador. Essa lógica transacional remete a uma problemática não mais econômica, mas identitária.

Esses quatro procedimentos de manipulação são nomeados por Barros (2011) como, respectivamente, de tentação, de intimidação, de sedução e de provocação, organizados segundo a competência do manipulador e da alteração modal operada na competência do manipulado. No procedimento de tentação, o manipulado é levado a um querer-fazer em troca de um objeto-valor positivo que o manipulador possui. Já no procedimento de intimidação, esse objeto-valor que o manipulador possui passa a ser negativo, levando o manipulado a um dever-fazer. No procedimento de sedução, o manipulado é levado a um querer-fazer, em uma tentativa de manter a imagem positiva que lhe é atribuída pelo manipulador. Já no procedimento de provocação, em uma tentativa de evitar ou desmentir a imagem negativa que lhe é atribuída pelo manipulador, esse manipulado é levado agora a um dever-fazer.

No regime de interação por **Ajustamento** (posição 4 na Figura 1), a maneira pela qual os atores influenciam um ao outro decorre do contato. Não mais um ator busca, unilateralmente e em dependência de leis preestabelecidas e objetiváveis, fazer o outro fazer, mas sim *fazer junto*, estando o sentido da interação na relação entre os atores e nas transformações que neles se operam tão somente por sua copresença. Assim, tem-se a **sensibilidade como princípio**, buscando um '*fazer sentir*', não pela persuasão, mas pelo "contato contagioso", e implicando uma problemática de "união" (LANDOWSKI, 2014a, p. 50).

Esse contágio torna-se, pois, procedimento básico por meio do qual os atores interagem e atuam uns sobre os outros, seja pela apreensão imediata e em ato entre eles, por meio de suas propriedades ou qualidades sensíveis, seja por sua troca de aprendizado, fruto do contato repetido e duradouro. Não existe aqui qualquer mediação de objeto-valor, somente a copresença sensível e direta dos actantes, em "um contato direto, mais ou menos imediato conforme o caso, entre corpos que sentem e corpos sentido" (LANDOWSKI, 2014a, p. 51). Assim, tal contágio pode ser definido como uma relação pregnante de natureza físico-somática, sensorial ou social, oriunda de convívio por meio do qual os sujeitos se (re)constroem. Ou ainda, como uma "transformação dinâmica recíproca e em ato" (LANDOWSKI, 2014a, p. 123).

Dessa interação entre iguais surge uma nova capacidade ou, ao menos, uma competência particular que anteriormente não se tinha – a capacidade de sentir reciprocamente mútua, a qual o autor intitula competência estética. Assim, se na manipulação o sujeito era guiado por uma competência modal e agia sob uma lógica de junção, no ajustamento essa competência dá espaço a outra, a estética, que o faz sentir, e sua ação torna-se subsumida pela lógica da união. Tal lógica de união "se concentra não sobre os estados juntivos sucessivos, mas sobre o que se passa entre os actantes, ou melhor sobre o que se passa, esteticamente e, a cada instante, de um para o outro" (LANDOWSKI, 2014a, p. 63).

Nestas interações de ajustamento, é necessária uma igualdade entre os atores. Caso não estejam em posições de igualdade, estes atores revelam uma segunda maneira de entender o ajustamento (DEMURU, 2019). Diversamente da primeira, esta segunda concebe o ajustamento como a resposta de um ator às tentativas progressivas ou repetidas de programação e manipulação de outrem à sua existência. Existe, neste caso, atores situados em diferentes posições de poder.

Por fim, chega-se ao regime de **Acidente** (posição 1 na Figura 1) que está fundado no princípio da **probabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade** e relacionado aos eventos que acontecem sem aviso prévio, sem motivação ou interpretação fundada na razão. Em uma dimensão interobjetiva, o acidente está associado à ordem do risco puro, manifestando-se em eventos de coincidência. Em uma dimensão mais intersubjetiva, está relacionado a irrupções surpreendentes, inesperadas, disruptivas e de descontinuidades radicais, em uma ordem social previsível e programada.

No plano simbólico, diante da impossibilidade de qualquer compreensão e da exclusão de qualquer possibilidade de antecipação, todas essas descontinuidades produzem um ‘sem sentido’ que, moralmente sem segurança, tende ao absurdo. Assim, o regime de acidente é caracterizado pelo **acaso**, um fenômeno imanente e vazio de sentido, que se auto institui somente em sua própria manifestação ou realização, como sua própria lei. Por isso, o acaso infringe todos os esquemas actanciais conhecidos, motivo pelo qual:

“não tem competência definível: nem de ordem modal – porque ou não é motivado, e age sem razão, ou, se lhe é atribuída uma intencionalidade, esta não é conhecida –nem de ordem estética: indeterminado, incorpóreo, intocável mesmo que onipresente, não sensível a nada (nem a si mesmo)”. (LANDOWSKI, 2014a, p. 78-9)

Pelo seu modo de intervenção, o acaso pode atuar como um actante com papel crítico, quando decide a orientação e o resultado dos processos nos quais intervém, ou com papel catalítico, quando não sofre impacto algum daquilo que desencadeia ao seu redor, tal como um catalisador químico.

Se transformado em um Quadrado Semiótico, o modelo de Regimes de Interação de Landowski pode ser representado conforme Figura 2. Tal interpretação e justificativas para posições de complementaridade, oposição por contraste ou contrariedade e de negação ou contradição podem ser tomadas a partir de qualquer um dos regimes de interação.

Segundo o autor, o regime de programação, fundado na continuidade e ordens garantidas por suas rotinas, regras, receitas, modelos de planejamento e métodos de trabalho, se apresenta como contrário aquele do acidente que, tomado pelo caos absoluto, não suporta a continuidade de nada. Por dividir um universo de maior segurança e, ao mesmo tempo, propenso a um maior esvaziamento de sentido, esse regime de programação se mostra complementar ao de manipulação.

Por fim, diante da insegurança que insurge de relações baseadas nas interações em si, nas quais nenhuma lei ou comportamentos podem ser preestabelecidos e objetiváveis, o regime de programação alimenta uma relação de negação ou contradição com aquele de ajustamento.

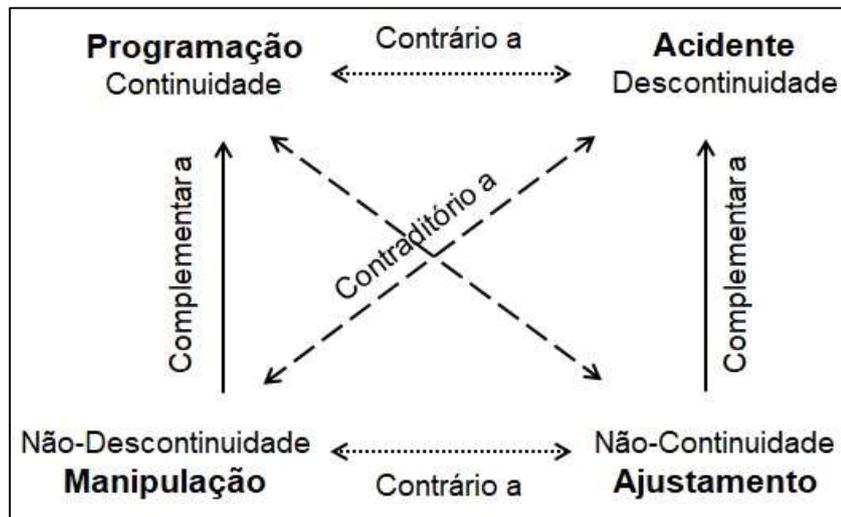


Figura 2: Regimes de Interação sob a forma de quadrado semiótico.
Fonte: Adaptado de Landowski (2014a, p. 80).

Além de propor os regimes de Ajustamento e Acidente, Landowski defendeu a fluidez em lugar das posições fixas do esquema do quadrado semiótico, segundo a teoria standard. Os quatro regimes de interação se definem a partir de uma rede fundamental de relações que se deslocam dinamicamente, se conjugando, se sobrepondo e se alternando em função dos momentos e das experiências vividas. Nas palavras de Landowski (2016, p. 213), “os regimes não são caixas, cada uma com seu rótulo, à maneira das gavetas de um colecionador. [...] eles jamais se conformam, nem a categorias estanques, nem a tipos unívocos”.

Para ilustrar a transição entre os regimes, Landowski apoia-se no percurso de um sujeito que, inicialmente mergulhado na aleatoriedade, caos total e repleto de perigos (posição 1 da Figura 2), esforça-se por encontrar um destinador ao qual pudesse se ancorar e, assim, encontrar alguma segurança e sentido para sua vida (posição 2 da Figura 2). Ao buscar um universo ainda mais seguro e eliminar os imprevistos que ainda possam rondar sua existência, tal sujeito se vê, agora, na iminência de recorrer a programas, métodos, planejamentos e ordenamentos de sua vida (posição 3 da Figura 2). Contudo, diante de uma vida roteirizada, previsível e tranquila, o sujeito se vê a beira ao tédio, em uma existência que, reduzida a atender

necessidades quase causais, converte-o em mero objeto, jogando-o, novamente, ao encontro do insignificante. Encontrará, talvez, forças para transgredir tal regime, expondo-se a relacionamentos ou interações que possam trazer de volta suas qualidades de ser humano e um mínimo de sentido e valor para sua existência (posição 4 da Figura 2). Chegando ao liminar desse regime, o sujeito reiniciará tal elipse, quando retorna ao acaso (posição 1 da Figura 2).

Ainda sobre a movimentação nesta elipse, Landowski (2014a, p. 89) aponta a existência de três modos de passagem de um regime a outro, ou seja, de recursividade entre eles. Em caráter horizontal, isto é, no mesmo espaço bidimensional, todo regime de interação e sentido tende a outro, por implicação ou contradição: o acidente tende à manipulação; a manipulação à programação; a programação ao ajustamento e; o ajustamento ao acidente. Em caráter vertical, ou seja, em um plano tridimensional, cada regime pode reger sua própria reprodução: uma manipulação pode ter um sujeito manipulado que manipula, por sua vez, um terceiro; uma programação pode programar outras programações; um acidente “feliz” pode ocasionar outro acontecimento fortuito e; um ajustamento exitoso com um parceiro pode possibilitar outras experiências partilhadas, da mesma natureza, porém mais profundas. Por fim, em caráter oblíquo, que acarreta uma enorme complexidade às relações de sentido e interação, o funcionamento de um regime comanda ou condiciona o funcionamento de outro: as máquinas programadas podem ser capazes de ajustar-se a seus usuários e; um sujeito pode-se ajustar a outro para, então, melhor manipulá-lo.

Assim, a riqueza do modelo de regimes de interações está justamente na passagem de um regime para o outro, nas mutações dos regimes em si e nas interferências de um sobre outro, instaurando uma dinâmica que permite o reconhecimento, a cada momento, do próprio sentido, no caso desta tese, da desaceleração para os indivíduos. Tal riqueza justifica, pois, a escolha desta tese por tal modelo, ao lado de seu reconhecimento como instrumento que permite analisar e comparar as diversas práticas dos indivíduos entre si e, mesmo diante de sua heterogeneidade, descortinar e reconhecer predominantes padrões ou configurações interacionais.

2.6.

Sumário do enquadramento teórico-analítico da pesquisa

Esta tese partiu de três eixos teóricos principais: (i) temporalidade e experiências extraordinárias de consumo, (ii) Teoria da Aceleração e (iii) Sociossemiótica.

Neste capítulo, busquei apresentar de forma integrada como a literatura aborda temas de temporalidade em consumo, principalmente, de lentificação e desaceleração por meio do consumo. Tais características são entendidas por esta literatura como extraordinárias, fundamentadas, principalmente, pelos conceitos de estrutural e antiestrutural de Victor Turner. Este extraordinário está repleto de elementos antiestruturais e emerge a medida em que este consumo se afasta de elementos estruturais, ou seja, apenas quando da saída ou retirada do consumidor do ambiente rotineiro de consumo.

Neste sentido, defendo que o consumo em um ambiente rotineiro pode também gerar uma experiência extraordinária de lentificação, funcionando como um oásis de desaceleração, permitindo, ainda que temporária e momentaneamente, que os consumidores experimentem a desaceleração em um local onde uma lógica temporal acelerada domina. Como fenômenos de estudo e para delimitar minha tese, debruçei-me sob as formas de consumo sob a etiqueta de Slow, centrando-me em consumidores do Slow Food, Slow Life e Slow Fashion.

Uma vez que estes oásis de desaceleração possuem uma lógica temporal própria (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019) que enfatiza a lentificação, busquei entender a lógica de transição para dentro e para fora destes oásis e o processo de resincronização feito pelos consumidores para, de fato, experienciar a desaceleração. Assim, como a noção de temporalidade está diretamente relacionada ao desdobramento de significados que emergem durante essas transições e que são relevantes para alguém ou alguma coisa, utilizo o aporte teórico metodológico da Sociossemiótica, de Landowski, para entender esta criação intermitente de sentidos e significados que as narrativas de meus informantes apresentam.

Em paralelo, utilizo-me das forças de aceleração defendidas por Rosa (2019a) para entender possíveis estratégias de desaceleração a serem empregadas para o alcance do extraordinário. Ademais, recorro aos achados de Husemann e Eckhardt (2009) e de outros autores que investigaram o extraordinário fora do ambiente rotineiro com o objetivo de, em um primeiro momento, aproximar as experiências

de nossos sujeitos de pesquisa, para, depois, afastá-las, levando em consideração, principalmente, as diferenças de contextos e “extraordinarismo” dos fenômenos que investigo – eles, àquelas formas lentas de consumo fora do ambiente rotineiro, e eu, o consumo trivial e cotidiano de formas lentas de consumo.

A linha de pensamento adotada nesta tese e as conexões entre seus tópicos estão sumarizados na Tabela 1. Estas são as literaturas pelas quais passamos para, juntamente com o campo, ajudarão a cumprir os objetivos desta tese. Ressalta-se que não se trata de um modelo a ser perseguido ou validado, mas uma ilustração para apresentar a origem, o caminho e o ponto final deste trabalho.

<i>Campo</i>	Sujeitos que intencionalmente buscam a desaceleração por meio do consumo sob o rótulo Slow	
<i>Objetivo Geral</i>	<i>Objetivos Específicos</i>	<i>Literatura</i>
Compreender o processo de desaceleração do consumidor no ambiente estrutural contemporâneo, por meio do consumo sob o rótulo Slow	(i) analisar como os consumidores constroem sentidos e significações de desaceleração por meio do consumo Slow;	2.5. Sociossemiótica
	(ii) entender a construção e gerenciamento de experiências extraordinárias de desaceleração a partir do consumo Slow;	2.1. Temporalidades em Estudos de Consumo 2.2. Tempo e Aceleração 2.3. Teoria da Aceleração Social 2.4. Desaceleração
	(iii) definir oásis modernos de desaceleração.	2.1. Temporalidades em Estudos de Consumo 2.2. Tempo e Aceleração 2.3. Teoria da Aceleração Social 2.4. Desaceleração 2.5. Sociossemiótica

Tabela 1: Caminho teórico.

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, é apresentado o percurso metodológico escolhido para a realização da pesquisa.

3 Procedimentos metodológicos

O objetivo deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos adotados na investigação do percurso dos entrevistados para construir os sentidos a respeito da desaceleração por meio do consumo. Para tal, foram desenvolvidas 3 seções: (i) enquadramento ontológico e epistemológico da Sociosemiótica, que em conjunto com a perspectiva do CCT (*Consumer Culture Theory*), estabelece o caráter construtivista desta tese, (ii) procedimentos de coleta de dados; (iii) os procedimentos de análise de dados e, finalmente, (iv) limitações do estudo.

3.1. A pesquisa

Esta tese enquadra-se no paradigma da fenomenologia existencial, uma vez que fornece um olhar para o modo como as experiências de desaceleração em consumo são descritas e contextualizadas, aproximando-se “[d]a descrição da experiência a partir de uma perspectiva de primeira pessoa.” (FISCHER *et al.*, 2014, p. 69). Assim, tal filosofia ocupa-se do “ser-no-mundo”, o que implica no estudo da experiência humana como uma totalidade e onde contexto e experiência são constitutivos um do outro (FISCHER *et al.*, 2014).

Esta tese obedece ao paradigma construtivista (SACCOL, 2009; ORLIKOWSKI e BAROUDI, 1991). Adota como teórico-metodologia, a Sociosemiótica, aderente a Semiótica, que tem origem na Linguística Saussuriana, de Ferdinand de Saussure, na Antropologia Estrutural, de Levi Strauss, no Formalismo Russo e na Fenomenologia da percepção, de Merleau-Ponty (PESSÔA, 2013). Assim, constituída por reflexões de raízes fenomenológicas, considerando nossa percepção do mundo como o *locus* da emergência da significação, a Semiótica representa uma reintrodução ou recuperação do sujeito no estudo da significação (LANDOWSKI, 2014a). Se “o mundo humano se define essencialmente como um mundo da significação” (GREIMAS, 1983, p. 7), a experiência é considerada como o momento da emergência do sentido. Mais ainda,

a experiência pode ser entendida como detentora “de um sentido procedente diretamente de nosso encontro com as qualidades sensíveis imanentes das coisas presentes” (LANDOWSKI, 2014a, p. 4)

Posto isso, trago a Semiótica para dar conta das condições de emergência do sentido nos discursos e nas práticas significantes, me preocupando com a análise, comparação e interpretação dos dispositivos simbólicos por meio dos quais os indivíduos garantem significados à realidade. Essa reflexão sobre as significações da realidade, aberta a inspirações ou interrogações filosóficas ou orientada para o existencial, não é menos rigorosa em termos de conceptualização ou em termos de procedimentos de coleta e análise de dados de pesquisas, por exemplo, positivistas. Isso porque os modelos que essa última se esforça em construir para captar a realidade nunca são puramente descritivos, neutros e vazios de conteúdo, mas portadores de sentidos e valores, e a simples escolha por utilizar tal modelo já implica uma posição, implicitamente, sobre o “estatuto das coisas” (LANDOWSKI, 2014a, p.13). Assim, evidencia-se que não existe Semiótica, nem nenhuma outra ciência humana ou social, livre do compromisso com o sentido e a significação. Do mesmo modo, não existe instrumento de coleta e análise de dados que seja totalmente independente ao objeto que analisa.

3.2. Coleta de dados

Esta pesquisa iniciou quando da coorientação (pela autora e pelo orientador desta tese) de duas graduandas da PUC-Rio, participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Gilda Pardellas Pires e Albuquerque e Letícia Faria do Nascimento, cujos objetos de pesquisa foram os sentidos de desaceleração para consumidores e fornecedores da vertente do *Slow Food*, na cidade do Rio de Janeiro. Essa primeira fase de coleta ocorreu no período de junho a dezembro de 2019 e funcionou como *entrée* cultural. Ainda no início desta coorientação, percebi que a investigação somente sobre Slow Food não seria suficiente para atender aos objetivos desta tese. Precisava, portanto, melhor sondar o Movimento Slow no Brasil.

Em agosto de 2019, descobri a Rede Desacelera SP, que surgiu como o Guia Desacelera SP, um guia ativo e colaborativo para as pessoas desacelerarem na cidade de São Paulo, disponível no site do Movimento⁹. Este movimento foi, aos poucos, crescendo, constituindo a Rede Desacelera SP, “um grupo de pessoas, coletivos, projetos, organizações e iniciativas que atuam juntas para o apoio, a formação, o intercâmbio e a ação com o objetivo de fortalecer o movimento Slow”¹⁰ (DESACELERA SP, 2019). Ainda segundo o site, hoje esta Rede possui 90 parceiros. Entrei em contato com sua fundadora, que, prontamente, atendeu ao meu pedido, me concedeu uma entrevista e me autorizou referenciar o grupo em meus estudos.

A partir das vivências e pesquisas sobre o Movimento Slow, a Rede Desacelera SP constrói e compartilha conhecimento sobre o tema, por meio de um sítio oficial (<https://www.desacelerasp.com.br>) e um perfil na rede social Instagram (<https://www.instagram.com/desacelerasp/>), com o intuito de levar informações a pessoas que querem “desacelerar” a vida, principalmente por meio de escolhas e consumo. Além disso, segundo o site, do Movimento busca também incitar uma mudança cultural, uma vez que seus parceiros acreditam “que sem transformar a cultura da velocidade, da pressa e da produtividade, os indivíduos não podem ser responsabilizados por estarem adoecendo.”

Além do Guia, a Rede Desacelera SP conduz, anualmente, o Dia sem Pressa, cuja primeira edição aconteceu em 2018, em São Paulo. O evento foi definido como o “primeiro festival da cultura slow do Brasil”, que buscou a “promoção da convivência, experiência e consciência”, reunindo, para isso, pessoas que desejam desacelerar (IBIDEM). Compareci a segunda edição, que aconteceu em 28 de setembro de 2019, também na cidade de São Paulo. O evento contava com uma série de atividades para que os visitantes experimentassem e aprendessem como levar para o cotidiano atitudes para uma vida mais simples e pausada. Sob os pilares de experiência, convivência e consciência, o evento buscou reunir pessoas e empresas em torno da temática de desaceleração e diminuição do ritmo de vida acelerado da capital (DESACELERA SP, 2019).

9 <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1lmUcYODyHnZZVej5cjD1sLN3fyk&ll=-23.657847700984266%2C-46.773706599999976&z=10>

¹⁰ <https://www.desacelerasp.com.br/rededesacelerasp/quem-somos/>

À medida que participava do evento e presenciava as atividades e oficinas propostas, percebi a riqueza dos dados e a viabilidade daquela pesquisa de campo. Tive como foco as dinâmicas e interações que aconteciam no evento, em busca de uma compreensão sobre o tema principalmente por meio dos significados atribuídos por quem ali estava. Ademais, conversei informalmente com alguns futuros possíveis sujeitos de pesquisa. Tal evento permitiu tanto consolidar minhas questões de pesquisa e a delimitação da tese, como elaborar os roteiros de entrevistas.

Assim, foram conduzidas, nesta primeira fase, observações participantes, que consistem em estudar aspectos de vida por meio da observação de eventos em seus contextos naturais (GIVEN, 2008), o que permite chegar a bastidores da realidade (PATERSON *et al.*, 2003). Mais precisamente, dentro da tipologia idealizada por Gold (1958) quanto à maneira como o pesquisador se insere no campo, a definição de observador como participante parece ser a mais adequada aqui, por se caracterizar como uma observação formal, restrita a um contato único e formal com o campo.

Com o fim do evento, me programei para o Dia sem Pressa 2020, que não aconteceu, pelo menos de modo presencial, devido as medidas de isolamento social para o enfrentamento ao novo coronavírus. Na ocasião, o Dia sem Pressa convidou os envolvidos para um “dia sem lives, um dia offline, um dia para fazer nada, um dia sem telas” (Figuras 3 e 4).



Figura 3: Post sobre o Dia em Lives, em substituição ao Dia sem Pressa presencial. Fonte: Instagram Desacelera SP <<https://www.instagram.com/p/CE4WMXDH4fl/>>



Figura 4: Post sobre o Dia em Lives, em substituição ao Dia sem Pressa presencial.
 Fonte: Instagram Desacelera SP <https://www.instagram.com/p/CE9kAfGH_YH//>

Passei, então, a focar nas entrevistas em profundidade com os sujeitos de pesquisa identificados no evento de 2019, em grupos de redes sociais voltados para a temática de Consumo Slow ou que faziam parte da Rede Desacelera SP, cujos contatos estavam disponíveis na página ‘Quem Somos’¹¹, no sítio oficial do Movimento e no Guia Desacelera SP. Ademais, com o apoio da fundadora, divulguei o objeto de estudo de minha tese no mailing do Desacelera SP (Figura 5), em abril de 2020, o que ajudou, igualmente, a identificar sujeitos de pesquisa que já tinha uma compreensão e vivência de experiências extraordinárias de desaceleração por meio de formas lentas de consumo no ambiente rotineiro.

¹¹ <https://www.desacelerasp.com.br/rededesacelerasp/quem-somos/>

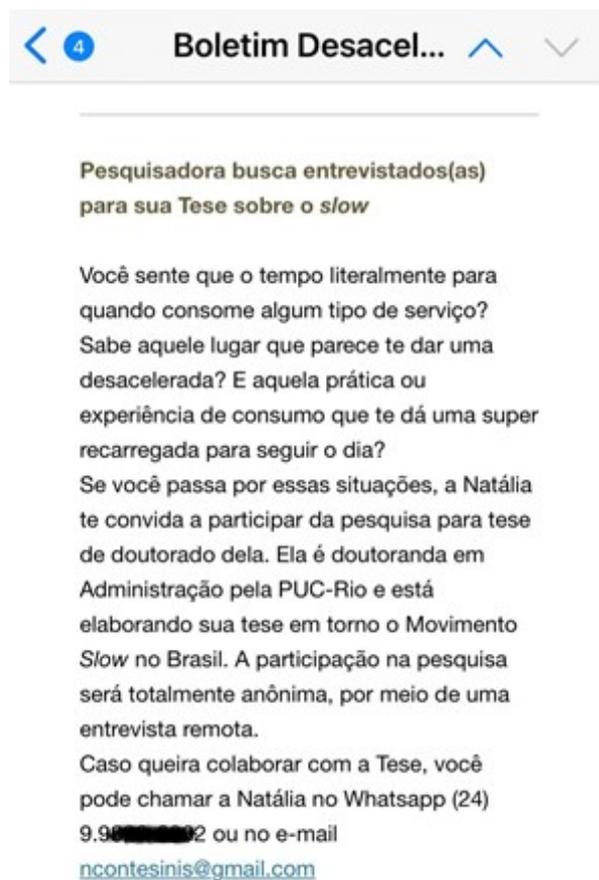


Figura 5: Print do Boletim Desacelera, edição de abril/2020.
Fonte: Notas da autora

Entrevistas permitem que o próprio pesquisador seja o instrumento de investigação (McCRACKEN, 1988), enxergando e enfatizando a importância dos significados simbólicos para a compreensão do consumo. Uma vez que esta tese se filia ao *Consumer Culture Theory* (CCT), pareceu-me adequado o uso de entrevistas em profundidade para dar conta das “forças mitológicas e ideológicas” ou “formas de poder” que impactam as subjetividades e poder de agência dos consumidores (ASKEGAARD & LINNET, 2011, p. 387). Admito, portanto, o consumo e os consumidores – e, conseqüentemente, suas narrativas – como frutos de construções socioculturais compartilhadas e influenciados por forças históricas, sociológicas, ideológicas e institucionais (THOMPSON, *et al.*, 2013).

Desse modo, ao usar entrevistas em profundidade, busquei entender além da experiência em si, ciente de que ali se escondem “camadas de significado cultural”, conexões sócio-históricas e “enquadramentos culturais e ideológicos” (THOMPSON, *et al.*, 2013, p. 9). Entende-se, portanto, os relatos desta tese como narrativas socialmente instituídas, por meio das quais os sujeitos de pesquisa,

consumidores de formas de consumo lento, produzem significado e geram sentido para sua vida cotidiana.

Seguindo o roteiro sugerido por Fischer *et al.* (2014), iniciei a definição do escopo de projeto, tendo como interesse geral de pesquisa compreender como ocorre o processo de desaceleração do consumidor no contexto social moderno, dominado pela lógica temporal acelerada. Minha conversa teórica se deu com temas de: (i) temporalidade e experiências extraordinárias de consumo, (ii) Teoria da Aceleração e (iii) Sociossemiótica.

Seguindo, minhas entrevistas foram conduzidas a partir de roteiros com uma série de questões “grand tour” (“*grand tour questions*”) (McCRACKEN, 1988), que abordavam os tópicos importantes da minha pesquisa. Este autor advoga, ainda, que para cada uma destas questões, sejam utilizadas questões de estímulo. Finalmente, devido, unicamente, ao foco e direcionamento das perguntas, optei por desenvolver dois roteiros de pesquisa (Anexo 1 e 2): um para os sujeitos consumidores e outro para os sujeitos empresários. Para a análise dos dados, não houve tal separação.

As entrevistas foram conduzidas entre setembro de 2019 a dezembro de 2021, em sua grande maioria, de modo remoto, por meio da plataforma Google Meeting, devido ao cenário pandêmico enfrentado a partir de abril de 2020. Estas entrevistas duraram, em média, de 50 a 80 minutos, somando, aproximadamente, 19 horas de áudio e foram gravadas com o consentimento dos participantes (Anexo 3). Sempre que possível, os entrevistados recomendavam amigos ou conhecidos com grande afinidade com a temática de consumo lento, ou seja, novos entrevistados potenciais.

Para a construção deste corpo de dados, não me apeguei ao quantitativo de sujeitos entrevistados, mas a diversidade de informações que, como o passar das entrevistas, não mais foi encontrada, atingindo-se a saturação de informações ou dados. Assim, para determinar a suficiência de entrevistas utilizei-me do princípio da saturação teórica (GLASER e STRAUSS, 1967). Fischer *et al.* (2014) entendem que esta saturação é atingida quando os diferentes temas envolvidos na investigação estão bem desenvolvidos, de modo que a adição de novos informantes agrega apenas informações marginais.

Foram realizadas 30 entrevistas com sujeitos que intencionalmente buscar uma vida mais desacelerada por meio do consumo sob o rótulo Slow. Estes entrevistados residem na cidade do Rio de Janeiro ou de São Paulo e possuem nível superior completo. Dezesesseis sujeitos se reconhecem como do gênero feminino e quatorze como do gênero masculino. Em observância a achados que apontam o impacto da idade sob a percepção do tempo e sob a vivência de experiências comuns e extraordinárias (BHATTACHARJEE e MOGILNER, 2014), optei por não limitar a faixa etária dos sujeitos de pesquisa, atingindo, assim, indivíduos entre 24 e 60 anos.

Estes sujeitos concentram-se nas vertentes do *Slow Food*, *Slow Life*, *Slow Fashion* e *Slow Made* (ou *Handmade*). Acredita-se que tais vertentes dão conta de abordar o fenômeno do Movimento Slow, uma vez que:

“não pode haver Slow Food nem outra qualquer vertente, sem Slow Life, [...] Uma vez que abordamos o problema a partir dessa perspectiva, percebemos que o que estamos enfrentando não é um problema de ‘gosto’ ou [de] ‘ideal’, mas algo ‘político’.” (CHAPMAN, 2013, p. 23)

A Tabela 2 sumariza os sujeitos de pesquisa da tese.

Entrevistado	Gênero	Idade	Vertente de consumo lento	Profissão	Cidade
Fabício	M	38	<i>Slow Food</i>	Empresário	Rio de Janeiro/ RJ
Fred	M	41	<i>Slow Food</i>	Empresário	Rio de Janeiro/ RJ
Alex	M	43	<i>Slow Food</i>	Empresário	Rio de Janeiro/ RJ
Fernanda	F	42	<i>Slow Food</i>	Administradora	Rio de Janeiro/ RJ
Fábio	M	39	<i>Slow Food</i>	Contador	São Paulo/ RJ
Lucas	M	24	<i>Slow Food</i>	Músico	Rio de Janeiro/ RJ
Ricardo	M	38	<i>Slow Food</i>	Publicitário	Rio de Janeiro/ RJ
Breno	M	24	<i>Slow Food</i>	Estudante de Direito	São Paulo /SP
Joana	F	27	<i>Slow Food</i>	Relações Públicas	São Paulo/ RJ
Letícia	F	30	<i>Slow Food</i>	Engenheira Civil	São Paulo/ RJ
Antônio	M	29	<i>Slow Food</i>	Engenheiro de Produção	São Paulo/ RJ
Pedro	M	38	<i>Handmade</i>	Designer	São Paulo/ SP
Marta	F	60	<i>Handmade</i>	Publicitária	São Paulo/ SP
Alice	F	52	<i>Handmade</i>	Advogada	São Paulo/ SP
Lívia	F	36	<i>Slow Fashion</i>	Pedagoga	Rio de Janeiro/ RJ
Amanda	F	37	<i>Slow Fashion</i>	Analista de Sistemas	São Paulo/ SP
Hevellin	F	35	<i>Slow Fashion</i>	Professora	São Paulo/ SP

Elen	F	52	<i>Slow Fashion/ Slow life</i>	Arquiteta e Urbanista	Rio de Janeiro/ RJ
Carla	F	39	<i>Slow life</i>	Designer	São Paulo/ SP
Luana	F	39	<i>Slow life</i>	Chef de cozinha	São Paulo/ SP
Chico	M	45	<i>Slow life</i>	Jornalista	Rio de Janeiro/ RJ
Heitor	M	37	<i>Slow life</i>	Desenvolvedor de Sistemas	São Paulo/ SP
Pablo	M	35	<i>Slow life</i>	Advogado	São Paulo/ SP
Débora	F	38	<i>Slow life</i>	Publicitária	São Paulo/ SP
Lana	F	27	<i>Slow life</i>	Engenheira de alimentos	São Paulo/ SP
Pietra	F	47	<i>Slow life</i>	Publicitária	São Paulo/ SP
Clara	F	36	<i>Slow life</i>	Bióloga	Rio de Janeiro/ RJ
Luiza	F	37	<i>Slow life</i>	Psicóloga	Rio de Janeiro/ RJ
Bernardo	M	31	<i>Slow life</i>	Administrador	São Paulo/ SP
Júlio	M	28	<i>Slow life</i>	Influenciador Digital	São Paulo/ SP

Tabela 2: Sumário de sujeitos de pesquisa.
 Fonte: elaboração própria

3.3. Análise e Interpretação dos dados

As entrevistas foram transcritas totalizando 203 páginas de Word. À medida que transcrevia as entrevistas, realizava o processo de pré-leitura e codificação dos dados, em um esforço de destacar o que parecia mais relevante e aderente a proposta da pesquisa. Ressalta-se que deixamos o conteúdo falar por si e revelar seus padrões internos. Neste momento, os quatro regimes de interação defendidos por Landowski (2014a) foram se assumindo, naturalmente, como códigos que permitiram categorizar os dados.

Aceitando a provocação de Demuru (2019) e, assim como faz Landowski, adota-se tais transcrições como objetos sociossemióticos, uma vez que o importante para esta tese é o ponto de vista sociossemiótico por meio do qual foram analisadas, e não o fato de poderem ou não ser definidas enquanto “texto-objeto-supostamente-fechado”. Isso porque, além de ser um método de pesquisa, a Sociossemiótica pode ser entendida como teoria, pois é:

“uma maneira de olhar e abordar o mundo e seus fenômenos. Um olhar profundamente anti-essencialista, pelo qual nada – mundo, fenômenos, objetos, sujeitos, o social, a cultura, etc. – tem uma forma e uma identidade fixa, aprioristicamente definida e a-discursiva, nem nada existe independentemente de alguém que com ele interage, re-construindo e apreendendo, assim, seu sentido, seja este alguém semiótico ou não”. (DEMURU, 2019, p. 90)

Para a semiótica greimasiana, da qual se deriva da aquela de Landowski, o texto é um todo de sentido, portando um objeto de significação, engendrado por um percurso gerativo de significação (GREIMAS e COURTÉS, 2008). Assim, ao analisar os procedimentos e mecanismos que estruturam os relatos dos sujeitos entrevistados, buscava-se tecer seu sentido e entender a produção de significação.

Quando opto por analisar os dados por meio do modelo de Landowski, estou focando nas abordagens do social, centradas nas práticas de vida, priorizando as condições das interações sociais dos entrevistados, correlacionando, assim, *sentido* e *interação*. Além disso, ao utilizar-me deste modelo, centro-me no nível narrativo da análise semiótica. Tal processo de análise foi, de igual modo, utilizado por Pessoa (2013) ao explicar a construção dos sentidos da segurança e da proteção na publicidade de seguros de vida e de automóveis e suas relações com o consumo.

Ainda, cumpre lembrar que, mesmo sendo tratados individualmente, os regimes de interação não foram analisados isoladamente, mas em conjunto, assumindo-se tal como uma rede de relações que se deslocam dinamicamente, se conjugando, se sobrepondo e se alternando em função dos momentos e das experiências vividas. Nesta rede “se cruzam práticas que podem corresponder, simultaneamente ou alternadamente, a qualquer regime interacional” (LANDOWSKI, 2016, p. 11).

Tal como fala Demuru (2019), diferentemente do percurso gerativo de sentido (ou o quadrado semiótico), as passagens de um regime para o outro não acontece por meio de saltos pontuais, mas, gradualmente, ao longo de uma elipse, revelando, assim, uma série potencialmente infinita de posicionamentos intermediários e sobreposições entre um regime e o outro. E eis que a riqueza do modelo interacional de Landowski está justamente nesta dinamicidade de seus regimes, o que permite analisar e comparar as diversas ações e percepções dos indivíduos entre si e, mesmo diante de sua heterogeneidade, descortinar e reconhecer predominantes padrões ou configurações socioculturais e comunicacionais.

Após a identificação dos regimes de interação, preocupei-me em fazer o caminho rumo à teoria, expondo a concretude dos dados empíricos aos conceitos teóricos anteriormente levantados. Analisando as narrativas dos entrevistados e suas possíveis modalidades de teorização questionou-se as significações ou intenções de significação e as ontologias as quais remetem. Este quebra-cabeça de dados permitiu entender o caminho sociosemiótico utilizado pelos entrevistados para construir os sentidos e significações a respeito da desaceleração por meio do consumo.

Melhor falando, foi possível sugerir a reconstrução de sentido, que pode seguir tanto os programas ou a intencionalidade de um dado destinador/enunciador, como os caminhos imprevisíveis do ajustamento ou do acidente, que, respectivamente, podem reconfigurar ou subverter as configurações precedentes. Isso porque o sentido está e sempre esteve, circula e sempre circulou entre nós, condenando-nos, intensa e intersubjetivamente, a reconstruí-lo (DEMURU, 2019). Finalmente, cumpre ressaltar que qualquer reconstrução do sentido em forma de significação acontece a partir do diálogo entre, ao menos, dois sujeitos, sendo o sentido, portanto, uma construção plural. Ainda, o sentido não tem uma gênese, mas circula e evolui sem parar (DEMURU, 2019).

O processo de análise dos dados referentes às experiências extraordinárias ocorreu de maneira similar: a partir do processo de leitura das transcrições, foi possível identificar elementos estruturais e antiestruturais, os quais se assumiram como códigos para categorização dos dados.

3.4. Limitações do estudo

Uma limitação importante na realização da pesquisa está relacionada ao contexto enfrentando durante a coleta de dados, que ocorreu, em parte, durante a pandemia do Covid-19. Nesta ocasião, a maioria dos entrevistados estava em isolamento domiciliar, o que pode ter impactado o bem-estar destes sujeitos, assim como pode ter contribuído para a alteração de suas percepções acerca de temporalidade. Do mesmo modo, o cenário pandêmico fez com que a pesquisadora tivesse menos oportunidades de conduzir observações participantes, tendo, portanto, que limitar o processo de coleta de dados a, unicamente, entrevistas em profundidade, em sua grande maioria, conduzidas de modo remoto.

Outra limitação que deve ser destacada está relacionada ao uso único da Teoria da Aceleração (ROSA, 2019a) para análise e discussão do fenômeno de aceleração e desaceleração no cenário contemporâneo. Por ser recente, é uma teoria ainda a ser muito debatida, o que pode abrir perspectiva que não foram contempladas neste trabalho. Logo, constituiu pauta promissora para futuros trabalhos.

Finalmente, deve-se considerar que os dados oriundos de entrevistas são resultados da construção conjunta entre entrevistador-entrevistado, culturalmente contextualizada e submissa à situação da entrevista (FISCHER *et al*, 2014), o que pode representar uma limitação relacionada com o método de entrevista e com o potencial viés da pesquisadora.

Todavia, mesmo diante destas limitações, considera-se que esta pesquisa contribuiu para um maior entendimento acerca das percepções temporais dos entrevistados sobre a desaceleração.

Os resultados deste percurso metodológico são detalhados e discutidos a seguir.

4 Análise e interpretação dos resultados

Como no estudo de Husemann e Eckhardt (2019), todos os entrevistados expressaram o desejo de “acalmar” ou “frear um pouco” a vida acelerada. Assim, independentemente do seu objetivo inicial, as narrativas destes entrevistados se encontraram na vontade de experimentar um momento necessário e até urgente de desaceleração.

Os entrevistados experimentam a desaceleração por meio do consumo de diversos bens, práticas ou serviços, imersos no contexto rotineiro de suas vidas. Com base nos relatos, foi possível identificar que o sentido e significações atribuídos por estes consumidores ao modo como experimentavam a desaceleração por meio do consumo obedecem a um caminho de ir e vir constante entre a rapidez e a lentificação, o qual pode ser explicado com a ajuda da Sociossemiótica, explicitado no tópico 4.1. Mais ainda, essa experimentação da desaceleração em meio ao ambiente rotineiro envolve a combinação de elementos estruturais e antiestruturais, o qual é analisado no tópico 4.2.

4.1. Em busca de sentidos e significações sobre a desaceleração por meio do consumo

O principal motivo apontado pelos informantes para se envolverem em experiências de consumo que acarretem a sensação de desaceleração é a busca por um escape ao ritmo acelerado da vida moderna, ponto de correlação com os achados de Arnould e Price (1993), Kozinets (2002) e Husemann e Eckhardt (2019), sobre os motivos pelos quais experiências extraordinárias são buscadas. De modo geral, estas pessoas intentam conquistar uma espécie de pausa em meio a correria e caos do dia a dia a partir do consumo de certas experiências, o que permite equipará-las a oásis de desaceleração (ROSA, 2019a).

4.1.1. Ponto de saída: a manipulação do mercado

Característica da modernidade, uma nova ordem temporal se faz constante no dia a dia dos sujeitos, caracterizada, principalmente, pela percepção de aceleração exacerbada e o sentido de falta de tempo. Ademais, esta ordem temporal torna-se cada vez mais autônoma em relação aos sujeitos, fazendo com que estes percam seu *saber fazer* com o tempo: em vez de estar a serviço do homem, o tempo coloca-se agora como produto ou serviço, que pode – ou deve – ser adquirido.

Outrora abundante, este tempo agora se torna escasso e, portanto, será o objeto-valor da maioria dos relatos analisados. Nas narrativas, o papel do destinador-manipulador é ocupado pelo mercado ou sociedade de consumo que manipula os entrevistados a desempenhar uma performance de compra para, assim, entrar em conjunção com este objeto-valor¹² de ganho ou com o melhor uso do tempo (produtividade). Desta narrativa é esperada uma ação (ou inação), da qual pode depreender uma sanção positiva ou negativa. Assim, as narrativas apresentam o caminho que os entrevistados percorrem em busca de uma posição de conjunção com o objeto-valor e do gozo da sanção positiva ou da evitação da sanção negativa que revela.

É o caso de Clara que, em um estado de disjunção com o objeto-valor ‘tempo bem aproveitado’, ‘melhor gestão do seu tempo’ ou até mesmo de ‘ganho de tempo’, apresenta sua narrativa de privação:

“A gente acredita que não tem tempo e que não dá conta de entregar. O tempo todo. E eles [dizem]: ‘compre esse planner ou esse smartphone ou baixe esse aplicativo, faça seu treinamento de Produtividade’. E você compra e nada muda (risos). Mas mesmo assim, ano que vem vai ter de novo lá na lista de promessas. [...] e lá vou eu comprar de novo um planner, mais detalhado, baixar novos aplicativos, com mais ferramentas, voltar no treinamento”. (Clara)

A narrativa de Clara se faz uma narrativa canônica de manipulação (GREIMAS, 1983; LANDOWSKI, 2014a), cujo destinador-manipulador, utilizando-se de uma narrativa de convencimento, com um procedimento de tentação (BARROS, 2011), a faz acreditar em um *não saber fazer* a gestão correta

¹² Importante resolver a comum confusão relacionada ao termo valor, em ‘objeto-valor’, principalmente, quando se apresenta uma análise sociosemiótica. Barros (2011, p. 84) define objeto-valor como “o objeto determinado pelas aspirações e projetos do sujeito, por seus valores, em suma”, acrescentando que valor é “o termo de uma categoria semântica, selecionado e investido em um objeto com o qual o sujeito mantenha relação”. Aqui, portanto, afasta-se o termo valor da qualidade que Marx outrora lhe deu.

de seu tempo, o que resulta na crença de um *não (saber) ser* produtiva. Ciente dos julgamentos ou avaliações negativas as quais está sujeita, Clara cede as estratégias de intencionalidade do destinador-manipulador: *poder ter* ou *saber ter* mais tempo, por meio da posse de bens de consumo, como planner, smartphone, download de um aplicativo ou realização de um treinamento. Assim, Clara adquirirá competências de tipo modal *ser* ou estar mais produtiva devido ao melhor uso de seu tempo. Contudo, tal manipulação parece não ter fim, arremessando-a novamente para o mercado.

Para Lana, esta narrativa social é responsável por arremessar e manter os indivíduos em uma dinâmica de produtividade que, com o tempo, se torna normal. Esta consciência da manipulação do mercado aparece também no relato de Fernanda. Ambos os relatos tratam sobre a ânsia, ainda que agora esteja sendo questionada, por obter a competência modal de *dever fazer mais com o tempo*, fazendo com que, assim, as entrevistadas sejam socialmente reconhecidas como mais produtivas ou não recebam julgamentos sociais ou críticas e sanções negativas:

“E sempre damos um jeito de preencher nossos espaços vagos com mais e mais coisas para fazer, com mais e mais tarefas: é curso de inglês porque você precisa se conectar com o mundo, eliminar as barreiras da linguagem; é academia, porque você precisa se exercitar para não morrer do coração; é curso de fotografia, porque você precisa ter um hobbies; é curso de yoga, porque você precisa relaxar e se conectar com você; é curso de autoconhecimento, porque quem não conhece a si mesmo, não conhece nada; e por ai vai”. (Lana)

“E esse papo de que você ‘precisa fazer algo’, ‘precisa estar sempre ocupado’, ‘precisa fazer cada vez mais coisa e cada vez mais rápido’, isso tudo é algo que te falam pra que você tenha a impressão de que é mais produtivo, que fez mais que o outro”. (Fernanda)

Ainda, nota-se que a narrativa sobre a necessidade de mais tempo ou de maior produtividade proposta pelo destinador-manipulador é fortemente acatada e tomada como verdadeira pelos destinatários. Esta narrativa culturalmente criada e vendida de dever ocupar bem ou corretamente o tempo faz com que as entrevistadas se esforcem por ocupar os espaços vazios de suas rotinas, talvez a fim de evitar sanções negativas. Trata-se de um procedimento de provocação (LANDOWSKI, 2014a; BARROS, 2011), que leva Lana e Fernanda a um *querer fazer*, na esperança de evitar ou desmentir entendimentos sociais de que os espaços em suas rotinas sejam de ociosidade ou improdutividade. Como ‘recompensa’ à obediência a tal narrativa, têm-se o sentido de dias mais produtivos e vida mais bem aproveitada.

Entretanto, atrelada a esta sanção positiva, está a sensação de aceleração excessiva, a percepção de dias mais curtos diante de tantos afazeres e o surgimento de “prioridades invertidas”, devido à falta de “tempo para coisas mais importantes”, conforme conclui Lana:

“E tudo isso pra que? Pra criar a sensação de sermos mais úteis e produtivos diante da vida. É o que você escuta desde sempre. Daí quando você vê, suas prioridades se inverteram: você não tem mais tempo para as coisas mais importantes, como ficar com sua família, seus amigos, fazer as coisas que realmente gosta e te dão prazer”.
(Lana)

A manipulação por tentação aparece em outro relato. Claramente pressionada ou persuadida, Elen cede e compra um carro, mesmo reconhecendo não ser necessário. Assim, seu comportamento é motivado e influenciado, levando-a a um convencimento a *ter*. É possível sugerir que a interação ocorre a partir de um ‘fazer reconhecer uma vontade’, sob a qual Elen procura pesar suas razões de ação, revelando, pois, uma motivação consensual. Contudo, não existe uma reflexão crítica sobre o porquê se toma esta decisão; esta é apenas tomada.

“Ai a gente percebeu que a sociedade em geral, ela vive muito motorizada né. Então a gente percebia que pra gente participar da sociedade, pra gente se incluir na sociedade, a gente precisava ter um carro. Então assim, por não ter um carro, as pessoas deixavam de convidar a gente pra um churrasco ou para algum evento ou pra alguma festividade qualquer que fosse difícil arranjar carona. Então a preocupação das pessoas era sempre assim: ‘ah, vamos chamar a Elen e a família, mas quem é que vai dar carona?’. Então depois de um tempo, a gente sentiu a necessidade de comprar um carro para se integrar na sociedade. Mesmo que esse carro fugisse dos padrões de um estudante”. (Elen)

O programa narrativo ilustrado por Elen é recoberto pela busca da evitação de sanções sociais (ficar alheia a sociedade, ficar sem carona, perder festas, etc.), a partir da aquisição de um bem de consumo. Deste modo, a entrevistada admite ter adotado um percurso modal de *querer* ou *dever ter* um carro para, assim, *estar* ou *ser* competente para performar de acordo com o que a sociedade espera dela.

Ainda em seu relato, Elen comenta que a força da manipulação do mercado pode ser evidenciada pela existência de preconceitos, aversões e desdêns das pessoas em torno do ‘não consumo’. Para ilustrar esta percepção, ela traz uma passagem na qual comenta com uma amiga sobre a importância do movimento *slow fashion*, que incentiva o não consumo, o consumo de peças de roupas de segunda mão ou o consumo em menor frequência de roupas novas. Na ocasião, a entrevistada relembra ter sido fortemente criticada:

“Existe sim um preconceito, é quase como um tabu. [...] Ai comentei com ela sobre isso e ela: ‘ah, nem fala que dá nojo. Sou completamente contra essa coisa de slow fashion’. Eu fiquei bem assustada e ela só falou que roupa é coisa íntima e sazonal e drasticamente mudou de assunto, não quis falar do assunto”. (Elen)

Aparentemente, os motivos da amiga de Elen não são críticos, tampouco reflexivos, revelando uma motivação consensual de não se envolver com tal consumo, a qual subjaz à execução de práticas já instituídas e usuais, como a do consumo, unicamente, de roupas novas. Nota-se que a amiga recorre a função socialmente atribuída a roupas (“coisa íntima e sazonal”) para justificar sua aversão ao movimento *slow fashion* ou a pertinência do consumo de roupas novas. O comportamento de tal amiga pode ser entendido com uma programação motivada ou motivação programada (LANDOWSKI, 2014a, p. 41), revelando-se como um comportamento de “natureza complexa, senão paradoxal, amplamente automatizadas e suscetíveis, no entanto, de serem assumidos como se obedecessem a boas razões ou a bons motivos”.

Para Luiza, o processo de manipulação aconteceu de um modo um pouco diferente: para ter um ótimo nível de produtividade durante a leitura, a entrevistada passou a fazer parte de uma comunidade virtual de leitores compulsivos e conta que passou a consumir livros massivamente. Seu programa narrativo encobre o desejo de gozar de sanções sociais, principalmente relacionadas a produtividade de sua leitura. Ela conta que adotou, então, um percurso modal de *dever ter* um ótimo ranqueamento de livros lidos na plataforma de leitura:

“E eu comecei a ficar muito angustiada: ‘eu tô lendo muito devagar, nossa, essa pessoa já leu x livros e eu tô no terceiro ainda, não é possível!’. E aí eu comecei a consumir os livros numa velocidade absurda, que era para eu abrir o meu Skoob e marcar mais uma leitura. E eu comprava muitos livros, às vezes gastava mais do que podia. Ficou estranho, porque toda semana eu tinha que comprar um livro novo. Não, isso tá muito estranho e eu não tava curtindo aquilo. Às vezes eu fazia até umas bobagens de escolher um livro mais fino para eu ler mais rápido e poder marcar lá: ‘tá vendo, eu também li 7 livros no mês, olha só!’ Ai um dia falei: ‘não faz o menor sentido’. A gente tá sendo muito estimulada a acelerar, todo o tempo, então a gente nem percebe que tá acontecendo”. (Luiza)

Este *fazer fazer*, característico do regime de Manipulação, revelará, ao menos, dois atores. Como revelam os relatos, tem-se, de um lado, a sociedade ou mercado (manipulador) e, do outro, os entrevistados (manipulados). Para que estes manipulados *queiram fazer*, e, efetivamente, façam, o manipulador apresenta uma série de vantagens de se fazer ou de custos de não fazer, que fica claro no relato de

Raquel. Ao acreditar nas vantagens ou querer evitar os custos e ceder à manipulação, Raquel pode ser considerada, finalmente, competente para performar na sociedade de modo ‘adequado’:

“A gente compra algo porque alguém mandou, a gente se veste daquele jeito porque alguém falou que aquilo era estar na moda, a gente come em algum lugar ou algum prato porque alguém disse que lá era cool. A pessoa precisa falar comigo, eu preciso atender por que senão como vai ser? Só que isso tem um custo físico e emocional para a gente, pois a gente fica estafado, sobrecarregado”. (Raquel)

Importante notar que a chave do sucesso do processo manipulatório é o despertar da competência de *querer fazer* em Raquel e em todos os demais sujeitos, por parte da parte que a manipula (sociedade ou mercado). É justamente esta competência que dribla os efeitos incertos das ações e comportamentos não programados de Raquel e de todos os demais atores, aproximando-os e habilitando-os a comunicarem entre si, de tal modo que estabeleçam uma relação, mesmo que mínima e temporária, ainda que sejam sujeitos profundamente diferentes; transformando-os em atores da interação passíveis de serem manipuláveis uns pelos outros.

Em suma, com base nos relatos, é possível entender que existe aqui um enunciador-destinador, a sociedade de consumo, que induz estes entrevistados a tomarem uma ação ou adotarem uma posição, ainda que contrária a suas vontades iniciais. São narrativas de produtividade ou mercadológicas que representam formas de manipulação, na medida em que obrigam Elen a ter um carro ou quando são utilizadas por sua amiga para legitimar a opção por consumir apenas roupas novas. Quando exigem que Raquel compre roupas novas para estar na moda ou responda prontamente suas mensagens para não perder nenhum assunto importante. Ou, ainda, quando impelem Clara a comprar mais com a justificativa de ser mais produtiva ou, no caso de Lana e Fernanda, quando reforçam outras narrativas sobre os benefícios de se ocupar, de modo estratégico, tempos vazios. E essa manipulação consensual do mercado acaba, com o tempo, tornando-se natural, direcionando os sujeitos para o terreno da programação.

4.1.2. Caindo na monotonia da programação

Como consequência da estabilidade e continuidade deste regime de manipulação, os entrevistados concordam que alcançam, inconscientemente, um regime de programação, que descortina uma realidade acelerada e caótica, intermitente, a qual interfere em suas ações diárias, modos de ser e sentir. De modo geral, os entrevistados se veem mergulhados no automatismo e entendem que este é o modo de vida de seus cotidianos. Tais relatos evidenciam esta percepção:

“A gente tá ali no restaurante, tentando comer, tirar o horário do almoço, e não tá ali de verdade. Não vai funcionar. Olha quanto de vezes que a gente come [estando] ao telefone ou com uma tela de televisão na nossa frente. O que acontece é que a gente não tá sentindo o gosto daquela comida, não tá comendo de verdade. Ou quando a gente tá conversando com um amigo e rolando o feed ao mesmo tempo e, cara, você não tá realmente escutando”. (Pietra)

“Vivia de um jeito anestesiado. Eu era o tipo de pessoa que tinha 4 livros para serem lidos ao mesmo tempo e ainda fazia isso escutando uma música. No final, não fazia nada direito”. (Breno)

“Eu não respeitava a minha noite, não respeitava a minha saúde, não respeitava os meus limites físicos. Estava no automático”. (Raquel)

“São situações em que a pessoa não tá no agora. A pessoa está totalmente ausente do presente, ausente do ali e agora”. (Ricardo)

Do ponto de vista narrativo, nota-se que ainda que se percebam como estando no automático, estes entrevistados não se percebem como autômatos. Ainda que o modo de apreensão do mundo se mostre, nas narrativas, não submetido a uma reflexão crítica, existe uma faísca de lucidez que permite sair da inércia.

“Eu era uma pessoa que vivia bastante acelerada. É o ritmo que uma cidade como São Paulo te impõe e espera de você. Um ritmo que você entra sem perceber. Eu tinha que dar conta, vivia em torno de prazos absurdos e poucas vezes correspondia. Então era frustrante. Cheguei ao nível de perder a possibilidade de estar comigo, o momento de estar comigo mesmo, de olhar para mim. E aí o meu corpo passou a dizer isso, a dar sinais de que não tava legal: eu tinha problemas com sono, não dormia direito, não consegui enxergar a vida ‘em cores’.” (Bernardo)

“E era aquilo todo o dia, todo santo dia. Casa, trabalho e faculdade. No outro dia, a mesma coisa. Eu tinha energia física, mas eu sentia que tinha alguma coisa esvaindo. Eu sentia que a qualquer momento eu ia desabar, eu não ia conseguir manter esse ritmo por mais muito tempo. E foi quando eu me dei conta de que eu não estava sendo eu mesma, eu estava sendo o que queriam que eu fosse [...]. Eu simplesmente me dei conta de que sequer eu questionava as relações que estava tendo ou mantendo. Tinha pessoa no meu ciclo que, cara, ‘o que que você tá fazendo aqui, meu?!’. [...] E tava tudo tão mecânico, eu simplesmente tinha perdido as rédeas, é, eu tinha perdido as rédeas da minha vida. E, putz, passei muito tempo assim, nesse piloto automático”. (Clara)

A percepção de automatismo e de sedimentação de posições sociais pode ser percebida nos relatos acima. Estes entrevistados narram situações nas quais estavam estancados em seus papéis temáticos, os quais acabavam por estruturar logicamente os seus *fazeres* (LANDOWSKI, 2014a). Como pode se notar no relato de Clara – “e, putz, passei muito tempo nesse piloto automático” – a programação pressupõe uma não transformação do sujeito por meio, principalmente, do estabelecimento de uma narrativa que preserva sua identidade por meio da repetição de um comportamento regular.

Ainda, estas narrativas aparecem associadas a regularidades simbólicas, manifestadas por meio de estereótipos ou esquemas comportamentais predefinidos, como evidenciado no relatos de Bernardo: “é o ritmo que uma cidade como São Paulo te impõe e *espera* de você” e Clara: “eu não estava sendo eu mesma, eu estava sendo *o que queriam que eu fosse*”. Relato semelhante veio de Amanda, que nascida em São Paulo, reconhece a programação que a cidade lhe imputou desde pequena:

“Eu sou nascida em São Paulo. [...] Então eu era, acho que eu ainda sou um pouco acelerada, por ter nascido aqui. É impossível nascer em São Paulo e não ter o mínimo que seja de desespero, de aceleração. A cidade te impõe isso. Talvez por isso tenham tantas opções slow por aqui”. (Amanda)

Cada um desempenha seu papel ou executa seu rol de atividades por sua conta e em seu lugar, independentemente do que os demais atores que o rodeiam possam estar fazendo. Heitor sumariza esta percepção individualizada:

“Estamos aqui, nessa rotina louca, onde tudo urgente, tudo tem que ser agora, já, pra ontem. E tá todo mundo no piloto automático, marionete, e isso é muito doido, e triste, é bem triste. O tempo passa rápido e quando você vê, já era, tudo passou, tudo mudou e você não aproveitou a vida. A vida passou por você e você passou pela vida. Tipo, não aproveitou nada [...] E como se fosse um script: você nasce, estuda para entrar na faculdade, depois estudo para arrumar um emprego, depois trabalha para comprar uma casa. Quando dá tempo, sai para conhecer alguém para casar, ser pai. E se não der tempo para sair, não tem problema: é só baixar o Tinder [aplicativo de relacionamento, onde é possível escolher pessoas para conversar]. E pra que tudo isso? Pra no final você morrer e deixar tudo para alguém. Ou para ninguém. Qual o nexó disso? Pra que viver assim. Não! Tem que parar, tem que respirar, tem que desacelerar para resgatar o nexó disso tudo. A vida, definitivamente, não pode se resumir a isso...” (Heitor)

Heitor equipara tal situação com a automaticidade de máquinas, o que dá origem a imagem de um indivíduo automatizado e previsível, o que ele chama de “marionete”. Seu relato fala sobre uma sequência esperada de ações de um indivíduo: nascer, estudar, trabalhar, casar, ser pai e, finalmente, morrer. Equivale a uma regularidade da vida que, como em um roteiro, faz com que o entrevistado

se veja como parte de um enredo já visto anteriormente, quase como uma narrativa já vivida. Justamente por tudo ser altamente previsível, este enredo gera sempre os mesmos efeitos, interações e consequências.

Tal como no regime de programação de Landowski (2014a), o entrevistado permite antecipar ou predeterminar, ainda que minimamente, suas práticas e comportamentos. Assim, ele consegue calcular com exatidão os riscos assumidos nas interações, podendo, pois, minimizá-los ou evitá-los – “se não der tempo para sair, não tem problema: é só baixar o Tinder”. Contudo, esse controle aparentemente total dos quadros de ações rotineiras gera uma “mesmice”, uma espécie de monotonia, da qual o entrevistador se enfadonha devido ao esvaziamento da produção de sentido e insignificância – “E pra que tudo isso? Pra no final você morrer e deixar tudo para alguém. Ou para ninguém. Qual o nexa disso? Pra que viver assim”.

Este é um ponto comum a todos os entrevistados: a ausência parcial ou total do sentido sob o que fazem diariamente e, diante disso, o desejo por tê-lo de volta, o que ocorre, comumente, por meio das formas de consumo lento com as quais se envolvem rotineiramente. Em um plano de experiência individual, estes entrevistados relatam apatia e ausência de sentido diante das formas de conduta usuais, habituais, costumeiras ou da moda.

“Olha o quanto que a gente tá enlouquecido, correndo atrás de produzir mais pra vender mais e quanto as coisas duram cada vez menos. E isso vai gerando um consumo desenfreado que, enfim, não faz o menor sentido pro mundo, pra ninguém”. (Alex)

“Quando a gente tá no automático, na loucura da vida, a gente perde literalmente os sentidos. A gente perde nossa essência como ser humano”. (Pietra)

Imersos na programação, estes entrevistados seguem percursos e programas narrativos preestabelecidos outrora pelo enunciador-destinador, entendido como o mercado ou a sociedade de consumo. Assim, estes entrevistados estão congelados na manipulação de outrora, concentrados em um *dever fazer* – consumir e viver, de modo acelerado – e em um *deve ser* – mais produtivo, ocupado, em um viver acelerado, com consumo desenfreado – que lhes foram impostos.

Caberia a esses sujeitos seguir à risca tais programas manipulatórios, contudo, os relatos evidenciam a busca por uma ruptura deste automatismo. As narrativas mudam, revelando relatos de exaustão e estresse com a rotina que, de modo coletivo, aparecem repletas de regras e normas socialmente instituídas e práticas altamente ritualizadas e padronizadas, todas vazias de sentido. Neste estado de exaustão, os entrevistados parecem utilizar-se de um momento significativo para racionalizar e buscar o sentido perdido em suas práticas, ações e comportamentos diários ou, em uma esfera mais holística, em suas vidas. Assim, algum processo reflexivo em torno de um evento de vida disruptivo (doença, perda, mudança, stress, *burnout*, por exemplo) parece representar um primeiro movimento ao encontro do Movimento Slow.

Aconteceu com Débora, cujo pai, em estado terminal, em uma espécie de despedida, pediu que buscasse uma forma de meditação para reencontrar o “sentido das coisas”.

“Ele falou sobre descansar e viver mais devagar. Eu sempre fui uma mente muito caótica, muito acelerada. Você vê, eu falo rápido. Então ele falou disso, de buscar a calma, a lentidão, o sentido das coisas que eu fazia. Aí começou a minha história com a meditação. Passei a olhar para ela com olhos de interesse, de apreciação, mas sem a menor perspectiva de que isso pudesse servir para mim, justamente pela velocidade do meu pensamento, por essa organização caótica [da minha mente] [...] Na verdade, eu sempre gostei de meditar. Dentro da minha casa sempre teve um pouco de budismo, uma série de iniciativas holística, digamos assim”. (Débora).

Para Amanda, o momento em que descobriu que precisava desacelerar partiu de uma doença de seu pai e da necessidade de olhar para si mesma e se respeitar:

“Aí o meu pai infartou, no terceiro ano da faculdade, no finalzinho. Aquilo me deu um baque para repensar um pouco as coisas, mas eu ainda... é difícil sair desse ritmo. Aí, no pós-graduação eu escolhi por levar uma vida mais slow. Comecei a fazer terapia e aí você fala muito do autocuidado, de você se alimentar melhor, de você se respeitar, respeitar o seu tempo”. (Amanda)

Já para Luana, o chamado para desacelerar ocorreu quando percebeu que a régua de sucesso socialmente instituída não lhe servia, talvez em uma tentativa de dessemantizar a práxis daqueles ao seu redor. Após trabalhar anos como chef de cozinha e ser extremamente bem-sucedida em sua carreira, ela resolveu “jogar tudo para o alto” e ir em busca do sentido para tudo o que fazia:

“Foi por volta dos 30 que descobri que aquele ideal de ‘família feliz de comercial de margarina’ não fazia sentido algum para mim. Aquilo não era o único padrão de sucesso possível. Apesar de não me atrair em nada, ainda assim era essa a régua que eu usava para medir minhas conquistas. Pode parecer óbvio para alguns, mas para a minha realidade, foi uma tremenda revelação. Aconteceu enquanto lia um romance autobiográfico e lembro claramente que cinco palavras me marcaram: comunidade, natureza, tempo, simplicidade e prazer. Finalmente eu podia respirar aliviada porque tinha encontrado a régua ideal para chamar de minha!” (Luana)

A entrevistada busca afastar o estereótipo de família feliz, como papel temático imposto pela sociedade e vazio do valor para si, para produzir seu próprio padrão de conduta e comportamento, agora com sentido. Landowski defende que tal comportamento está também imbuído no regime de programação, no qual os actantes seguem percursos e programas narrativos histórica, social ou culturalmente sedimentados, dos quais, muitas vezes, esquece-se a origem. Assim, questionar o que é socialmente imposto parece desdobrar nos informantes uma série de reflexões acerca da essência ou do sentido por trás de cada ação tomada ou por trás dos papéis temáticos a eles imposto pela vida.

Marta exemplifica tal posição reflexiva. Fora publicitária ao longo de sua vida e, em dado momento, se viu questionando para quem e por que conduzia processos efêmeros e rasos de produção artística:

“E aí, em um certo momento da vida, isso vai me entalando, essa comunicação começa a não fazer mais sentido, eu falo ‘tem alguma coisa errada, tem alguma coisa que não está dando certo’, esse negócio de você fazer para vender, campanhas de incentivo que as pessoas têm que vender muito para ganhar uma viagem no final, aí foi entalando, eu falava ‘não tá dando, não é isso que eu quero fazer’, e aí eu começo a repensar totalmente o estúdio.[...] Percebemos que estavam sempre vazios de valor, como coleções de moda. Produzia hoje para mês que vem caírem, serem apenas um indicador de boas ou más vendas. Daí virou a chave: será mesmo que precisa reformular tudo, uma campanha inteira a cada três, quatro meses? Se precisa reformular tudo nesta rapidez, se precisa refazer tudo a cada dois, quatro meses, talvez nunca tenha sido realmente necessário. Digo, nunca tenha tido realmente valor ou nunca tenha realmente feito sentido. Não é sobre ter atingido ou não o motivo, até, porque, na maioria das vezes, atingiu, ajudou nas vendas. É sobre o tempo, a energia, ou esforço que foram gastos ali. Não é possível algo cair em total desuso tão rápido assim. Talvez diga respeito mais ao processo do que ao produto final”. (Marta)

A busca pela significação e sentido do que se faz, em confronto a constância dos efeitos e dos resultados de suas campanhas publicitárias, vistas talvez como adequadas ao que o mercado espera como produto do serviço de um publicitário é central na narrativa da entrevistada. Embora esta seja a negociação padrão entre fornecedor e cliente, Marta queixa-se da ausência de valor nas campanhas frequentes e efêmeras de publicidade que produzia e não consegue mais justificar a

sensatez deste automatismo, imerso em uma lógica de regularidade causal. Busca, então, ressemantizar sua profissão (papel temático), em um esforço de imbuí-la de motivação ou premeditação.

“Aí a gente começa a fazer algumas oficinas no estúdio, então eu pego os meus fazeres, os meus, os do [marido], e começamos a fazer uma oficina de estamparia, de estamparia manual. O [filho] faz caderno, então [fazemos uma] oficina de cadernos, então começa... esse manual começa a ficar mais perto e o entendimento de que a gente gosta e sabe. Parece que saber trabalhar com pessoas é o que a gente gosta, de trabalhar com pessoas. [...] E assim foi indo... No estúdio agora a gente está fazendo uma comunicação artesanal, então a gente cria um processo de comunicação. A gente não faz mais a comunicação tipo assim: ‘eu quero um logotipo’, então, ‘o que você quer?’, ‘um logotipo que diga de beleza, luz, não sei o que’, aí eu crio um logotipo, apresento para a pessoa e falo: ‘olha, o amarelo representa o sol, o vermelho, a vida’. Então a gente não faz mais isso, a gente faz junto com a pessoa, porque só ela sabe o que ela quer comunicar, só ela sabe o sentido daquilo, então a gente cria um processo e começa a entender que a gente está falando de pessoas”. (Marta).

Para outra entrevistada, Alice, a busca pelo sentido de tudo o que a consome deveria ser uma das maiores preocupações das pessoas, o que representa um esforço reflexivo à estrutura acelerada da sociedade moderna. Seu desejo por sensatez ocorre atrelado a percepção de desconexão ou fuga da rotina, que somente é possível e ganha sentido pelo fato de coexistir ativamente com esses elementos e padrões sociais vigentes.

“Aconteceu quando eu fui comprar um vaso de plantas e vi que, cara, na loja eram todos absolutamente iguais. Qual a diferença entre eles? Não tinha. Era tudo a mesmíssima coisa. [...] Foi tipo a virada de chave: ‘Cara, as pessoas têm que parar e se dar conta disso. As coisas não têm mais cor, não tem sentido”. (Alice)

Para Luana, o questionamento da aceleração acontece ao se buscar e preservar momentos em que são lançados novos olhares sob a rotina, em busca de novos detalhes ou novidades no ambiente que a cerca. Para ela, as formas de consumo lento geram a sensação de desacelerar justamente por retirá-la de sua zona de conforto, o que permite mudar a sua percepção de tempo:

“Ouvi repetidas vezes: ‘Luana, para você é fácil desacelerar e viver mais alinhada com seus valores, com sua autenticidade, para não dizer excentricidade, por causa de todos os seus privilégios’. [...] E esse meu incômodo crescia regado também pela minha descrença de que apenas os mais favorecidos poderiam encontrar um modo de vida mais sintonizado com seus próprios ritmos, valores e aspirações. Não, não tem nada a ver. Se trata mais de olhar de modo diferente a rotina, sair do automático, em busca de coisas novas, novos lugares, novas sensações. Esquecer o igual, o clichê, tomar caminhos, formas de consumo diferentes”. (Luana)

Essa subversão da ordem vigente, pautadas pelas forças aceleratórias e pela ausência de sentido, é muito utilizada para posicionar a desaceleração como algo alternativo, capaz de fazer emergir o sentido e significado e a sensação extraordinária de lentificação. Assim, tal movimento parece passar pelo envolvimento com elementos ou movimentos contrafluxos e é utilizado pelos entrevistados para fundamentar o que é o consumo lento. Para estes sujeitos, as formas de consumo lento parecem provocar uma condição de quebra do *dever fazer*, do *saber fazer*, do *dever ser*, de uma rotina ou, até mesmo e pelo menos à primeira vista, de uma forma hegemônica e pré-concebida de consumo:

“Apesar da aceleração ser mais um dos problemas estruturais que enfrentamos atualmente, a desaceleração, em contrapartida, é uma filosofia de vida que está à disposição de quem se dispõe a individualmente questionar o status quo e trilhar de forma efetiva esse novo caminho”. (Luana)

Justamente por parecer um movimento alheio ao mercado, o consumo lento é entendido, posicionado e, muitas vezes, vendido pelos entrevistados como acontecimentos, experiências ou momentos que suspendem temporária ou momentaneamente o curso de tempo, capazes de produzir um efeito que mexe com certezas impostas pelo cotidiano contemporâneo acelerado. Este ‘novo caminho’ ao qual a entrevistada se refere parece equivaler a uma espécie de subversão ou questionamento ao regime de manipulação ou a um processo de racionalização das regras impostas pelo regime de programação, em um processo de busca por um sentido. Esta percepção aparece também no relato de Alex:

“[...] Tá totalmente ligado a um treino de olhar em busca de produtos que façam sentido em termos de produção, de respeito as relações humanas, a relação com o meio ambiente, algo que respeite todos esses processos. E como questionar a forma que você consome hoje, tipo, buscar uma forma de consumo que faça sentido: que gaste o mínimo que deve gastar, que envolva o máximo de pessoas que deve envolver. Então é isso que eu acho, que isso pra mim é o consumo slow”. (Alex)

Contudo, sabe-se que continua existindo aqui uma lógica mercadológica baseada, agora, em uma nova narrativa midiática que enreda e vende um “novo” formato de consumo. Ou seja, ainda que não percebido, o mercado continua atuando como manipulador. O que se pode observar é que o consumo sob o rótulo Slow, ainda que dentro da esfera mercadológica, contribui para geração de novos sentidos em torno do consumo, o que o torna diferente ou contrário a formas comuns e aceleradas de consumo.

Utilizando o quadrado semiótico de Greimas, a almejada desaceleração alimenta uma relação de contrariedade com a aceleração, sendo complementar a um desejo de não aceleração. Já no esquema de regimes de sentido de Landowski (2014a), esta subversão sugere o desejo de sair do regime de Programação, sendo esta movimentação o principal motivo pelo qual os entrevistados buscam formas de desaceleração por meio do consumo lento.

É possível sugerir que, neste processo de subversão ou racionalização, a dimensão extraordinária do consumo lento – a lentificação ou desaceleração – começa a se entrelaçar e acontecer lado a lado com a rotina, respondendo pela criação de uma terceira posição ou lugar (SKANDALIS *et al.*, 2019; SCUSSEL, 2020), a qual será discutida no tópico 4.2.

4.1.2.

Em busca de sentido: saindo da programação para o ajustamento

Os relatos permitem sugerir que a busca por sentido encaminha os entrevistados a um terceiro lugar, onde a experiência extraordinária começa a se formar, e que, talvez, possa ser considerado o “oásis de desaceleração”. Em seu relato, Débora comenta que achava que nunca iria conseguir meditar, pois, sempre que tentava, se deparava com a velocidade com que a sua mente funcionava, o que a deixava mais aflita do que calma. Em uma de suas buscas por algo que a ajudaria a desacelerar, ela se deparou com a Ascensão Ishaya¹³, um ensinamento que inclui uma técnica de meditação.

“Tinha um curso em vias de acontecer. Eu fui fazer esse curso, é um curso de um final de semana. E já durante o curso, eu experimentei o quanto, sim, aquilo funcionava para mim. E comecei a experimentar essa sensação de, por mais que você esteja estressado, por mais que esteja muita coisa acontecendo, por mais que você esteja correndo, com [ess]a técnica, você consegue sim parar, fazer uma pausa, se colocar em outra frequência e descansar no silêncio.” (Débora)

A entrevistada reconhece que essa prática ressoou muito para si mesma, representando uma ruptura de paradigma, ao perceber, reconhecer e identificar a si mesma como uma pessoa extremamente acelerada e buscar distanciar-se deste estado. Além de reconhecer a transformação de si mesma, Débora reconheceu que a desaceleração provocada pela meditação era algo contagiante para aqueles ao seu redor: “Isso foi a chave inicial para perceber como a desaceleração contribui para a

¹³ Ascensão Ishaya carrega o significado de elevar-se a mais alta consciência.

minha paz. E como isso contribui com as pessoas ao meu redor. Como pode ser contagiante, no sentido positivo”.

Rosa (2019a) explica que técnicas de meditação e ensinamentos de cunho religioso são comumente utilizados como refúgios à aceleração. Ademais, sugere-se que a entrevistada experimente momentos de ressonância (ROSA, 2018), quando nestes intervalos de meditação. A entrevista explica que a vontade de praticar a meditação originou-se de um “chamado” exterior, pelo qual foi internamente tocada (afetação) e, como resposta, começou a atentar-se aos assuntos de meditação e, mais tarde, a buscar cursos de meditação, sentindo como a meditação servia e transformava a si:

“Aconteceu uma coisa um pouco intensa, que foi a morte do meu pai de consideração. [...] E na última semana de vida dele, ele falou: ‘filha, senta aqui, pega um caderno, uma caneta, eu queria te falar algumas coisas.’ E nessa conversa uma das coisas que surgiu foi ‘procure uma técnica de meditação. Alguma há de servir para você, esteja aberta para isso’. A partir daí eu comecei a ficar alerta, porque eu tinha a sensação de que uma hora isso ia aparecer para mim. E de fato aconteceu. [...] E isso foi tão interessante, foi tão transformador para mim. [...] você é convidado a fazer votos de dedicar uma parte da sua vida, fazer com que faça parte do propósito da sua vida, experimentar paz em você mesmo e ajudar outras pessoas a fazer o mesmo, a buscarem também, sentido”. (Débora)

A experiência de transformação pela qual passou fez com que Débora entrasse em uma espécie de ajustamento consigo mesma. Esta noção de ajustamento permite também a Carla experimentar a sensação de desaceleração. Em meio a rotina corrida, em uma das principais avenidas da cidade de São Paulo, ela conta da oportunidade de experimentar um momento de pausa por meio do serviço de cabines de cochilo:

“A cabine foi projetada justamente para um descanso no meio do dia. Você escolhe pelo tempo, por que a ideia não é que você entre em um sono profundo, então você escolhe entre 15, 30, 45 ou 60 minutos. E aí a própria cabine te acolhe neste momento. Então, a privacidade, o formato da cama, que te ajuda na circulação sanguínea, a luz azul que também tem propriedades terapêuticas, os canais de músicas relaxantes e a garantia de que você não vai perder a hora. Então são especialmente desenhadas justamente para esse sono no meio do dia”. (Carla)

Sugere-se que Carla utilize este consumo como uma forma de desaceleração em apoio à modernidade (ROSA, 2019a) uma vez que, por meio de uma pausa parcial e temporária, permite reabastecer energias para realizar atividades cotidianas com mais rapidez ou eficiência. A entrevistada conta que outros usuários do serviço incluíam pessoas de diversas classes sociais e profissões, “desde o atendente da loteria até o vice-presidente da Bolsa de Valores” ou que moravam

longe, “que passavam duas ou três horas no trânsito, que tiram o tempo do seu sono para estar neste deslocamento”.

Contudo, a entrevistada reconhece que é uma prática em torno da qual ainda existe um pouco de preconceito:

“Eu gosto muito, mas não gosto muito de compartilhar sobre isso. Falar que estou dormindo no meio do dia, pega mal. É coisa de preguiçoso. Tanto que, quando eu ia, era um momento muito individual. Eu não contava para ninguém que eu ia lá. Eu ia almoçar sozinha para depois tirar um cochilo. Tipo, eu não ia naqueles almoços em bando, que vai todo mundo almoçar junto. Não, porque era uma coisa que tinha muito preconceito, era até visto como uma coisa engraçada. Mas olha hoje, hoje é visto como uma questão de saúde pública”. (Carla)

Como uma “pausa no meio da cidade, um lugar para recarregar”, ela fala sobre a importância dessa cultura do descanso e gestão de descompressão da rotina. Esta sensação é similar a experimentada por Fábio, consumidor de estabelecimentos sob o conceito de Slow Food, que é enfático em descrever os benefícios que o consumo lento traz para sua vida:

“Minha rotina é muito corrida, muitos problemas, uma sensação de que sempre tem alguma coisa faltando pra fazer. Então eu gosto porque traz uma calma, quebra minha rotina corrida, além de me dar mais sensação de prazer ao comer. Me faz escolhê-lo para descansar um pouco e curtir o momento sem pressa e com comidas gostosas. [...] Quando opto por ir, já sei que vou fazer coisas com calma e sem pressa. Isso me desacelera. [...] Pra mim, e acredito que para muita gente, são um ótimo refúgio para o dia a dia acelerado”. (Fábio)

Já para Heitor, suas pedaladas diárias representam importantes mecanismos de desaceleração ao final de sua jornada de trabalho, equivalendo a “fazer uma descompressão do dia a dia corrido”. Para ele, pedalar ou correr é uma forma de ajustamento a seu próprio corpo, ao que ele cita como “a origem e essência de tudo”. Ou seja, este ajustamento está intimamente relacionado ao ato fenomenológico de sentir (ato de sentir) sentido (equivalente a razão) a partir da conexão que Heitor estabelece com seu próprio corpo. Equivaleria ao que Ladowski (2002) comenta sobre como os modos de presença que os actantes mantem consigo mesmos, com os outro, com os lugares que frequentam e nas interações que estabelecem contribuem para a construção dos sentidos por trás de suas práticas de vida.

Esse ajustamento com o corpo, que revela um *sentir sentindo*, parece ser uma importante fonte de desaceleração também para Elen. Caminhar e andar de bicicleta permitem a ela vivenciar pequenos momentos de desconexão com a rotina.

“Eu amo pedalar. Saio pedalando sem rumo mesmo, sem ninguém, vou sozinho, ‘doidão’ mesmo. Cara, pedalar ou correr é como se fosse droga pra mim. Aí eu saio. Sabe quando você corre igual um louco, sem barulho ao seu redor, e você escuta o seu coração pulsando, sente as dores e você sente: ‘cara, eu tô vivo!’ E, cara, essa sensação é boa demais. Nada nem ninguém te dá isso”. (Heitor)

“Compramos uma [bicicleta] já, de segunda mão, pra gente usar menos o carro. Agora estou num processo de comprar uma segunda bicicleta, eu tô namorando isso faz um tempo. [...] Porque essas dores não existem quando você está no corre-corre da semana. Parece que a gente ignora os sinais do corpo. Na verdade, a dor sempre esteve ali, você que não teve tempo pra perceber que ela existia, que seu joelho doía. Ai você só vai sentir isso no fim do dia, quando deita pra dormir. É interessante isso, né?!” (Elen)

Elen fala ainda sobre a dores que experimenta quando pedala, evidenciando que até mesmo a atenção e o respeito ao seu próprio corpo estejam relacionados a sensação de lentificação que emerge desta atividade. Mesmo sentindo dores no joelho ao andar de bicicleta, ela sente “prazer e isso traz energia, ânimo e me faz sentir viva”, o que permite a ela fazer uma comparação com a vida no automático.

Tanto o relato de Ellen, quanto o de Carla, Heitor e Débora, sugerem que o próprio corpo humano se torna um importante frenador da aceleração da vida, processo de desaceleração visto também por Husemann e Eckhardt (2019) e Scussel (2020). Os relatos levantam, ao menos, dois pontos corporais importantes: o sono e a dor do corpo. Se até mesmo o sono, antigo período que ajuda a frear, momentaneamente, o funcionamento do ciclo aceleratório, não mais é respeitado – a se ver o regime ininterrupto de funcionamento do mercado, sob a sigla 24/7 – os limites corporais humanos, como a dor e o cansaço, ainda representam importantes limitantes dos processos de aceleração.

Nos relatos, sobretudo de Elen e Heitor, a dor pode ser entendida como um elemento impulsionador da experiência extraordinária. É possível sugerir que a dor permite um maior ajustamento ou conexão dos entrevistados com seus corpos que, assim como apontado por Scussel (2020), é o principal veículo de sobrevivência no mundo e por vezes tende a não ser sentido devido, principalmente, ao automatismo e a aceleração da vida moderna.

Outro relato que traz a questão do respeito aos limites corporais humanos e a questão do ajustamento com o corpo é o de Chico. Ele explica que sempre usou a bicicleta para fins de lazer, contudo, em determinado momento de sua vida, percebeu que era por meio da bicicleta que se conectava melhor consigo mesmo.

“Comecei a viajar de bicicleta [...] e eu percebi que a bicicleta poderia me conectar com uma velocidade diferente das viagens que eu fazia de moto, de carro. A bicicleta estava numa velocidade muito mais próxima de caminhada do que todos os outros veículos que eu usava para viajar. [...] A partir dessa conexão com a bicicleta, com as viagens de bicicleta, embora eu já usasse a bicicleta como modo de transporte durante a vida praticamente toda, foi em 2007 que eu comecei a fazer viagens de bicicleta de longa distância pela minha cidade. [...]. E aí fui me conectando com essa possibilidade de viajar de bicicleta e conhecer mais de perto os lugares”.
(Chico)

Para ele, locomover-se de bicicleta pela cidade equivale a um ativo movimento de dosagem à alta velocidade dos demais meios de locomoção frequentemente utilizados no ambiente urbano, como carros, metrô e ônibus. É justamente neste movimento, que a lentidão, quase que forçada pelo uso da bicicleta, em consonância com o respeito aos limites do corpo, garante a Chico uma espécie de ajustamento consigo mesmo e com o meio ambiente onde está, ao qual ele chama de “contemplação da cidade”.

“Porque na velocidade da bicicleta a gente consegue perceber o passarinho que canta, o músico que tá na praça fazendo um som. A gente tem uma interação com o ambiente onde a gente está passando que é muito semelhante ao de quem está caminhando. Eu pude perceber que quanto menos pressa eu tivesse, mais legal era. Geralmente uma viagem de bicicleta de um modo contemplativo, que eu costumo dizer, você não tem pressa para chegar. A cada pedalada que você dá, e a cada lugar que você passa, nasce aquela vontade de conhecer mais daquele lugar”.
(Chico)

Em seu ato de “contemplação da cidade”, Chico não espera que a cidade se ajuste a sua lentidão, ao contrário, ele próprio busca se ajustar ao ritmo natural da cidade, isto é, ao ritmo da natureza, do meio ambiente, da ordem natural da cidade, em sua essência, antes da interferência excessiva do homem, que resultou em sua aceleração caótica. Chico reconhece que sua sensação de lentificação possui como importante fonte o respeito e o estado de equilíbrio com o ambiente natural.

Sua desaceleração surge quando ele percebe que minimizou a sua interferência excessiva e danosa ao meio ambiente e que atingiu um ponto em que o meio ambiente interfere mais nele do que ele no meio ambiente. Então, essa espécie de ajustamento com o espaço acarreta, automaticamente, um ajustamento com o “tempo normal”, que obedece a uma cadência natural, traduzindo-se em sensações de desaceleração com base no natural e no contrafluxo da aceleração.

Esse ajustamento com o ritmo natural da Terra aparece também no relato de Pablo:

“Minha sensação do tempo estar parando eu colocaria em outras palavras: é uma sensação de você estar encaixando com o ritmo natural da Terra. Porque a sociedade acelera demais. É muita pressão, muita cobrança. Produzir mais, produzir melhor. Produzir perfeito. E isso, de certa forma, passou pra gente, de geração em geração, e, eu acho que todas as vezes que eu me proponho ter um consumo ou uma prática ou uma atitude que é não convencional, eu me sinto melhor, mais calmo. Como se eu estivesse contribuindo para as coisas não irem tão aceleradas, pro buraco, né, com tá indo. Acaba soando como um movimento único, que talvez seja no contrafluxo”. (Pablo)

O desejo de Pablo por afastar-se ou ir contra o movimento automatizado ou rotineiro revela, por si só, o desejo de sair do regime de Programação em direção ao do Ajustamento. Este movimento pode ser confirmado quando o entrevistado sugere a experimentação da calma a partir do consumo não convencional.

Outros relatos analisados permitem identificar o desejo dos entrevistados pela busca de sentido em meio ao caos da sociedade acelerada, muitas vezes acompanhada de sentimentos de angústia de *dever fazer, querer fazer*, mas não *saber fazer* por parte dos entrevistados. Nesta busca, a desaceleração por meio do consumo lento surge como uma forma prática de orientar os consumidores sobre *como gozar de momentos de relaxamento e não aceleração, concentrando-se, para isso, em um fazer sentir de si mesmo ou, até mesmo, do tempo:*

“As pessoas entram aqui e tem contato com o tempo, entendeu? Então elas realmente precisam ter essa relação. Está vendo aquela moça? Está nervosa por causa da espera. Tá! O sanduíche demora. Você vai ter que entrar em contato com o tempo, não tem jeito. Isso a gente avisa, inclusive, quando as pessoas se sentam. [...] Existe todo o esforço, incentivo possível para qualquer tipo interação humana e essas coisas. Tudo, tudo, tudo, tudo, absolutamente tudo”. (Alex)

De modo correlato, Fabrício explica que o ponto balizar de seu negócio, um estabelecimento sob o conceito de Slow Food, está no respeito a cadência natural do tempo. Para ele, esse respeito a cadência natural do tempo pode ser evidenciado pela naturalidade do processo de fazer manual, em um processo de ajustamento entre o elemento que está sendo manipulado e seu manipulador.

“A gente faz um produto que a gente gosta de fazer e a gente respeita os processos artesanais. A gente gosta de trabalhar com a massa, com a mão e tal, a gente gosta de trabalhar os processos artesanais”. (Fabrício)

“Tem a ver não apenas com o respeito ao tempo. Não é só lento, devagar. O slow é um respeito aos processos naturais em qualquer produção, não só em relação a como se produz, mas também a vida útil daquilo que você tá comprando. [...] As pessoas criticam um pouco a gente, [porque] às vezes isso aqui está muito cheio, com fila de espera, e tem gente sentada, no computador, trabalhando. Cara, esse lugar foi feito para você curtir. Sinto muito, desculpa, se não é tua vez, não posso fazer nada. [...] Mas depois a gente recebe essas inbox de cliente que agradece, fala

assim: 'Eu tava desesperado, não sei o que, e eu consegui sentar, consegui abaixar a bola'." (Alex).

Em seu relato, igualmente, Alex reforça este respeito ao tempo, abarcando o respeito ao natural e ao modo de produção deste natural. Para ele, esse processo de ajustamento acontece de modo forçado em um primeiro instante, se tornando natural ao longo do consumo.

Alice explica que, ao manipular seus materiais de artesanato, se coloca no mesmo ritmo ou, pelo menos, "se desacelera à temporalidade da cerâmica". Este *fazer sentir*, ou a sua busca, mostra-se alinhado a "disposição para capturar efeitos de sentido oriundos das qualidades plásticas próprias aos objetos apreendidos em sua presença imediata, qualquer que seja seu estatuto actorial (parceiros humanos, obras ou objetos do mundo natural)." (LANDOWSKI, 2014a, p. 17). Eis seu relato:

"Tudo tem a ver como o respeito ao material que você está manipulando. Ao íntimo relacionamento com a matéria. Ao processo de criação de algo totalmente novo. Poucos percebem que, quando você respeita o ritmo do material que você está manipulando [tem] de se transformar, está justamente aí o sentido e as falhas de produção. [...] Se eu curar uma argila mais rápido do que ela naturalmente precisa, não vai 'dar bom'. A peça vai ficar cheia de bolha, cheia de imperfeição. Por quê? Simples! Porque eu não soube respeitar o tempo da argila curar. Simples assim". (Alice)

Cumpramos ressaltar ponto importante deste relato: Alice tem consciência que sua posição não é superioridade em relação ao elemento que manipula, a cerâmica. Sabe que deve se colocar no mesmo nível ou posição da cerâmica, devendo se adaptar a ela, pois, se manipulá-la, chegará à imperfeição. Assim, tal como explica Landowski (2014a, p. 49), "ambos supõem que o parceiro com o qual se interagem e como quem, no caso, tenta ajustar-se, seja tratado como um actante sujeito de pleno direito, e não como uma coisa de comportamento estritamente programado". As experiências de interação com os objetos que modela conduzem Alice a viver a história do material ou do elemento, permitindo conectar-se com sua velocidade.

Similar ocorre com Marta. Ela explica que o cerne do processo de desaceleração que experimenta está justamente no meio da interação entre a artesã e seu material, e nunca na expectativa sobre o artesanato final:

"[...] Ao fazer um pote de argila, o que esse pote, esse fazendo, conta sobre mim. O amassar a argila, será que eu tô usando muita força, precisa de força, não precisa de força, eu tô muito tensa hoje, meu pote saiu muito pequenininho, apertado, o que será que isso pode dizer, o meu pote saiu aberto e largo, foi fácil, então é olhar o caminho". (Marta)

Notoriamente existe aqui um ajustamento sensível entre ela e o objeto que manipula. Ambos possuem atributos comuns que permitem interagir de igual modo, qualquer que seja seu estatuto actorial (LANDOWSKI, 2014a, p. 51). Ao colocar-se de igual para igual, no ritmo do objeto, automaticamente, a entrevistada experimenta sensações que dizem respeito a ela própria. Deste modo, tal como defende Landowski, o sentido emerge não apenas de modo inteligível, mas também de modo sensível, *no e pelo corpo*:

“[...] Ela usou muita força? Ok, o produto final sairá de um jeito. Ela foi mais delicada com o material? Beleza, sairá um outro tipo de produto final. E eu falo produto final, mas nada é final. Você pode comprar essa cerâmica para usar como um vaso de planta, mas depois que ele tá na sua casa, ele pode ser usado como porta-talher. Só você sabe. Está tudo relacionado com a sua interação com a matéria-prima e a finalidade para qual você usará aquele produto”. (Marta)

Assim, ao se esforçarem para permanecer em estreito contato com o material com o qual se interagem para, assim, sentir sua dinâmica própria; para deixá-los ser o que desejam ser; ou, no máximo, para ajustar seus movimentos para direcioná-los, sem manipulá-los ou interferir em suas vontades, Alice e Marta experimentam a sensação de desaceleração. Ademais, ambas têm consciência da unicidade de cada peça que fazem, e que é, justamente, desta unicidade que emergem o sentido único de cada elemento que participa destas interações e a sensação de desaceleração.

Nesta interação, nem Alice, nem Maria, nem a cerâmica e os demais materiais envolvidos alimentam expectativas acerca do produto final. Tanto como explica Landowski (2014a), do ponto de vista narrativo, que nas interações por ajustamento, os atores não possuem comportamento previsível ou preestabelecido (como aquele do regime de manipulação), mas posições flexíveis e plurais, dotadas de dinâmicas próprias, que nascem, tão somente, da interação em si, da união e do contágio com aquele ou aquilo com o qual se interage. Assim, todos nesta interação – Alice, Marta e seus objetos (e outros entrevistados que veremos mais a frente) – saem desta interação plenos de sentido e repletos de significados.

Contudo, Landowski (2014a) ressalta que existe uma consequência que prevê para este regime: a insegurança das interações. A todo instante, Alice, Marta, a cerâmica e os demais materiais podem se deparar com acidentes ou situações não esperadas: bolhas, rasgos, lascas e, em última instância, objetos que não prestam a finalidade para o qual foram desenhados.

Os relatos evidenciam que a sensibilidade, atribuída ao regime de interação por Ajustamento, está fundamentada no *fazer sentir um do outro* (ainda que este outro seja um objeto) ou no *fazer sentir a si mesmo*. Estes entrevistados narram sobre uma relação profunda com aquilo que consomem ou interagem, conduzindo-os a uma experiência estésica. Pertence a constelação da aventura (LANDOWSKI, 2014a), localizada no lado direito da elipse de regimes de interação, portanto suscetível a emergência de sentidos vários. O relato de Luiza mostra bem isso. Segundo ela, sua percepção de desaceleração nasce de uma espécie de ajustamento ao local, ao tempo presente e a seus próprios sentidos:

“O Slow está ligado a experimentação intensa do seu sentimento e do sentimento de outra pessoa, unicamente porque você parou para sentir a si mesmo ou o outro. O alimento carrega os nutrientes porque você esperou ele nascer naturalmente. A pintura fala um pouco de quem a fez, da ideia da pessoa, como ela fez. E isso pode ou não passar para você no sentido de pode ou não ressoar em você. E é você que vai sentir se vai ressoar ou não. Você tem que perceber, tem que observar, tem que ter um posicionamento ativo, você tem que escolher olhar, escolher ouvir, escolher sentir, você tem que estar ali, vivendo o momento, o espaço. Tem que mergulhar, conectar, se entregar”. (Luiza)

Ainda no relato de Luiza é forte o sentido de estesia que experimenta. Landowski (2005, p. 94) explica que a estesia “não é mais uma distância objetivante, mas uma proximidade imediata ou, até mesmo, alguma forma de intimidade efusiva que se estabelece entre os dois polos da relação [...]”. No caso de Luiza, do alimento ou da pintura – daquilo que se consome – e do indivíduo. Landowski (2014a) acrescenta que, no momento da experiência estésica, as coisas se revelam em sua essência, fazendo com que a realidade possa fazer sentido “de um modo quase fusional, como se o contato com o ‘perfume’ dos objetos bastasse para tornar o sujeito plenamente presente ao mundo – e o mundo imediatamente significativo” (IBIDEM).

Estes pontos aparecem nos relatos de outros entrevistados ao narrem sobre a experimentação da desaceleração **durante o processo de consumo** e não mediante o atingimento ou não das expectativas ou acerca do resultado final:

“Não que o produto final não tenha valor ou que a gente não vá olhar para ele, mas a gente começa a contar essa história do produto. [...] é o olhar para o processo e não para o produto final. Não tem muito a ver com o produto final, mas com a história da pessoa quando ela fez aquele artesanato”. (Marta)

“Isso faz parte desse movimento. A gente viveu os processos? Não, a gente está muito acostumado a pensar no resultado final. Tem que viver o processo, senão não faz sentido o futuro e o passado se torna irrelevante”. (Amanda)

“Estamos sempre pensando no futuro, o que eu vou fazer, ou no passado, remoendo algo, ‘o que eu poderia ter feito diferente?’, ‘eu poderia não ter reagido daquela forma’. Nunca no agora, no presente. E é justamente ali [no presente] que está a chave do Slow. É vivendo o agora que você tem calma para definir o passado e o futuro”. (Bernardo)

Existe aqui um esforço por evidenciar ativamente as diferenças entre o ‘fim’ e o ‘meio’, entre o ‘agora’, o ‘antes’ e o ‘depois’, o que permite enfatizar as diferenças de lugar e a coexistência de variadas temporalidades. Esse foco nos processos parece funcionar como uma espécie de ancoramento dos entrevistados ao momento presente, uma estratégia que resulta na sensação de ajustar-se a si mesmo. Ao insistirem em focar nos processos, os entrevistados experimentam com mais intensidade o presente, o que traz a percepção de que o tempo passa mais lentamente.

Este seria um movimento contrário ao conceito de contração do presente, apresentado por Rosa (2019a) como consequência da aceleração das mudanças sociais. Como um intervalo temporal de estabilidade, este presente intensamente vivido permite que se tenha espaço temporal suficiente para os entrevistados diferenciarem passado e futuro, enriquecendo a força das experiências (passado) como orientadoras de expectativas, decisões ou seleções (futuro). Não é preciso mais reescrever passado e futuro com rapidez e os tempos de vida (o que se viveu) e do mundo (o que se viverá) se tornam cada vez mais congruentes e cheios de sentido (ROSA, 2019a). Isso acarreta uma maior certeza e estabilidade acerca de experiências e expectativas e, com isso, um maior sentido em torno das ações e, de modo geral, em torno da vida.

Assim, o foco no presente pode representar uma trégua da velocidade para avaliar e repensar as práticas temporais da vida cotidiana, contribuindo tanto para um *fazer sentir-se* quanto para um *fazer sentido* por trás do modo como se vive e acerca do que se consome. Ainda que a aceleração das mudanças sociais acarrete uma crescente instabilidade das condições contextuais, de ação e decisão, ao experimentarem uma **“Desaceleração Íntima e Sensorial”**, os entrevistados conseguem refletir e reinterpretar adequadamente suas experiências, revisar suas expectativas e reformular suas prioridades.

Ademais, a janela de atenção no momento presente requer a execução de menos atividades simultaneamente. Este parece ser um movimento contrário a aceleração do ritmo de vida (ROSA, 2019a), originada da fragmentação de atividades em sequências cada vez menores, o que acarretam janelas de atenção decrescentes e o aumento do quantitativo de atividades. Os relatos de Bernardo e Pietra podem evidenciar este ponto:

“Hoje vivo um estilo de vida intencional e focado. Tenho mais consciência do tempo e das minhas ações, prezo mais a harmonia entre ser humano e a natureza. [...] É sobre viver de forma a estar presente, desapegar do tempo e entregar plenamente a cada tarefa do dia, de forma intensa”. (Bernardo)

“[O Slow] envolve assertividade, intencionalidade, concentração. Não tem nada a ver com ser devagar. É sobre ir contra o fluxo do automático e leviano. Quando você coloca foco e atenção plena no que você está fazendo, tudo ganha mais sentido e cor. Você percebe que sim: você tem tempo de sobra”. (Pietra)

Igualmente válido é afirmar que *fazer sentido* por trás do que se consome, ou seja, consumir algo com sentido, contribuir para um *fazer sentir-se*, ajustar-se a si mesmo. Isso aparece no relato de Luana. Para ela, o consumo que ocorre com um motivo ou intencionalidade ajuda-a a ajustá-la ao momento presente e, assim, experimentar a desaceleração. Assim, é possível sugerir que, em meio a circulação instantânea de bens e informações, característica da sociedade moderna, o fato de Luana saber de onde vem aquilo que consome funciona como uma maneira de atribuir a noção de espaço e tempo ao consumo, permitindo, assim, uma forma de ancoragem ao momento presente:

“[...] Gosto de consumir coisas de quem eu sei quem fez, a origem. Faz mais sentido do que comprar a torta da confeitaria famosa. E coisas que são produzidas localmente ou são compradas de pequenos produtores. Então, diz muito dos produtos e da intenção do lugar, coisas que conseguem te aterrar, te dar essa experiência desacelerada, né? Eu consigo ter alguma coisa que me traz pro ali, pro aqui e agora, através da intenção por trás dos produtos que estão ali”. (Luana)

A experiência estética é reconhecida por alguns entrevistados, que atribuem um caráter transformador ao consumo Slow, principalmente quando ocorre de modo frequente em suas rotinas. O relato de Pietra ilustra o poder de transformação do *self*, revelando um novo ‘eu’ a partir da vivência integral e rotineira da filosofia Slow:

“Tem um Q de transformador. Porque quando a gente tá no automático, na loucura da vida, a gente perde literalmente os sentidos. A gente perde nossa essência como ser humano. [...] O Slow busca justamente o contrário. Busca o sentido por trás do que se vive, do que se consome, do que se considera. [...] Está relacionado ao humanizar e o humanizar pode ser feito com tudo. Tudo pode ser humanizado: as relações com o outro e consigo mesmo, o consumo, o modo de viver, de escrever, de

comer, de se vestir, tudo! [...] O que acontece é que você melhora em um todo, como pessoa. Acaba revelando o seu melhor, o seu eu humano". (Pietra)

A questão da transformação do *self* é reforçada no relato de outra entrevistada. Amanda acrescenta a noção de autocuidado, que resultaria em na criação de um *self* mais centrado e autorresponsável. Assim, é possível sugerir que este consumo seja percebido como uma estratégia de fortalecimento pessoal para enfrentar a rotina acelerada, que, de modo antagônico, passa por um processo de desaceleração de si mesmo para, assim, aumentar a autoconsciência. Eis o relato de Amanda:

"Um estilo de vida mais Slow requer um maior autocuidado. Porque não dá para gente viver de forma mais lenta e querer responder a todos os grupos de Whatsapp, ver todas as lives, participar de todas as reuniões, estar presente em todos os eventos, consumir todos os conteúdos do Youtube. E é isso que todo o momento estamos fazendo. A gente tá sempre priorizando atender a expectativa do outro, esquecendo da gente. A gente não prioriza a gente". (Amanda)

A experiência extraordinária da desaceleração emerge do relacionamento extremamente forte ou o estado de profunda união, quase que como uma fusão, com aquilo de se consome. Ainda que não exista emoção e euforia, qualidades atribuídas por Arnould e Price (1993) às experiências extraordinárias, existe intensidade e sensibilidade. O relato de Fábio evidencia tal ponto:

"Parece uma coisa tão boba, mas é tão mágico. Você tá ali, aguardando o seu prato ser preparado e você repara na cor da parede, nas pessoas ao seu redor, na textura da toalha que forra a mesa, na louça. E quando o prato chega, é sobre degustá-lo de verdade. Sentir o aroma, a textura da comida, se tá frio ou quente, se tá ácido, salgado. [...] Quando você consegue viver assim, você tá utilizando o seu máximo potencial de viver o aqui e o agora, que, no final das contas, é o único momento em que a gente pode viver. Então você tem que ocupar esse espaço. Se eu tenho 10 minutos para almoçar, eu vou me dedicar e estar por completo ali, vivendo aquilo, nestes 10 minutos". (Fábio)

A temática de sentido torna a aparecer no relato de outras entrevistadas. Raquel comenta sobre a questão do pertencimento emocional e prático de tudo o que consome ou possui, relatando sobre o desgaste energético que o acúmulo de bens provoca em sua vida. Em um processo de troca ativa, a entrevistada evidencia um *fazer sentir* das coisas que possui ou consome:

"[...] A gente tem um monte de coisa em casa que não faz sentido para gente, que a gente não curtiu, que não usa, nem nunca vai usar, que não gostou, mas que tá lá, a gente guarda, vai ficando. Quanto mais a gente tem e consome, mais energia a gente perde. [...] Tem que priorizar aquilo que tem pertencimento, que tem sentido, que te faça sentir, que tenha significado emocional ou prático na sua vida". (Amanda)

No relato de Amanda é possível perceber ainda a defesa por um processo de desaceleração em relação as forças mercadológicas, quando advoga sobre o dispêndio energético do ter e consumir desnecessariamente. Esta “**Desaceleração Mercadológica**” aparecerá em outros relatos, revelando uma importante estratégia de frenagem utilizada pelos entrevistados para o alcance e a experimentação do extraordinário (lentificação). Na ótica dos entrevistados, ao mesmo tempo em que joga luz sob uma qualidade sensorial, esta desaceleração mercadológica aparece ser um importante contraponto ao que foi observado no regime de Manipulação: existe aqui a percepção dos entrevistados de que a manipulação do mercado deve ser considerada e, muitas vezes, confrontada.

Tais achados – tanto a questão do sentido em torno do consumo e da desaceleração em relação as forças mercadológicas – aparecem também no relato de Elen. Para a entrevistada, o ajustamento com o aquilo que consome deve ser importante, seguido do ato de escolha do que irá consumir, o que leva questões sobre representação de si mesmo e sobre fazer sentido. Assim, ela reconhece a “**Desaceleração Mercadológica**” como uma espécie de freio no ciclo aceleratório, em um movimento contrário a manipulação do mercado; uma posição que trava o consumo ao cessar o ciclo comprar-trabalhar-comprar. Ao parar esta válvula propulsora que subjuga o sujeito a realidade acelerada e caótica, o não consumo proporciona a sensação de lentificação:

“A aceleração vem muito do consumo, é gerada por ele. Tem muito do consumo nessa aceleração toda que a gente vive. Pra mim é muito estressante. [...] O consumo é uma questão multifatorial, e o que a gente consome tem que, acima de tudo, fazer sentido e representar a gente. Eu coloco muitas questões na frente, muitos obstáculos e reflexões - ‘Eu preciso? Faz sentido para mim ter aquilo? Vou ter condição de bancar? Tá na hora certa de comprar?’ Se eu responder não pra uma dessas perguntas, tchau, não compro. E isso, por isso só, desacelera”. (Elen)

Contudo, é importante destacar um aspecto contraditório que surge nestes dois relatos (Amanda e Elen). Pode-se questionar se a própria vontade das entrevistadas de desacelerar e de buscar por formas lentas de consumo não representam, em si, uma manipulação do mercado por meio de narrativa midiática que enreda e vende um formato de consumo “livre e independente” ao mercado. Ou seja, ainda que não percebido, o mercado não continua atuando como manipulador? Pode-se sugerir que a busca pelo sentido, típica do regime de ajustamento, por ser algo sensível e mais próximo ao fenomenológico, ajuda os entrevistados a questionarem o real sentido e a necessidade de manter-se acelerado, porém, este

movimento sempre será precedido e sucedido à Manipulação (e, posterior, Programação) do mercado.

Em suma, os relatos que sugerem Ajustamento possuem um ponto de comunhão podem equivaler a importantes processos de interação entre sujeitos ou entre objetos: Chico e a cidade; Carla, Heitor e Elen e seus corpos; Marta e Alice e suas cerâmicas, dentre outros. Estes processos de interação acontecem por meio da “realização mútua”, no qual há reciprocidade entre os atores à medida que são contaminados pelo que o outro sente. Trata-se de um regime de união por contágio (LANDOWSKI, 2005, p. 34) dos actantes, ou seja, a “[...] um processo de transmissão que implica dois parceiros e consiste na reprodução por um deles de um encadeamento organizado de estados e de ações cujo modelo foi fornecido pelo outro”. A cidade dita seu ritmo, e não seu cidadão, ainda que com suas obrigações e prazos apertados; a cerâmica dita seu tempo e a força com a qual deve ser tratada, e não seu artesão, ainda que com prazos de entrega; o corpo grita por descanso, e não seu dono, ainda que tenha compromissos ou metas a bater; a dor chama atenção para consciência e experimentação das sensações do corpo, e não o próprio ser; o estabelecimento ordena o tempo de preparo do alimento, e não seu cliente que aguarda ansiosamente o prato pedido. Todavia, nada ocorre de modo alheio e independente ao mercado.

4.1.3.

“Ser Alice!”: no caminho para o regime de acidente

Embora seja a busca de todos, experimentar, alcançar e manter a experiência de desaceleração é desafiador para estes entrevistados porque requer a resincronização com a lógica temporal desacelerada, assim como o gerenciamento de possíveis instruções ou influências da lógica temporal acelerada. Ao representarem desregularidades, estas formas de consumo lento apresentam-se como práticas ou comportamentos novos, não naturais e não contínuos e, por vezes, sua prática constante é dificultada ou passa por inconstâncias. Em seu relato, Débora reconhece essa dificuldade em manter a constância da meditação:

“Começa empolgado, daqui a pouco larga: ‘Ah, não meditei essa semana’. Essa meditação propõe que você faça três vezes ao dia: ‘ah, faz um mês que eu só faço uma vez por dia. Não consigo fazer duas.’ Eu passei por todo esse processo, que é super comum. Não é de um dia pro outro. Não vira uma chave: ‘ah, vou virar uma pessoa que medita’. Não é tão automático, tem que ter um empenho seu”. (Débora)

Nota-se que, à medida que experimentam a desaceleração em meio ao cotidiano acelerado, sugerindo a dinâmica de entrada e saída dos oásis de desaceleração, estes consumidores se mostram cientes de possíveis desalinhamentos temporais. Ademais, estão cientes das consequências da permanência por longos períodos nestes oásis de desaceleração e reconhecem que tais atividades que não podem ser realizadas com muita frequência ou de modo muito prolongado. Sugere-se que exista a consciência de que a lógica temporal desacelerada dos oásis de desaceleração está “desalinhada” daquele acelerada, típica das estruturas sociais modernas, tal como apontado Rosa (2019a). Fragmentos abaixo ilustram tal fato:

“Demanda um tempo que normalmente eu não tenho. [...] tipo, é uma filosofia muito cara, não dá para comer baseado no slow 100%. É bem caro. Produtos orgânicos são mais caros. Aqui em São Paulo, os restaurantes e experiências orientados por esse conceito não é sempre que cabem no bolso, então você tem que dar uma balanceada, ir de vezes enquanto, em momentos mais especiais”. (Fábio)

“É um espaço reservado para finais de semana ou para ocasiões no final do dia depois da rotina”. (Joana)

“Tem que ser fora do horário de rotina e trabalho”. (Ricardo)

Ainda, alguns pontos nos relatos dos entrevistados sugerem um sentimento de insegurança frente a desconhecimento do final do consumo ou ainda uma falta de controle total sobre seus quadros sequenciais. Relatam, assim, consequências ambíguas, inexplicáveis e não intencionais, as quais são tomadas como negativas, não tanto devido às características danosas ou destrutivas, mas porque revelam uma série de consequências que talvez não possam ser completamente racionalizadas:

“[Sobre o processo de fermentação lenta] A gente não tem muito controle sob a produção. Não tem nenhum instrumento de controle, é pura leitura de massa. Ele é produzido num dia e assado no outro. Só que em que temperatura ele fica? Essa é a questão. Não sei”. (Fabrício).

“Mas tipo assim, eu não estou nem julgando porque, realmente, a pessoa, às vezes, para aqui na frente, tem 10 minutos para tomar um café em uma vida corrida. O que vai acontecer, talvez, seja que esse inconveniente causado para ela, provavelmente ela vai usar para pensar: ‘Não tenho nem tempo para tomar um café, que trabalho é esse que eu tenho’. Porque eu acho que essa é também a reflexão que fica, né?” (Alex).

Neste sentido, a proposta de uma percepção temporal diferente e em desacordo com o regime temporal dominante e a leitura padrão do tempo acarretaria consequências danosas ou até controversas. A esse respeito, Rosa (2019) defende que tentativas individuais de desaceleração se mostram amplamente ineficientes,

sob o risco de desencadear um processo de dessincronização para o agente que a executa.

“A gente sabe que não dá para ser slow, levar uma vida neste estilo, o tempo todo. Não dá. Simplesmente não dá. Seria ser Alice. Um mundo de maravilhas. Não dá. A vida não para”. (Fred)

Além de amplamente ineficientes, tentativas de desaceleração total (inércia) individuais apresentam altíssimo risco, ou até “risco puro” (LANDOWSKI, 2014a), de desencadear um processo de dessincronização para o sujeito que a executa. Isso porque fenômenos de dessincronização representam a total ruptura das regularidades de qualquer ordem. Existem, porém, são absolutamente incertos e sem nenhuma garantia de ordem prática.

Tal como explica Landowski (2014a, p. 79), ainda que não possa ter sua competência definida, o acaso possui um papel, que, por suas infinitas possibilidades de performance, é um “papel catastrófico por excelência” e, como em uma posição de “actante joker”, não tem papel algum ou, ainda, cumpre todos os papéis. Estes entrevistados têm a ciência de que não podem se dar ao luxo de extinguir totalmente o uso de meios de transporte, telefone e conexão com a internet e não amargurar o residual temporal acumulado devido a experiências constantes de desaceleração. Tais situações, inclusive, poderiam acentuar o sentimento de escassez temporal, desvelando inúmeros efeitos colaterais disfuncionais da aceleração, os quais estes entrevistados têm consciência.

Cientes da impossibilidade de permanecer integralmente em uma lógica desacelerada, nossos entrevistados optam por, ao longo de sua rotina, tomar constantes e diversas escolhas que passam pelas opções e padrões defendidos pelo mercado ou sociedade. O relato de Chico pode ilustrar isso:

“Eu já tive pessoas que me perguntaram assim: ‘cara, mas você é assim mesmo?’ Não, óbvio que não. Eu me irrita, eu me estresso, eu fico chateado, eu como com pressa quando eu tenho compromisso, eu sou naturalmente hiperativo, eu tenho um monte de outras coisas para fazer. Tem hora que eu fico muito ansioso com resultados, com as coisas que eu tenho que fazer, com dinheiro, com falta de trabalho. E aí, eu preciso me conectar, eu preciso parar e acionar o meu painel. [...] Eu criei um botão chamado slow, ele fica bem perto do botão do foda-se. Tem esse botão, você pode usar uma outra palavra, eu não vejo outra melhor do que essa (risos).” (Chico)

A proximidade dos botões aos quais Chico faz alusão, o de ser lento e o de ignorar tudo, evidencia a proximidade entre uma dessincronização ou de um desalinhamento temporal, com todos as consequências que acarreta, e a opção de ignorar o mundo, suas obrigações e papéis sociais. Neste momento, sua tentação de ser integral e totalmente lento cede espaço à necessidade de se manter em consonância seu entorno social, ainda que isso não signifique manter-se em consonância temporal com tal entorno.

4.1.4.

“Opa, preciso voltar!”: saindo do regime de acidente, caindo na manipulação

Após um tempo gozando os benefícios de um oásis de desaceleração, boa parte dos entrevistados parece experimentar uma espécie de vazio de sentido ou uma insensatez que não permite a permanência ou consumo prolongado em formas lentas de consumo.

Dinheiro e tempo estão, por vezes, dentre os principais motivos para sair desta insensatez. Landowski (2014a) comenta que, por meio do uso de diversos de procedimentos persuasivos, um ator impõe razões ou motivações sobre o outro, *fazendo-o querer e/ou dever fazer* alguma coisa. As falas dos entrevistados denunciam a necessidade, ou mesmo obrigação, de querer ou dever voltar a fazer suas atividades de modo mais rápido.

“Se um cliente me liga e pede um orçamento para que eu faça um trabalho e me dá um prazo curto, eu tenho que cumprir essa tarefa o quanto antes, aí eu preciso de velocidade, preciso ser rápido. Senão, né, eu perco aquele job”. (Chico)

“Aqui, por exemplo, aqui também não é simples, sábado aqui é uma correria danada, e a gente se deixar influenciar por isso, sabe? Acontece. Volta e meia acontece de vir gente aqui desesperado, com pressa. Algumas pessoas inclusive, algumas reclamam e falam que é um absurdo, que fica muito cheio, que demora muito, que não sei o que. [...] é meio que imprevisível, fica sem controle. Que que eu vou fazer? Tenho que atender, senão não trabalho, não vendo, né”. (Alex).

A sociedade de consumo (ou o mercado) atua como um ator que se utiliza de procedimentos específicos para manipular os entrevistados, como a ameaça de sofrer das consequências de “perder uma reunião de trabalho” (Chico), “ser despedido” (Alex), “perder o horário” (Carla) e “nunca mais poder voltar” (Pablo). Como um ator-manipulador, dissuade estes entrevistados, ao castigá-lo com a privação de dinheiro, tempo ou aprovação social, caso recuse agir segundo a sua vontade. Ao buscar o encontro com este objeto-valor (objeto desejo), qualquer que

seja, evidencia-se o desejo de, novamente, ter significação ou talvez limitar os riscos que, outrora, eram inúmeros e iminentes.

Alguns entrevistados relataram buscar formas lentas de consumo para uma finalidade de restauração. Trata-se, pois, de pausas orientadas e temporárias com o intuito de aumentar a capacidade de inovação e criatividade. Para Pablo, a sua pausa para tirar um cochilo após o almoço funcionava como uma forma de reabastecer energias, para uma segunda etapa de trabalho:

“Eu ia lá para descansar. Saía de lá, literalmente, outro. Aqueles 30 minutos de cochilo me tornavam uma ‘máquina’. Ainda mais na segunda, por conta da leseira do fim de semana. Que isso. Eu lembro que eu voltava às 2 da tarde [como] um furacão. Tanto que meus elogios eram, sempre, por causa dos serviços que eu havia feito a tarde, depois de dar uma descansada, depois de ter ido lá dar o meu cochilo de restauração. Existia o Pablo antes do cochilo e o Pablo depois do cochilo. [...] Era o dinheiro mais bem gasto do dia. Era praticamente o investimento mais barato que eu fazia diariamente (risos)”. (Pablo).

Isto permite sugerir que estas formas de consumo lento eram procuradas para fins de reabastecimento de energias ou superação de quaisquer empecilhos para uma posterior nova aceleração ou para a realização de intenções de aceleração, potencialização de sucessos ou enfrentamento de atividades cotidianas com mais rapidez.

Neste caso, o entrevistado passava do regime de programação, do contexto acelerado que estava, para o regime de ajustamento, com uma lógica de desaceleração. Assim, o entrevistado estava pronto para retornar à lógica acelerada da vida moderna, ou seja, para mergulhar, novamente, no regime de programação, ponto de onde iniciou sua jornada. Assim que saturado pelas consequências negativas da aceleração da vida moderna, predominante neste regime de programação, o entrevistado tornava a experimentar formas de consumo lento, indo, então, para o regime de ajustamento e reiniciando sua jornada nos regimes de Landowski.

4.1.5.

“Consumo, logo, desacelero”: manipulação do mercado à uma desaceleração retórica

Como já visto, o consumo lento não existe de modo alheio e independente ao mercado. Sugere-se que o próprio desejo por desacelerar e, conseqüentemente, buscar por formas lentas de consumo representam, em si, uma manipulação do mercado. Ainda que no regime de Ajustamento os entrevistados experimentem uma

forma de consumo mais sensível e próximo ao fenomenológico, ajudando-os a questionarem a aceleração do regime de Manipulação e de Programação, o mercado ainda estará presente antes e após aquele regime de Ajustamento

Além disso, em alguns relatos analisados foi possível perceber que o consumo sob o rótulo Slow, em si, pode contribuir para a formação de experiências utópicas sobre a desaceleração. Isso significa que os sujeitos não experimentam, realmente, a desaceleração por meio de formas lentas de consumo. Na realidade, experimenta o que escolhemos chamar de “desaceleração retórica”.

A desaceleração retórica acontece quando o sujeito se utiliza de um conjunto de textos sobre consumo para representar uma forma midiática de lentificação. Tal fato acontece sobretudo na vertente de Slow Food. O relato de Ricardo demonstra tal apontamento:

“Isso realmente mudou [a minha vida]. Claro que não é somente comer produto Slow. Tem toda um conjunto de ações que você tem que tomar para ser mais Slow, aplicar realmente a filosofia. [...] Hoje parece que tá na modinha, todo mundo é Slow. O cara vai lá, compra pão de fermentação lenta, engole o pão, come o troço e rápido, mexendo no celular e fala: Sou Slow’ (risos)” (Ricardo)

Chama a atenção que nestes relatos, as formas de consumo parecem, na maioria das vezes, vender a desaceleração ou a lentidão, com um serviço ou algo pronto para ser utilizado, com consequências certas, eficazes e imediatas. Em outras palavras, existe uma promessa de lentificação a partir do consumo de determinados bens ou modos de vida, evidenciando o forte papel das mitologias e institucionalizações de mercado na formação dos sistemas de significados atribuídos ao consumo Slow. O relato de Débora ilustra tal ponto:

“Quem não conhece, acha que [a desaceleração a partir do Slow] tá ali, pronta, a venda, na prateleira do mercadinho orgânico, no videozinho do Youtube da influencer ‘natureba’, paz e amor, no retiro espiritual daquele guru do Instagram. Cara, se você não se der por inteiro, não viver realmente de modo Slow, presente, não rola. É enganação”. (Débora)

Neste âmbito, surgem produtos e serviços que permitem qualquer um experimentar o extraordinário. Isto se assemelha ao fenômeno de democratização das experiências extraordinárias, observado por Scussel (2020) em seu estudo sobre corredores de rua. A construção da experiência extraordinária de desaceleração acontece como resultado da mobilização do mercado, acrescido a influência dos valores da subcultura de consumo e da busca do consumidor pelo extraordinário.

Ainda, o relato de Júlio reforça que uma espécie de narrativa pró lentificação parece funcionar como um mecanismo de socialização e pertencimento a uma subcultura de consumo:

“Eu digo que é difícil sobre Slow. O silêncio, o parar, não é fácil. Movimento de contemplação, de presença o tempo inteiro, em contraste com as notícias que a gente vê, com tanto barulho, tanta rede social, televisão, Netflix, vizinho. As pessoas me acham arrogante por [falar] isso. Hoje a gente encontra muita gente que se diz Slow achando que é um segmento do mercado, tipo plus size ou geek”. (Júlio)

Finalmente, o relato de Fabrício evidencia que formas de desaceleração por meio do consumo lento podem ser vistas como estratégias de apoio ou de estímulo a um futuro movimento de aceleração. Neste contexto, a lentidão passa ser entendida, então, como uma pré-condição funcional para a aceleração social.

“E qual que é a dificuldade da gente produzir um pão 100% fermentação natural na escala que a gente produz hoje: Hoje são 8 toneladas de pão por mês, aliás isso é outro pensamento porque na verdade a quem interessa que o discurso do artesanal tem que ser um cara pequenininho: a quem interessa que o artesanal não possa ganhar escala: então quer dizer, artesanal pode sim ganhar escala e a gente vai chegar a 12 toneladas de pão por mês feito 100% de fermentação natural”. (Fabrício)

4.2.

Em um eterno *continuum* entre estrutura e antiestrutura

Os relatos analisados permitiram identificar que os informantes, ainda que imersos em quadros estruturais do cotidiano, alcançavam e experimentavam a sensação de lentidão de modos e em pontos diversos ao longo de um *continuum* de estrutura / antiestrutura (HUSEMANN *et al.*, 2016; TUMBAT e BELK, 2011). Isso acaba reforçando a ideia de que a experiência extraordinária pode ser resultante da combinação de elementos estruturais e antiestruturais, ainda que em meio ao ambiente cotidiano (SCUSSEL, 2020; SKANDALIS *et al.*, 2019).

Os relatos sugerem que os entrevistados vivenciam momentos em que existe o excesso de elementos da estrutura, ilustrando situações habituais e recorrentes de suas vidas, enquanto em outros momentos predomina o excesso de elementos da antiestrutura, representando uma espécie de sublimação do ambiente cotidiano, ainda que totalmente imerso neste. Paradoxalmente, estes entrevistados também vivenciam a ausência de elementos da estrutura, experimentando uma forte interação ou engajamento com os elementos presentes no consumo, enquanto em outros momentos experimentam a ausência de elementos antiestruturais, o que beira

a falta total de sentido e a necessidade de buscar um reequilíbrio, em uma espécie de ancoradouro estrutural.

De modo geral, foi possível identificar quatro principais posições: (4.2.1) excesso de elementos da estrutura; (4.2.2.) excesso de elementos da antiestrutura; (4.2.3.) ausência de elementos da estrutura; e (4.2.4.) ausência de elementos da antiestrutura. Por uma questão de clareza, iremos nos referir separadamente à cada uma destas posições.

Estas posições não chegam a gerar tensões nos entrevistados, tampouco são problemáticas ou contraditórias. O extraordinário, em meio aos quadros estruturais do cotidiano, emerge e ganha contornos e significações justamente na coexistência destas posições, ponto de consonância com os estudos de Skandalis *et al.* (2019). Assim, os entrevistados deslizam harmonicamente por estas quatro posições e, ao contrário dos achados de Husemann *et al.* (2016) e Tumbat & Belk (2011), não possuem tensões a serem resolvidas. A vivência de características ora estruturais, ora antiestruturais, ora em excesso, ora em escassez, criam sentidos de lentidão ou desaceleração, assim como de aceleração e caos.

4.2.1. Excesso de elementos estruturais

Os elementos estruturais estão imersos no cotidiano, em experiências e eventos comuns do dia a dia, que ocorrem regularmente na vida dos entrevistados. Assim, correspondem à organização e estrutura geral da sociedade, a papéis e status sociais. Os entrevistados descrevem sensações de aceleração e sentidos de rapidez e velocidade específicos por meio da evidenciação exaustiva ou do contato exacerbado com elementos estruturais.

O relato de Raquel ilustra como o contato exagerado com o celular distanciava-a de seu estado de equilíbrio. Ela comenta que precisou de ajuda psicológica para ressignificar sua relação com o celular e, principalmente, com o consumo de informação, passando a consumir somente o que fazia sentido e era relevante para ela:

“Passo cada vez menos tempo no celular, na Internet, consumindo conteúdo. Na quarentena aquele tanto de live. E se você se envolve tanto nisso, é inevitável sentir a aceleração do mundo. Aquela sensação de que a gente não vai conseguir absorver tudo, que a gente está perdendo alguma coisa. Na real, automaticamente, quando você ressignifica a relação com o celular, o ritmo que você consome ele, você já dá aquele [movimento para baixo com ambas as mãos, palmas abertas para baixo, no sentido de acalmar], aquela aquietada”. (Raquel)

Pietra defende que o apelo da velocidade como aspecto dominante da cultura contemporânea faz com que o trabalho e a produtividade invadam outros espaços e aspectos privados e de lazer da vida, retirando os valores de simplicidade e naturalidade da vida:

“Estamos em uma sociedade que fomenta o trabalho, o consumo, a escassez, a produtividade, o que, se você parar para pensar, não tem nada a ver com a simplicidade da vida. Digo, a vida não é isso. [...] Por isso acredito no Slow”. (Pietra)

Para ela, a busca pelo Movimento Slow representa, assim, uma aproximação de elementos antiestruturais, ainda que imersa em um meio altamente estrutural, como a sociedade contemporânea. Outros relatos indicam que uma característica marcante da sociedade acelerada é a homogeneidade sensorial, resultado, principalmente, da conquista ou dominação do homem sobre a natureza. Sugerem, assim, que essa velocidade excessiva estaria associada a valores de doença, artificialidade e falsidade, enquanto a lentidão se aproximaria a valores de saúde, libertação e prazer sensorial e material.

“[...] E isso tende a mudar completamente os alimentos, eles ficam mais baratos, quase que sufocando a ‘sua verdade’. Frutas ficam com o mesmo formato, mesma cor, mesma textura, mesma aparência, mesmo cheiro, mesmo tamanho, mesmo tudo. As que forem feias ou ‘esquisitinhas’, com um ‘amassado’ aqui, um ‘machucadinho’, um ‘cheiro de maduro’, é descartada. Limita a diversidade, a variedade genética, e é péssimo para a experiência de quem come”. (Fabrício)

“[...] Isso até explica o boom de feirinhas de orgânico, feirinha de artesanato. Porque hoje tá tudo tão igual, tão padronizado. As frutas no mercado são brilhantes, todas iguais. [...] Faz tempo a sociedade acha que a natureza tem que atender as nossas necessidades na hora que a gente quer, os desejos do homem na hora que ele quer. Daí taca agrotóxico pra fruta ‘dar’ o ano todo. Não existe isso”. (Amanda)

Tal falta de respeito para com a natureza e seus ritmos representaria o excesso de elementos da estrutura social moderna. Outros relatos apresentam situações similares:

“Eu sinto essa necessidade, de contato com a natureza. Gosto muito de natureza que é uma coisa a gente não tem, porque a nossa urbanização, de um modo geral, em quase todo o Brasil, é bem precária. Não tem espaço vazio de a gente chegar e ficar num campo sentada aberto. Então eu sou essa pessoa que vive um pouco frustrada por não ter esses lugares de pausa no meio da cidade. Estou aqui nessa realidade urbana”. (Luiza)

4.2.2. Busca pela ausência de elementos estruturais

A partir do momento em que a existência de elementos estruturais se torna exaustiva, os informantes buscam não sua total ausência, mas uma espécie de moderação quanto ao uso destes elementos. Além da incessante busca por sentido, os motivos desta busca variam entre carregar energias; olhar para trás e aprender com o passado; refletir e ver além dos dilemas triviais; tirar prazer de alguns momentos; conectar-se com as pessoas; ser mais criativo; salvar o mundo.

Luiza descreve algumas características que um ambiente de consumo deve ter para que seja, na sua opinião, considerado Slow. Nota-se o uso predominantemente de elementos antiestruturais, como “tranquilo”, “sem gente”, “silêncio”, “poucas pessoas”, “falar baixo”, ainda que em um ambiente rotineiro, majoritariamente composto por elementos estruturais. Mais ainda, Luiza se esforça em pontuar um afastamento de características estruturais, como “cidade”, “caos”, “barulho”, “indiferença”, “confusão” e “agito”. Assim, sua sensação de desaceleração emerge da dosagem certa destes elementos, sem, necessariamente, ausentar aqueles estruturais:

“Não só natureza, mas também lugares tranquilos, sem gente, onde a gente presume que haverá silêncio, que as poucas pessoas irão falar mais baixo. Onde você consegue se conectar consigo mesmo, bem no sentido de contemplar o externo a partir deste momento com você. Então isso acaba sendo para mim, um convite muito grande para viver aquele momento e eu acho que funciona para mim, ainda que no meio da cidade, no meio do caos, barulho, indiferença, confusão, agito. É uma sensação de se desligar das coisas e em muitos eventos da minha vida. Por isso que adoro o Slow”. (Luiza)

Como já visto, a **desaceleração mercadológica** funciona como uma estratégia para alcançar o extraordinário da lentificação. Essa desaceleração acontece, para Elen e Luana, a partir do momento em que elas cessam o ciclo comprar-trabalhar-comprar, optando pelo não consumo e, assim, afastando-se do mercado (elemento estrutural):

“Na verdade, o consumo em si já é algo que estressa. [...] Porque acho que você vira refém. Você comprou. Então agora você tem que trabalhar mais, para pagar aquilo. E você trabalha, paga e se sobrar [dinheiro], o que você faz? Vai lá e compra mais. Então vira uma bola de neve, um ciclo sem fim mesmo. Tem que colocar o freio, que é simplesmente não consumir”. (Elen)

“O interessante para mim é que eu desacelero no não consumo. O não consumo ele realmente é o que me fez respirar. Quando mais eu consumo, mais dinheiro eu preciso para pagar essas contas, mais eu tenho que vender as minhas horas. E eu não quero vender as minhas horas para ganhar dinheiro. E não é que eu não gosto de dinheiro, eu gosto muito de dinheiro. Mas eu quero o meu dinheiro e o meu tempo

livre, horas livre pra não fazer nada. Isso é fundamental e faz sentido para mim’.
(Luana)

Para Clara, essa busca está relacionada a reflexão acerca da necessidade de ser acelerado e lento. Ainda, essa entrevistada explica que sua escolha por ser desacelerada ou fazer algo em uma velocidade menor passa por uma espécie de ajustamento ao contexto no qual está, sentindo qual velocidade é permitida ou exigida por este contexto. Eis seu relato:

“E as pessoas me questionam ‘mas como que você vai ser slow, sendo que você está imersa numa lógica que é naturalmente acelerada? Você vai ter um desequilíbrio, o seu tempo vai entrar em choque com o tempo da sociedade.’ Sim, claro, mas, assim, você tem que saber para quê, por que você está com pressa naquele momento. É sempre você estar questionando: eu realmente preciso fazer isso com pressa? E isso não significa fazer lento. Não significa você ter talvez uma consequência danosa da sua lentidão ou da sua escolha por ser desacelerado. É uma coisa que tem a ver com o que o contexto permite. Claro que a gente não pode se dar ao luxo de: ‘ah, eu vou responder esse e-mail só quando eu quiser, só quando o meu tempo permitir. A gente tem uma lista enorme de coisas para fazer, mas a gente tem que escolher fazer de modo lento o que pode ser feito de modo lento.” (Clara).

Nota-se que a entrevistada reconhece a importância e, até mesmo, a necessidade de manter-se alinhada ao mercado, estando ciente das consequências de um rompimento brusco com este. Neste relato, assim como naqueles a seguir, fica claro que a busca por menos elementos estruturais em nada representa o desejo por uma qualidade totalitária antiestrutural. Existe a busca da diminuição de características estruturais, porém sem cair em posições contraditórias ou conflitantes de, por exemplo, desejar a completa existência destas características. Está claro para estes informantes que isso equivaleria a utopia, um acidente de Landowski em sua melhor definição. Estes informantes, ao contrário daqueles participantes do *Burning Man* (KOZINETS, 2002) não buscam escapar totalmente do mercado (elemento antiestrutural). Eles reconhecem que precisam da infraestrutura comercial (elemento estrutural), mas em uma dosagem racional ou, até mesmo, temporária.

Sugere-se, pois, que uma espécie de terceiro lugar nasça desta negociação funcional entre os elementos da estrutura, ou a lógica de mercado, e da antiestrutura (TUMBAT e BELK, 2016; HUSEMANN *et al.*, 2016; SCUSSEL, 2020). Em outras palavras, ao preferirem ou dosarem mais a experimentação de um elemento a outro, os informantes experimentam e vivenciam momentos de desaceleração integrados e imersos à sua rotina cotidiana acelerada.

Pedro, entusiasta do movimento do *handmade*, uma vertente do Slow Made, explica que essa moderação, utilizando, para isso, o contraponto entre objetos, impregnados de elementos estruturais, e peças. A distinção entre esses é feita por meio, primeiro, do afastamento de elementos estruturais como “máquina”, “iguais” e, em um segundo momento, da aproximação com elementos sensoriais e emotivos, como “sonhos”, “mundo diferente”, “emoção”, “sentimentos”, “amor” e “único”:

“Essas peças são mais do que objetos, pois carregam os sonhos das pessoas que as fizeram, são a materialização do desejo e da busca por um mundo diferente. São objetos que moram nesse lugar além da coisa em si. [...] Ele foi feito à mão, por alguém, uma pessoa com emoções e sentimentos, e não por uma máquina. Ele é único ou talvez existam poucos iguais a ele. E carrega o amor, a emoção e o sentimento do momento em que foi feito”. (Pedro)

Esse movimento permite criar um espaço entre dois extremos, onde, de um lado, está o espaço onde elementos estruturais se fazem abundantes e, de outro, onde abundam elementos antiestruturais. Nota-se que este terceiro espaço existe em algum ponto entre os dois anteriores, talvez pendendo para a menor dosagem do daquele estrutural.

Essa lógica parece se repetir em outros relatos, como o de Alice. A vontade de fazer peças autênticas e únicas, diferente daquelas que o mercado oferecia, fez com que ela tirasse do papel seu ateliê, onde manipula peças de cerâmica.

“Igual aqueles vasos, tudo igualzinho, sem cor, tudo liso, sem textura, sem sentido. E é a rapidez que traz isso, que tira isso. É a larga escala, a linha de montagem. [...] É incrível que as pessoas não se importam em pagar 20 reais por um desses vasos, feitos totalmente em linha de produção, naqueles processos industriais, todos absolutamente iguais, sem beleza. E não conseguem enxergar a riqueza que existe em uma peça de barro, cheia de detalhes, que, muitas vezes, vai custar um pouco mais, mas é única e cheia de história, carrega saber e muito estudo”. (Alice)

Segundo ela, a unicidade das peças emerge da pressão das mãos que as manipulam. Tal desejo por alcançar o autêntico, a riqueza e os detalhes somente é possível e ganha sentido pelo fato de coexistir e sobrepor ativamente a elementos estruturais como o igual, sem beleza e cheio de história. Ainda, ela explica que o propósito de cada peça é o elemento principal que diferencia o espaço entre os dois mundos, dos elementos estruturais e dos elementos antiestruturais:

“A principal diferença é o motivo pelo qual a peça, conscientemente, foi feita. E essa desaceleração acontece quando, em meio a um mundo cada vez mais digital, você ousa entrar em contato com o outro, você ousa parar e questionar a história por trás de tudo o que você compra. Ai você percebe a insensatez e superficialidade na qual estamos”. (Alice)

Sugere-se que nesta troca ou interação “humanizada” entre o bem e quem o consome surja um espaço em que o consumo ganha sentido, indo além da mera compra desenfreada e manipulada pelo mercado. Ao falar de sua agência de publicidade que acabara de se tornar um estúdio de “comunicação artesanal”, Marta fala sobre a existência de elementos antiestruturais para distinguir o industrial, acelerado e exagerado e sem sentido do artesanal, lento, particular e que “conta histórias”:

“Então a gente cria um processo e começa a entender que a gente está falando de pessoas, processos e que chega num lugar que é o produto final. [...] E a gente começa a escrever sobre o que seria o movimento da Revolução Artesanal, que é esse olhar para o processo e não o produto final. Então, não que o produto final não tenha valor ou que a gente não vá olhar pra ele, mas a gente começa a contar essa história do produto. O convite do [nome do movimento] até hoje é assim: o que o fazer manual fala quando eu faço algo com as minhas mãos”. (Marta).

Neste sentido, Marta ressalta que, não raro, recebe comentários sobre as histórias e experiências de transformação ou de vivências extraordinárias que o consumo gera em seus clientes. Assim como nos achados de Arnould e Price (1993), o extraordinário acarreta ao consumo características de transcendência de sua natureza comercial, além de tornar afetivamente carregadas as interações sociais que ocorrem ao seu redor.

Tal carga afetiva em torno da experiência aparece nos relatos dos entrevistados envolvidos com o *Slow Food*. Amanda comenta que o surgimento de inúmeras feiras de produtos naturais ou de artesanato na cidade de São Paulo se deu frente ao reconhecimento de parte da população de que tanto os alimentos quanto os bens de consumo devem ter o seu ‘tempo’ respeitado:

“[...] Isso até explica o boom de feirinhas de orgânico, feirinha de artesanato. [...]. E o Slow traz isso, de respeitar o tempo das coisas. Por isso compramos produtos orgânicos, porque você sabe que ali não tem agrotóxico ou outros produtos para o alimento crescer mais rápido ou crescer fora da estação. [...] é sobre comer o que está disponível ao longo do ano e não o que eu quero comer”. (Amanda)

Mais ainda, existe um esforço por valorizar o fazer manual, os processos, as receitas e das diferentes características de cada alimento. A definição que Fred dá ao *Slow Food* sugere essa preocupação, evidenciando, ainda, o esforço em afastar elementos estruturais deste consumo:

“No Slow Food, o produto é o reflexo do seu produtor e do contexto no qual esse produto foi cultivado, e por onde passou. E por isso que falamos que ele está carregado de história, porque ele [o produto] fala sobre o tempo-espaço em que foi feito ou cultivado. Ele é único, diferente de tudo que já foi feito. Você jamais na sua vida vai encontrar uma pera igual a outra. [...] Tem o respeito às particularidades de cada local, de cada produto, de cada uma das quatro estações. Então daí que vem muito a ideia de desaceleração, porque tem que esperar, você tem que esperar a estação ideal daquele alimento, qual a safra ideal, o solo estar preparado, o processo de fabricação da geleia, o produtor estar preparado para mandar a fruta”. (Fred).

Existe a ideia de que este consumo está centrado no encontro e interação entre consumidores, produtores e a natureza, o que favorece a sensação de desaceleração, justamente pelo fato de valorizar ou incentivar o contato, a pessoalidade e a “verdade de cada alimento”. O entrevistado explica que o respeito a tais particularidades resulta na sazonalidade, variabilidade e diversidade características da maioria dos produtos e serviços sob o rótulo Slow Food. Ademais, Fred deixa claro o desejo de dosar características estruturais como “cadeia [alimentar]”, “padronização”, “industrialização”, “grande escala”, ao mesmo tempo em busca aproximar-se de elementos antiestruturais como “ser pequeno”, “ser sazonal”, “ser único”, “ser por demanda”.

Assim como no estudo de Kozinets (2002), existe aqui o desejo que construir uma comunidade que aquiete as excessivas formas estruturais e individualistas de consumo, associadas ao mercado. Porém, ainda que exista o ideal de libertação ou escape do consumidor em relação ao mercado, com o intento de “inverter, derrubar ou negar *temporariamente* a ordem social” (KOZINETTS, 2002, p. 31, grifo nosso), é reconhecida a necessidade de uma infraestrutura comercial (elemento estrutural) que possibilite todo o consumo em torno do rótulo do Slow Food. Neste âmbito, o Slow Food parece funcionar como um escape temporário e parcial do mercado de alimentos industrializados e padronizados.

A ideia de intensa socialização, que implica na geração de interações sociais positivas e colaborativas entre os membros, também aparece nos relatos. O desejo de criar comunas ou espécies de clubes de afinidades sobre formas de consumo lento estimula a criação de grupo de “fazedores” ou consumidores de “alimentos lentos”, ou, ainda, de apreciadores do “Dia sem Pressa”. Isso pode ser evidenciado no relato de Amanda, quando comenta sobre sua preferência por consumir de pequenos produtores ou de produtores locais e sobre a feira de artesanato que costuma frequentar:

“A gente tenta sempre consumir ao máximo de produtores locais, aqui, de mercado, de chácara, de feirinha de artesanato. [...] Tem uma menina que faz anéis, aqui, ela fez um anel para mim do bicho que eu trabalho, esse mosquito aqui [mostra o inseto objeto de sua dissertação de mestrado]. Eu gosto muito dessas coisas, então se eu vou gastar o meu dinheiro com isso, gosto de consumir dessas pessoas [artesãos ou pequenos produtores]. Demora mais, realmente, para fazer. A moça falou assim: ‘ah, se você tiver pressas com o anel, demora!’ Eu falei: ‘não, quando você puder entregar’. E aí as pessoas geralmente falam para mim que me acham muito tranquila, porque eu não cobro tempo. Eu não preciso desse anel, mas ele vai me trazer alegria, porque vou ter o meu mosquito no meu anel, o mosquito que eu trabalho, que eu fiz o meu mestrado. Então eu tenho essa relação com o consumo”. (Amanda)

Em seu relato, Amanda pontua sobre o consumo com significado, capaz de carregar lembranças e sentido para si. É possível sugerir que enquanto o consumo desenfreado de bens padronizados ou industrializados penda para a esfera estrutural, o consumo artesanal e com significado se situe entre os dois extremos, pendendo mais para oposto antiestrutural.

Ainda, os relatos sugerem que a noção da desmaterialização e efemeridade deste tipo de consumo, junto à experiência temporal e contextual vivenciada ajudam a construir a experiência extraordinária de desaceleração. Assim, tais experiências ganham qualidades de “bem-estar e qualidade de interação” (Fernanda), “consumo centrado no encontro” (Lucas), “momento de interação, [...] formas de valorizar ou incentivar o contato e pessoalidade” (Ricardo). Estas características são utilizadas, inclusive, para marcar uma dentre as diferenças do modelo de consumo slow daqueles fast:

“Não gosto de fast food, prefiro o slow. Acho o fast impessoal”. (Fernanda).

“Tem muito de uma interação, desse contato humano. Olha, as pessoas interagindo, conversando. [...] É como se o fast food estivesse muito ligado a IFood, aplicativo, tecnologia, ao carinha vindo correndo te entregar a comida, aí tu come sozinho, tudo na pressa, essas coisas. É isso... O slow não, é mais calmo, mais humano, é olhar no olho de quem faz tua comida, esperar o ‘negócio’ [comida] ficar pronto, porque, as vezes demora, viu?! (risos)”. (Lucas)

“Essa coisa de mesa coletiva, onde todo mundo senta junto, sem se conhecer. [...] Pode reparar: lá [na padaria], eles [atendentes] não usam aqueles aplicativos para enviar seu pedido pra cozinha. Você que levanta e vai lá no caixa fazer o seu pedido. E depois vai buscar. E depois limpa. É sério isso, para pra perceber, só a menina do caixa usa computador ali”. (Antônio)

Ponto importante nos relatos de Lucas e Antônio é a questão do consumo fast incentivar um maior emprego de tecnologias e de meios de transporte rápidos para a entrega das refeições. Nestes relatos, o uso da tecnologia se coloca em oposição ao “olhar no olho”, a calma, “espera” e “demora”. Sugere-se aqui que a minimização de formas de aceleração tecnológica (ROSA, 2019) ajude a reforçar a interação ativa e a centralidade do contato humano neste espaço. Essa desaceleração tecnológica gera uma sensação de desconexão do mundo acelerado, consequência do controle do uso da tecnologia e do incentivo a comunicação pessoal, face a face (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019). Tomando-se o contexto amplo deste consumo, ou seja, o conjunto de práticas e filosofia em torno do consumo lento, é possível sugerir que essa oposição a tecnologia ajuda a reforçar características de “ser artesanal”, “local”, “valorização de saberes e capacidades dos pequenos artesãos, “produção e comercialização de produtos de modo tradicional”, ajudando na definição de limites ou contornos entre o extraordinário e o trivial. Tal ponto aparece ainda na fala de outro entrevistado, empresário do ramo de Slow Food:

“Tem uns conceitos muito diferentes que eu acredito que seria uma vida bacana, mais conectada com um outro tipo de tempo. Acaba o pão, fecha a padaria. Enfim, numa época que todo mundo anda engravatado, usando dólma, o cara anda de camiseta e jeans, acaba o pão, fecha as portas, vai embora. [...] A lógica é de dentro para fora, contrária a lógica tradicional que é de fora para dentro. Tipo, aquela história do cliente ter sempre razão, aqui não, aqui o cliente não tem razão. Quem tem razão é a conversa, a discussão. A história de que as pessoas querem ser servidas... aqui a gente não serve. [...] Outra: os caras não entendem por que a gente não abre domingo. Outro dia uma senhora que estava ali falou assim: ‘Poxa, eu acho um absurdo vocês não abrirem domingo, porque domingo é o melhor dia da semana para se tomar café da manhã’. Ai eu disse: ‘É justamente por isso que a gente não abre: domingo eu estou tomando café da manhã com a minha mulher.’ É isso - passo a semana toda servindo café da manhã para a galera e domingo é meu dia”. (Alex)

Para ele, a lógica tradicional de que o cliente tem sempre razão e de que deve ser servido a todo custo e de que o negócio deve obedecer a uma lógica de fora para dentro não é válida. Mais ainda, essa contraordem, em contraste com a ordem esperada pelos clientes, é justamente a responsável por criar um local intermediário “mais conectado com um outro tipo de tempo”. Além do esforço em criar um espaço que possibilite expurgar o excesso de características estruturais, existe a vontade de distingui-lo, na tentativa de criar uma espécie de oásis onde é possível fugir da aceleração do espaço ‘lá de fora’.

Todavia, Alex reconhece a dificuldade de os consumidores de seu estabelecimento de experimentar a desaceleração, a se ver pelo número de críticas e comentários sobre a demora do atendimento nos aplicativos e perfis de redes sociais do estabelecimento. Para Fernanda, trata-se de um processo de educação do consumidor, que vem acompanhado, em um primeiro momento, de estranheza e resistência, se tornando natural conforme este consumo se torna mais frequente:

“Sempre vou e é incrível que sempre tem as pessoas reclamando a demora do prato, ou do fato de o café ser moído na hora, ou das garçonetes não atenderem na mesa. E sempre, sempre, essas pessoas são novas, estão ali pela primeira vez. A pessoa não tá a par de que ali não se espera que o serviço seja rápido, do mesmo jeito que não se espera que o cliente seja rápido na hora de fazer o seu pedido. O serviço é propositalmente lento para que o cliente tenha mais tempo de apreciar o ambiente, a companhia e as opções. Acredito que não é sobre o produto, é sobre a maneira de consumo. Acho que permite desacelerar, em grande parte [devido] à relativa lentidão dos funcionários, no sentido de não estar à espera de que você tome uma decisão rapidamente”. (Fernanda)

“Você consegue observar o produto sendo feito, é algo convidativo pois mostra que não está escondendo nada do cliente. O atendimento no caixa é muito bom também, as meninas são supersimpáticas, explicam o cardápio pra gente, falam que demoram um pouco mais algumas coisas, mas a gente entra no clima de querer comer bem, de querer conversar”. (Joana)

Juntamente ao relato de Joana, é possível perceber que o fluxo temporal lento atribuído ao consumo é resultado do encontro de expectativas congruentes de todos os agentes ali envolvidos. Tais achados contrastam com pesquisas anteriores (ARNOULD e PRICE, 1993; KOZINETS, 2002), que vinculam experiências extraordinárias a falta de expectativas ou expectativas vagas por parte dos consumidores, que, muitas vezes, não têm uma compreensão clara sobre como a experiência irá se desenrolar. Aqui, Joana e Fernanda, como consumidoras, sabem que o serviço não é rápido, assim como não têm pretensão que o seja. Igualmente, sabem que os prestadores não esperam que os consumidores sejam rápidos na escolha do pedido.

Ainda, aqui existem sequências de ação previsíveis (escolher, pedir, aguardar), em espaços de tempo com velocidade normal ou reduzida e que não exigem alerta ou foco. Ainda, a experiência temporal de desaceleração depende de uma combinação do cenário onde ocorre o consumo, os objetivos e expectativas destes consumidores e seus estados emocionais. Esse conjunto de estímulos e ações altamente roteirizados, previsíveis e até monótonos proporcionam a sensação de lentidão, bem-estar e relaxamento. Assim, esses informantes se afastam dos achados de Arnould e Price (1993), devido a previsibilidade de suas experiências

extraordinárias. Igualmente, diferem daqueles peregrinos de Compostela (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019) que apenas experimentavam tais sensações quando abandonavam a roteirização e planejamento prévio do consumo, práticas decorrentes da aceleração social e benéficas para o gerenciamento de recursos de tempo escassos e que estariam, portanto, em desalinhamento com uma lógica temporal desacelerada.

Outro ponto recorrente nos relatos é sobre como o consumo lento incentiva os participantes a serem autores de suas experiências, sendo corresponsáveis pelo modo como o consumo se desdobrará. O ritmo do consumo e a cadência das ações são ditados, em grande parte, pelo consumidor e não pelo fornecedor do serviço. Sugere-se que esse controle sob o consumo, que possui uma lógica temporal própria, com velocidades e ritmos que enfatizam a lentidão, tenha contribuição, ainda que mínima, para criar a percepção de que o tempo passa mais lentamente.

“A organização, os vendedores que não pressionam, mas tiram dúvidas, me traz serenidade e bem-estar. Consigo entrar em contato com o alimento e comigo e respeitar o tempo”. (Antônio)

“Não depender de ninguém faz com que as pessoas se sintam mais à vontade e menos pressionadas”. (Fábio)

“Você não se sente pressionado em ir ao caixa e escolher, pode pagar depois ou na hora”. (Joana)

Mais ainda, sugere-se que o fato de não terem que realizar inúmeras atividades simultaneamente e de poderem ser, temporariamente, improdutivos e não rentáveis, sem que tais comportamentos tragam consequências danosas, possa contribuir para a percepção de intensidade e profundidade da experiência de consumo destes informantes, modificando a experimentação do tempo.

Igualmente, Alex fala que o *fazer sentir o tempo* acontece tanto por meio do emprego de bens de consumo ou até mesmo da decoração do ambiente no qual o consumo ocorre, quanto com base na ausência ou proibição do uso de outros bens, como televisões e aparatos tecnológicos:

“Ponto para carregar o celular tem, televisão banida completamente [...], justamente para o pessoal entrar em contato consigo mesmo. Se não fica comendo olhando para uma tela passando sei lá o que, é desesperador isso. Mas internet tem”. (Alex).

Novamente, ocorre aqui um afastamento parcial de forças aceleratórias de origem tecnológica (ROSA, 2019). O entrevistado acredita que, assim, o *multitasking* (comer e assistir televisão) é fortemente desincentivado. Isto coincide com os resultados de Husemann e Eckhardt (2019, p. 1155), quando apontam que os peregrinos de Compostela percebem uma experiência temporal mais lenta e mentalmente libertadora ao se verem diante de um número limitado de atividades, de baixa complexidade e por “não [terem que] tomar decisões, em um mercado caracterizado pela falta de escolha”. Ou seja, percebe-se a simplicidade do consumo e, como defende Rosa (2013), onde há simplicidade, há lentidão.

Ademais, Alex ressalta a importância da valorização do passado na configuração espacial e conceitual de seu negócio. Para ele, isso freia a necessidade de atualização de renovação constante, sendo um forte contraponto a aceleração ou a necessidade de acelerar-se:

“A gente fez aqui um projeto arquitetônico muito baseado no Wabisabi. Não sei se você conhece, Wabisabi é um conceito japonês que valoriza as cicatrizes da vida. As cicatrizes da vida, na verdade, é o tempo, as marcas que o tempo deixa, e isso, na verdade, em relação a tudo. [...] Ele freia essa necessidade de renovação constante, ele trabalha bem essa questão. Então se você perceber aqui, [...] todas as paredes novas, a gente deu trato. As paredes que não eram novas, a gente deixou. Então você tem aqui as cicatrizes de um prédio de 40 anos, de 50 anos, entendeu? Essas paredes aqui de cima, enfim, olha aquele teto ali olha, a laje, aquela laje já existia, está vendo? O que foi construído novo, a parte de ferro, beleza, novo, zerado, entendeu? O resto, deixa como está”. (Alex).

Por meio desta prática, o entrevistado acredita ancorar e trazer sentido anterior e outrora reconhecido ao lugar, justamente diante da falta de referenciais mais seguros para fazê-lo: “Então a casa disse para a gente como ela queria ficar, essa foi a história.” (Alex).

Pontos no relato de uma entrevista, Elen, ajudam a reforçar que a sensação de lentificação que experimenta quando pedala esteja atrelada a aproximação de elementos antiestruturais, em meio do excesso de elementos estruturais, novamente, em uma espécie de terceiro lugar. O primeiro destes elementos pode estar relacionado ao contrafluxo social, ao comparar a velocidade da bicicleta com a da moto e, por fim, com a dos carros e a presença de trânsito. Outro elemento antiestrutural está associado a atenção e ao respeito ao seu próprio corpo, o que permite a ela fazer uma comparação com a vida no automático.

“Então, assim, a princípio, o meu marido queria uma moto e eu dizia pra ele: ‘olha, moto você vai continuar no trânsito, no meio dos carros. Se você quer desestressar, desacelerar, com certeza não é o recomendado, né?! Você tem um buscar ir no sentido oposto, sair do trânsito, se afastar dos carros.’ Pra mim, esse é o segredo...[...] E pedalando você sente dores e essas dores não existem quando você está no corre-corre da semana. Parece que a gente ignora os sinais do corpo.” (Elen)

Já Chico, adepto do transporte lento, reconhece que sua sensação de lentificação possui como importante fonte o respeito e o estado de equilíbrio com natural, em uma espécie de dosagem da alta velocidade. A velocidade ritmada e lenta da bicicleta permite que ele observe detalhes e experimente especificidades dos lugares por onde pedala e não, simplesmente, passe por eles, com a maioria dos demais ciclistas:

“Chegava no final do dia, conversando com as pessoas, eu percebia que eu tinha passado por lugares e observado coisas que algumas pessoas não tinham observado. Como por exemplo, o detalhe de uma casa, que em uma ponte tinha uma pessoa vendendo as frutas da região. Eu parava ali, comia fruta, conversava com a pessoa, às vezes tomava um café, conhecia o café da região”. (Chico)

Cabem aqui importantes ponderações: o oposto a alta velocidade, tomado como elemento estrutural, é a inércia, imobilização, paralização (elementos antiestruturais), o que não é, de modo algum, o Chico procura. Ele deseja a lentidão, que alcança por meio do controle ou dosagem da intensidade ou grau da alta velocidade experimentada. Seu andar de bicicleta ou, até mesmo, o ato de caminhar ainda representam, em si mesmos, movimentos, mesmo que à uma velocidade em sua ‘dosagem mínima’.

Outro ponto importante na fala deste entrevistado é o ato de “contemplação da cidade”, que nasce, tanto do significado de ajustamento do sujeito com o seu entorno, quanto da dosagem de elementos estruturais excessivos. Para Chico, a interferência excessiva do homem e da própria cultura de consumo sob a cidade resultou na sua aceleração caótica (elemento estrutural), jogando os sujeitos na manipulação e, posteriormente, na programação, que traz a indiferença ao entorno (ver mais no tópico 4.1.2). O ato de divagar para observação da cidade passa pela dosagem da interferência excessiva sob a própria cidade, respeitando ou deixando prevalecer o ritmo da natureza ou da ordem natural da cidade (elementos antiestruturais), em sua essência. Ao fazer isso, a sensação de desaceleração é alcançada.

“A gente tem o hábito de associar a velocidade muito a velocidade alta, mas tem vários tipos de velocidade: velocidade média, velocidade baixa, também é velocidade. [...] Por exemplo, eu posso estar pedalando num ritmo forte, sem estar preocupado com o horário que eu vou chegar, sem estar de olho no computador da bicicleta, vendo qual é a velocidade que eu tô usando ali, aliás eu nem tenho velocímetro na bicicleta, para eu não me preocupar com isso. Não uso GPS nas viagens, gosto de mapa impresso”. (Chico)

No decorrer de sua fala, Chico estende a contemplação da cidade para a contemplação da vida, que está no âmago da filosofia da vida lenta que segue. Para ele, levar uma vida lenta não se trata de paralisar-se diante da cidade ou prostrar-se diante da vida que continua a acontecer, mas de deixar a cidade falar por si só; de absorver passivamente; de degustar os movimentos, os cheiros, as cores e até as adversidades que a vida apresenta:

“[...] trata-se de ser suave, ser sem pressa. É uma forma de se conectar de um modo orgânico e natural com si mesmo e com a cidade no entorno. É o ato de desconstruir essa ideia do ciclista como um competidor, de parar: ‘perai, por que eu tô correndo agora? Por que o mundo está me exigindo isso? Vou parar aqui, vou fazer com calma’. Eu costumo dizer que a comida da vovó, ela não era melhor porque a vovó cozinhava melhor. Muito provavelmente ela era melhor porque a vovó fazia sem pressa”. (Chico).

As experiências de desaceleração dos entrevistados parecem ser construídas dia após dia, a partir da entrada em pequenos espaços de tempo entre as horas produtivas ou de trabalho, como elementos estruturais, e de descanso, como elementos antiestruturais. Dividindo as horas ou partes do seu dia, Fernanda parece separar momentos para alcançar a lentificação e momentos para estressar e “levar a vida”.

“Minha caminhada no parque é o meu momento de fazer pequenos ‘nadas’ diário, o que para os meus amigos não faz sentido, mas para mim é restaurador e necessário. Parece que você está indo no contrafluxo. Enquanto o mundo louco tá lá fora, você se volta pra dentro, dentro de você mesmo, pra voltar pro início.” (Fernanda)

Para ela, sua desaceleração emerge conforme se aproxima do extremo da antiestrutura e se afasta de elementos estruturais, como obrigações e afazeres profissionais, ainda que não os elimine completamente. A “volta para o início” é, para Fernanda, um retorno para si mesma, no sentido de restaurar-se e “fechar para balanço”. Deste modo, o ócio e o momento contemplativo, no qual não faz nada, são entendidos por ela como importantes e necessários elementos frenadores, contrários ao discurso do mercado.

Tal estratégia de **desaceleração mercadológica** por meio de uma separação simbólica entre os períodos de produção ou trabalho intelectual, de alimentação e de descanso aparece também na narrativa de Amanda e, igualmente, é percebida como uma responsável pela percepção de lentificação que experimenta:

“E quando decidi por desacelerar foi chocante, que passei a respeitar o descanso: hora de almoço é para almoçar, não se fala de trabalho, fim de semana também não se trabalha e férias é férias. [...] Antes não, antes eu gostava muito de trabalhar depois das 18h, eu ficava trabalhando até de madrugada. O meu companheiro falava: ‘não, eu trabalho de 8h às 18h, depois eu vou ficar em casa, fazer meus hobbies, ver TV’, e eu achava muito estranho isso. [...], mas hoje, por exemplo, dia de final de semana, eu tenho muita dificuldade de trabalhar porque já introjetei que é para descansar, fazer as coisas mais devagar. Tanto que quando trabalho fora destes horários é porque está me dando prazer, não é porque eu preciso e isso faz toda a diferença, faz todo sentido para mim. [...] E durante a semana também, o almoço é a hora de comer, a noite eu já não trabalho mais, eu vou ver TV, ou eu vou ver um livro. E isso é muito mais saudável, eu não fico exausta, eu me sinto com mais energia, apesar de estar bem mais velha do que eu era há um tempinho”. (Amanda)

Amanda comenta que ao distinguir sistematicamente tais períodos acabou por criar significados que marcam e, assim, diferenciam, os momentos de produção daqueles de lazer. Segundo ela, fim de semana, feriados e horários de almoço ou jantar estão fortemente associados a momentos felizes e prazerosos, de ócio e nos quais faz coisas que são importantes para si. Outros significados relacionados a estes momentos são descanso, lentidão, saúde e energia. Já os dias de semana estão relacionados a trabalho, exaustão, obrigações e necessidades e momentos que requerem alta produtividade.

Outra entrevistada, Lana, complementa que o único dia que se permite uma folga é aos domingos, dia da semana no qual não tem compromissos e que consegue descansar. Ela sugere que esta folga seja um momento no qual se suspende a necessidade de ser produtivo e ocupar ‘tempos vagos’, o que, automaticamente, permite experimentar a sensação de o tempo passar mais vagorosamente:

“Só fico com o domingo livre, para não fazer nada. No domingo, eu não faço nada, absolutamente nada. Uso o domingo para fazer vários nada. Então é o dia que eu descanso, desacelero. Nem vejo o tempo passar. Na verdade, o tempo passa bem mais lentamente aos domingos. Amo domingos, porque acaba sendo um dia mais leve, sem cobranças, sem esgotamento. Um dia que não exige de ninguém produtividade, que não precisa ter os tempos vagos ocupados”. (Lana)

É neste cenário que outros entrevistados reforçam a valorização de experiências simples e comuns como formas de alcançar a sensação de lentificação a partir, principalmente, do resgate do tempo de pensar, tido como um importante elemento antiestrutural, sufocado pela estrutura excessiva da sociedade acelerada:

“A gente tem o hábito de sair pra caminhar, né, e sair pra caminhar é aquela hora pra você conversar ‘abobrinha’, falar besteira, enquanto a gente caminha. É o momento de ver o mundo acelerado passando do seu lado e você ali, indiferente, no seu ritmo, sem se preocupar com nada”. (Elen)

Novamente, a seleção cuidadosa de elementos antiestruturais em meio a rotina tomada de elementos estruturais parece contribuir para o surgimento de experiências de lentificação dos entrevistados. Em seus relatos, Fábio e Letícia descrevem uma constelação cuidadosamente selecionada de elementos que compõem sua situação atual ou corriqueira (o tipo de vida agitada que levam, como se sentem diante disso) e a lacuna que espera que aquele consumo possa preencher (o que espera conseguir ter, fazer ou sentir após a experimentação do consumo lento). Assim, o consumo reúne um emaranhado de elementos corporais, estados emocionais e humores e entendimentos culturais em um desejado enquadramento temporal (WOERMANN e ROKKA, 2015), o que influencia na experiência de desaceleração que experimentam:

“A vida é acelerada demais, daí esse consumo me ajuda a pôr os pés no chão e respirar. Eu preciso de minutos de calma no meu dia. Esse consumo me faz sentir isso. Me sinto desconecta em um mundo acelerado. Tenho tempo para me alimentar e pensar na vida. Dá vontade de ficar mais tempo lá consumindo...” (Letícia)

Minha rotina é muito corrida, muitos problemas, uma sensação de que sempre tem alguma coisa faltando pra fazer. Então eu gosto porque traz uma calma, quebra minha rotina corrida, além de me dar mais sensação de prazer ao comer. Me faz escolhê-lo para descansar um pouco e curtir o momento sem pressa e com comidas gostosas. [...] Quando opto por ir, já sei que vou fazer coisas com calma e sem pressa. Isso me desacelera. [...] Pra mim, e acredito que para muita gente, são um ótimo refúgio para o dia a dia acelerado”. (Fábio)

Desse modo, é possível sugerir que as formas de consumo lento que experimentam funcionem como uma espécie de “oásis de desaceleração” (ROSA, 2019), um nicho territorial onde o tempo parece parar, ganhando valores de bem-estar e de qualidade de vida. Fazem parte deste oásis diferentes protocolos de ações, conjuntos de expectativas congruentes e elementos materiais e sensoriais, que permitem a esses informantes atingirem uma experiência de desaceleração. Esse fenômeno coincide com o conceito de desaceleração do consumidor, defendido por Husemann e Eckhardt (2019).

4.2.3. Excesso de elementos da antiestrutura

A antiestrutura existe na ausência do cotidiano ou da regularidade, se opondo a vida rotineira e transcendendo as estruturas sociais, o que, segundo a literatura de consumo experiencial, leva a experiências extraordinárias. Contudo, características antiestruturais correspondem não à desorganização ou desestruturação total da sociedade, mas a libertação total de papéis e regras sociais.

Nos relatos, a existência exaustiva ou o contato exacerbado com elementos antiestruturais denotam sensações utópicas e irreais, algo como uma falta de controle sob a experiência de consumo, o que pode acarretar danos diversos aos entrevistados. Na verdade, não há tentativa destes entrevistados de transcender as estruturas socioculturais, mas sim de experimentar com maior intensidade essas consequências e sensações (GOULDING *et al.* 2009), ainda que temporariamente:

“A gente sabe que não dá pra ir todo dia. É como, sabe quando você coloca o dedo no fogo só pra ver se queima mesmo? É porque a gente não sabe se dá tempo, se vai dar tempo de fazer tudo, se vai perder uma reunião, se vai atrasar num compromisso, se vai todo mundo te achar ‘fora da casinha’, mas é pela vontade de ver se encaixa, se dá para continuar nesse ritmo [lento].” (Fred).

O relato de Fred evidencia que as consequências de se manter em um ritmo mais lento por meio do consumo são inerentemente aleatórias, imprevisíveis e incontrolláveis. Talvez as consequências não sejam inerentemente negativas, mas, novamente, há uma probabilidade considerável de que as consequências sejam diferentes do esperado ou pretendido, ambíguas, inexplicáveis e não intencionais.

Como já apresentado no tópico 4.1.3, ao tomarem ciência das consequências da permanência por longos períodos nestes oásis de desaceleração, os entrevistados passam a priorizar momentos de desaceleração, escolhendo momento adequados ou apropriados para experimentá-los. E para isso, aproximam-se ou afastam-se de elementos estruturais e antiestruturais. Em uma espécie de mix, com dosagens certas destes elementos, os entrevistados constroem o sentido de desaceleração e lentificação em meio a suas agendas compromissadas.

Nestes pontos, é possível entender que essa aproximação de elementos antiestruturais aponta para uma posição alternativa e, até mesmo, crítica, em relação àquela defendida por Turner (1969). Para este autor, a esfera antiestrutura carrega consigo, predominantemente, uma visão mais comemorativa, romântica e comunitária das experiências extraordinárias. Aqui, nossos entrevistados estão

cientes de que o contato exacerbado com elementos antiestruturais acarreta consequências ambíguas, inexplicáveis e não intencionais, muitas vezes, carregadas de significados negativos.

De igual modo, não existe o compartilhamento de experiências, objetos e ações que permitam fortalecer aspectos comunais na participação nestas experiências extraordinárias (KOZINETZ, 2002; BELK e COSTA, 1998). Assim fosse, seriam dois sujeitos experimentando consequências ambíguas, inexplicáveis e não intencionais. Esta ideia de *communitas*, como uma característica antiestrutural que liberta os consumidores de seus papéis e status normais por meio de experiências compartilhadas e objetivos comuns (TURNER, 1969), existe em momentos especiais, criteriosamente selecionados pelos entrevistados para serem experimentados. Tanto que boa parte das justificativas apresentadas pelos entrevistados para não vivenciarem total e integralmente o polo antiestrutural se concentra em questões relacionadas a escassez de tempo, obrigatoriedade do trabalho ou alto dispêndio de dinheiro. Fica clara a separação entre tempo de trabalho (elemento estrutural) e tempo de não-trabalho (elemento antiestrutural); entre a escassez de tempo (elemento estrutural) e a desaceleração (elemento antiestrutural); entre o controle sob o gasto do dinheiro (elemento estrutural) e a despreocupação em pagar-se mais caro (elemento antiestrutural).

Os momentos livres e despreocupados, nos quais seria possível envolver-se em formas de consumo lento são tomados como improdutivos, logo, devem ser racionalizados. Em outras palavras, estes momentos dedicados ao consumo lento e ao desejo pela desaceleração, pelo fato de se aproximarem demasiadamente de características antiestruturais, trazem consequências igualmente antiestruturais, como improdutividade e perda de controle, que beiram a utopia e irreabilidade. Portanto, devem ter um toque a menos de antiestrutura e um toque a mais de estrutura, devendo ser racionalizados, priorizados e encaixados em agendas. E neste indo e vindo constante entres os tempos de suas vidas, por meio da alteração, adoção ou evitação de determinadas formas de consumo, os informantes experimentam momentos de desaceleração, tal como evidenciado no estudo de Husemann e Eckhardt (2019).

4.2.4. Busca pela ausência de elementos antiestruturais

Não raro existe a busca dos entrevistados por um reequilíbrio ou um ponto de ancoragem, por meio da diminuição da quantidade ou intensidade de experimentação de características antiestruturais. Nos relatos, os entrevistados descrevem a necessidade de uma cooptação com a lógica do mercado:

“E aí você não tem a banana na prateleira, aí você deixa de vender. Não tem outro jeito: ou você não vende a banana, deixa o cliente sem banana, ou você compra uma banana que foi cultivada talvez de modo artificial, talvez fora do ambiente que seria natural a ela, só para ter algo na prateleira, para vender, para atender a vontade do seu cliente. Porque é assim, é a lei do mercado”. (Fred)

“Se a gente precisa comprar móveis de madeira, eu conheço um lugar que são duas moças que trabalham com madeira de reuso. Então eu compro delas. Quando tem alguma coisa que não tem jeito, aí eu compro um móvel de uma grande rede. Se não tem o que fazer, não encontro, aí a gente compra o que tem mesmo”. (Amanda)

Cientes das consequências do excesso de elementos antiestruturais que beiram, muitas vezes, ao total descontrole, os entrevistados ensaiam o desejo de reaquecer o eu coletivo que outrora estava isolado e concentrado no eu exacerbadamente individualizado e, muitas vezes, dessincronizado e alheio aos compromissos e responsabilidades socioculturais e econômicos, como visto em 4.1.3. O relato de Alex evidencia impasses que seu método de produção artesanal, baseado na fermentação lenta, impõe ao seu negócio. De um lado, a necessidade de respeito o ritmo natural de fermentação entra em conflito com a lógica do mercado e a necessidade de vender para manter o negócio em funcionamento:

“Aí a pessoa vai pedir ‘eu preciso de 20 pães para amanhã’ e eu falo ‘não, não dá para amanhã’, ‘ah tá, então da próxima eu peço com mais antecedência’. Aí da próxima: ‘ah cara, eu preciso de 20 pães para hoje’. Nesse estilo de fermentação, a gente só consegue fazer e atender pedidos grandes com 2 dias de antecedência. Então assim, tem geralmente a galera que não ‘pesca’ isso, [...]. Aí você cai nesses impasses. Às vezes, a gente tem que tirar de um cliente, passar para o outro e depois repor os pães no dia seguinte e tal. Isso rola bastante. Tem que fazer, senão a gente quebra”. (Alex).

Assim, existe o desejo por referências que, em sua grande maioria, estão no mercado e em suas opções de consumo. A esperança é, com isso, evitar os diferentes riscos resultantes da alienação ou afastamento demorado ao mercado. Embora nunca se tenha afastado totalmente das amarras e lógicas do mercado, o quadro comercial e, portanto, estrutural, começa a se manifestar de forma mais clara nos relatos dos entrevistados.

“[...] Assim tem o produto industrializado, padronizado, para atender a sua necessidade, as necessidades dos negócios, do mercado, da produtividade, do valor e por aí vai. E aí tudo volta aos conformes, tudo fica controlado”. (Fred)

Além disso, os relatos se encontram na necessidade desse retorno ao mercado para a segurança social e econômica, uma vez que as obrigações e papéis sociais estão temporariamente esperando. Surge a necessidade de voltar a performar, utilizando, para isso, o apoio das narrativas ofertar pelo mercado e pela sociedade em torno dele construída.

Neste sentido, são apresentadas narrativas diversas para justificar essa posição, como se esta fosse uma posição ruim ou não desejada. Nota-se que boa parte destas justificativas se concentra em elementos relacionados a escassez de tempo ou obrigatoriedade do trabalho, características estruturais, que outrora estavam afastadas das narrativas.

Nos relatos dos entrevistados, os ideais românticos e comunitários, muitas vezes vistos como utópicos, predominantes nas descrições tradicionais de experiências extraordinárias (KOZINETTS, 2002; ARNOULD & PRICE, 1993), começam a dar espaço à vontade de retomar o contato com o mercado. Assim, os entrevistados voltam para um destinador máximo e, ao final, único local para onde obrigatoriamente deve-se retornar: a sociedade de consumo e suas tentações, sedutoras oportunidades de compras e “opções de praticidade” ofertadas pelo mercado, mesmo que às custas da particularidade e da história por trás dos objetos e bens ofertados.

5 Discussão dos dados

Nossos dados permitem concluir que o extraordinário nasce na aproximação ou na busca do sentido, além de uma combinação cuidadosa de elementos estruturais e antiestruturais e de estratégias ativas de desaceleração (5.1). Além disso, esse extraordinário possui a estesia como elemento central (5.2), sendo mais importante do que o contexto no qual o consumo se desenrola e abundante nos oásis de desaceleração em meio estrutural (5.3).

5.1. Sentidos e construção de experiências extraordinárias por meio do consumo *Slow*

Os entrevistados reconhecem que boa parte de suas vidas cotidianas é orquestrada no regime de Manipulação. A ordem temporal acelerada e o sentido de falta de tempo são constantes no dia a dia dos sujeitos, sendo cada vez mais elementos determinantes das ações do sujeitos. Estes indivíduos acabam por perder seu *saber fazer* com o tempo: em vez de estar a serviço do homem, o tempo coloca-o agora como produto ou serviço, que pode – ou deve – ser adquirido.

Nossos dados permitiram entender que o mercado ou a sociedade de consumo exerce o papel de enunciador-destinador, induzindo os entrevistados a tomarem uma ação ou adotarem uma posição. São narrativas de produtividade ou mercadológicas que representam formas de manipulação, ditando a estes sujeitos formas de ser, o que, como e quanto consumir, quais comportamentos ou ações devem ser tomados; que legitimam benefícios de se ocupar, de modo estratégico, tempos vazios.

Essa manipulação consensual do mercado acaba, com o tempo, tornando-se natural. Assim, como consequência da estabilidade e continuidade deste regime de Manipulação, os entrevistados concordam que alcançam, inconscientemente, um regime de automatismo, que descortina uma realidade acelerada e caótica, intermitente, a qual interfere em suas ações diárias, modos de ser e sentir.

Nesta posição de Programação, as inúmeras atividades rotineiras privilegiam a eficácia prática, em um *poder fazer, dever fazer* ou *fazer fazer*. Os relatos sugerem que os entrevistados vivenciam o excesso de elementos da estrutura, ilustrando situações habituais e recorrentes de suas vidas, correspondendo à organização e estrutura geral da sociedade, a papéis e status sociais.

Por meio do contato exacerbado com elementos estruturais, estes sujeitos descrevem sensações de aceleração e sentidos de rapidez e velocidade específicos. Ocorre, assim, uma aceleração íntima e sensorial para acompanhar tal *frenesi*. Com o tempo, os sujeitos tornam-se indiferente a cores, cheiros e outros aspectos sensoriais de tudo o que fazem, consomem, do meio à sua volta. Esquecem de enxergar o ambiente de modo desprezioso, desinteressado ou livre de qualificações e critérios de ordem instrumental. Não mais se preocupam em contemplá-lo. Cada vez mais, mergulhados no automatismo, o relacionamento com o ambiente tende a perder o sentido e estes sujeitos demonstram apatia diante da ausência parcial ou total do sentido sob o que fazem diariamente ou exaustão e estresse com a rotina.

De modo geral, os entrevistados parecem utilizar-se de um momento significativo para racionalizar e buscar o sentido perdido em suas práticas, ações e comportamentos diários ou, em uma esfera mais holística, em suas vidas. Este movimento de buscar ou de desejar o sentido por trás do que consomem pode ser entendido como uma subversão à ordem vigente – acelerada e ausente de sentido, sendo utilizado pelos entrevistados para posicionar a desaceleração como algo alternativo, capaz de fazer emergir o sentido e significado e a sensação extraordinária de lentificação. Assim, as formas de consumo lento são entendidas como provocadoras de uma condição de quebra da programação da sociedade ou a manipulação do mercado, sendo, por isso, descritas como acontecimentos, experiências ou momentos que suspendem temporária ou momentaneamente o curso de tempo.

Esta subversão sugere o desejo de sair do regime de Programação em direção ao Ajustamento, momento no qual a dimensão extraordinária do consumo lento começa a conversar e acontecer lado a lado com a rotina. Em um contexto em que a maioria das experiências de consumo está regulada por quadros sequenciais conhecidos (regime de programação) ou por alguma intenção mercadológica subjacente (regime de manipulação), esvaziadas de sentido, quaisquer experiências

de consumo livres de roteiros ou usualidades ou ajustadas a singularidades de quem consome podem gerar surpresas e novos sentidos.

Neste momento, sugere-se que nossos entrevistados empreendem uma “**Desaceleração Mercadológica**”, o que parece ser uma primeira estratégia para que experimentem o extraordinário. De modo geral, estes sujeitos parecem optar por silenciar a necessidade desenfreada por atualização em relação a transformações e exigências sociais, priorizando o consumo controlado, que faça sentido e seja relevante. Definimos “Desaceleração Mercadológica” como a diminuição do número de atividades e da experimentação de opções de consumo ofertados pelo mercado. Ou seja, para experimentarem a desaceleração, nossos entrevistados conscientemente focam em experimentar menos opções de formas de ser e de consumir, bem como em diminuir o número de contatos, pessoais ou virtuais, que estabelecem. Sugere-se que isso diminuía o leque de possibilidade de atividades, o que, por sua vez, demanda menos recursos temporais, o que, finalmente, maximiza o tempo entendido como livre.

Em um paralelo com Rosa (2019a), parece que tal “Desaceleração Mercadológica” finda em uma lentificação da aceleração do ritmo de vida e da aceleração tecnológica – esta última pelo fato de que, com a opção por menos formas de consumo, indiretamente, opta-se pela experimentação de menos formas de inovação e rapidez da vida, transformando-se a maneira como o movimento é experimentado.

Aqui, sugerimos que nossos entrevistados começam a entrar no oásis de desaceleração em meio ao ambiente rotineiro, do qual emerge o extraordinário (desaceleração). Contudo, a entrada plena neste terceiro espaço e, a consequente experimentação do extraordinário, requer uma segunda estratégia por parte dos entrevistados: uma “**Desaceleração Íntima e Sensorial**”. Definimos Desaceleração Íntima e Sensorial como o aumento da janela de atenção e da capacidade estética individual em uma atividade por unidade de tempo. Ou seja, para experimentarem a desaceleração, nossos entrevistados conscientemente focam em apenas uma atividade ao mesmo tempo, o que permite uma espécie de vivência plena e ancoramento no momento presente.

Esta “**Desaceleração Íntima e Sensorial**” parece funcionar como uma espécie de ancoramento dos entrevistados ao momento presente, uma estratégia que resulta na sensação de ajustar-se a si mesmo e, assim, ajustar-se ao mundo. Desse modo, existe o preenchimento e à amplificação da presença do e no agora, tornando esse presente mais intenso, prazeroso (e, por que não, mais ético e crítico?) e, em sua totalidade, vivido. Este ajustamento no aqui e agora permite distinguir com clareza os tempos de vida vividos (passado) e a serem vividos (futuro), trazendo uma maior estabilidade acerca de experiências e expectativas, e, com isso, um maior sentido em torno das ações e, de modo geral, em torno da vida. Não é preciso mais reescrever passado e futuro com rapidez e os tempos de vida (o que se viveu) e do mundo (o que se viverá) se tornam cada vez mais congruentes e cheios de sentido (ROSA, 2019a).

Isto funcionaria como uma espécie de remediação daquela que seria a principal consequência da aceleração das mudanças sociais, segundo Rosa (2019a): o fenômeno de contração do presente. Este foco no presente contribui tanto para um *fazer sentir-se* quanto para um *fazer sentido* por trás do que se consome. Ainda que a aceleração das mudanças sociais acarrete uma crescente instabilidade das condições contextuais, de ação e decisão, ao experimentarem uma Desaceleração Íntima e Sensorial, os entrevistados conseguem refletir e reinterpretar adequadamente suas experiências, revisar suas expectativas e reformular suas prioridades.

O aumento da janela de atenção ou o foco no que ocorre durante o processo de consumo traz para os entrevistados a percepção de que o tempo passa mais lentamente. Além de retirar o foco demasiado no atingimento ou não das expectativas ou acerca do resultado final, a janela de atenção no momento presente requer a execução de menos atividades simultaneamente. Este parece ser um movimento contrário a aceleração do ritmo de vida (ROSA, 2019a), originada da fragmentação de atividades em sequências cada vez menores, o que acarretam janelas de atenção decrescentes e o aumento do quantitativo de atividades. Ademais, aparentemente, esta desaceleração frearia, ainda que temporariamente, as curvas de crescimento exponencial (ROSA, 2019a), as quais exige que cada momento seja preenchido com uma quantidade crescente de atividades e ações.

Percebe-se que, neste regime de Ajustamento, os informantes buscam não a total ausência de elementos estruturais que, outrora, no Regime de Programação, era exaustiva, mas uma espécie moderação quanto ao uso destes elementos. Existe, portanto, a busca pela diminuição da experimentação de elementos estruturais, ainda que imersos em meio a eles. Paradoxalmente, existe também a busca pela manutenção da experimentação de elementos estruturais, caso contrário, a experiência extraordinária pode sucumbir ao desastre (ou Acidente).

Esse movimento permite criar um espaço entre dois extremos, onde, de um lado, está o espaço onde elementos estruturais se fazem abundantes e, de outro, onde abundam elementos antiestruturais. Este terceiro espaço, intermediário, sugerimos ser o oásis de desaceleração em meio ao ambiente rotineiro. Neste ponto, sugeríamos que, contrariamente ao que argumentam Tumbat e Belk (2011), nem sempre as experiências extraordinárias de consumo dentro da tradição do CCT podem ser enquadradas como uma oposição ou uma fuga da estrutura. Nossos entrevistados deixaram claro o desejo por menos elementos estruturais, mas não por sua total ausência.

Com tal dosagem de elementos, é possível experimentar uma forte interação ou engajamento com os elementos presentes no consumo. Estes processos de interação acontecem por meio da “realização mútua”, no qual há reciprocidade entre os agentes do consumo, à medida que são contaminados e transformados um pelo que o outro. Neste âmbito, o extraordinário pode representar o reencontro entre os sujeitos e o mundo, entre os sujeitos e eles próprios, entre os sujeitos e a mágica que ainda existe em suas rotinas.

Assim, o sentido de desaceleração deste oásis pode ser traduzido pela experiência vívida do sensível, a partir das competências estéticas despertadas durante o consumo. Tais competências estão fundamentadas no *fazer sentir um do outro* ou no *fazer sentir a si mesmo*, circunstâncias nas quais estes sujeitos são levados a sentir, com profundidade, aquilo que consomem e, mais ainda, a sentir a si mesmos, englobando, assim, o que se sente e o que faz sentido.

Em suma, no regime de Ajustamento, existe uma constelação de elementos e estratégias que permitem os sujeitos acessarem o que seria o oásis de desaceleração, do qual emerge o extraordinário do consumo sob o rótulo Slow, aquele que promete a desaceleração. Além de empreenderem movimentos de “**Desaceleração Mercadológica**” e de “**Desaceleração Íntima e Sensorial**”, existe a dosagem

correta de elementos estruturais e antiestruturais. De igual modo, as dinâmicas de entrada e saída deste oásis de desaceleração parecem contribuir para a consciência do caráter extraordinário e transformador deste consumo. Inclusive, este caráter transformador é reconhecido pelos entrevistados, tanto que estes planejam folgas e períodos em que se dedicarão a este tipo de consumo, em meio a suas agendas atribuladas.

Porém, manter-se no Regime de Ajustamento não se trata de um movimento único e estático. Constantemente, os sujeitos se veem obrigados a retornar para o regime de Manipulação, para manterem suas posições, responsabilidades e obrigações sociais. Este persistente movimento pendular Ajustamento-Manipulação revela, pois, os limites do oásis de desaceleração (regime de Ajustamento), em meio a rotina e o mercado (regime de Manipulação). Landowski diria que tal movimento acontece devido a necessidade de interações mais prudentes e sensatas. Não estaria em tudo equivocado. Acrescentamos que nos parece um movimento obrigatório, visto que aos sujeitos é difícil desprender-se e manter-se totalmente alheios as forças mercadológicas. Afinal, ou o processo de circulação ocorre em velocidades altas e crescentes, ou o sistema *cai* (ROSA, 2019a, grifos originais).

Após beber do mercado e prestar-lhes obrigações, o sujeito pode optar por aproximar-se do sentido, desacelerar e centrar-se no ajustamento consigo mesmo, dosando elementos estruturais em sua rotina. Fato importante é que, após cederem as forças manipulatórias do mercado, cumpre aos sujeitos não empreenderem a Aceleração Íntima e Sensorial, aquela que sublima seus sentidos, tornando-os autômatos e arremessando-os na Programação, na vida caótica e acelerada que lhe ausenta de sentido. Aqui, temos, portanto, a primeira zona de evitação.

A segunda zona de evitação seria a zona situada sob o regime do Acidente, na qual nenhum dos entrevistados declarou viver ou desejar viver integralmente. Ao contrário, as experiências que estes sujeitos narram estão relacionadas a uma ação pontual de busca temporária do alívio de regras socioculturais ou da destruição de alguma forma de estabilidade, sendo seu principal apelo ou endosso a retórica de lentificação por trás do consumo Slow. Cientes das consequências da permanência demorada neste regime, os entrevistados optam por tangenciá-lo ou, eventualmente, deslocando-se de modo extremamente controlado e cuidadosamente planejado nesta zona acidental.

Neste regime de Acidente sugere-se que elementos antiestruturais se tornam mais predominantes do que aqueles estruturais, ocasionando sensações utópicas e irreais, algo como uma falta de controle sob a experiência de consumo, o que pode acarretar danos diversos aos entrevistados. Esse excesso de antiestrutura representa a ausência do cotidiano ou da regularidade, se opondo a vida rotineira e transcendendo as estruturas sociais, o que, segundo a literatura de consumo experiencial, leva a experiências extraordinárias. Contudo, nosso estudo demonstra que esse excesso de características antiestruturais corresponde não à desorganização ou desestruturação total da sociedade, mas a libertação total de papéis e regras sociais, o que equivaleria ao acaso total.

Nota-se que, no Regime de Acidente, os significados e sentidos assumidos para a lentificação se aproximam daqueles de desequilíbrio, regressão e inércia. Assim, a lentificação ganha traços negativos e não mais romantizados tal como defende Vostal (2017, p. 4) ao argumentar que o discurso cultural contemporâneo vende a lentidão “como um antípoda desejável e necessário para o mundo rápido ‘mal’ [...] sustentada por conotações positivas e emancipatórias”. Todavia, o comportamento de nossos entrevistados em evitar a permanência no Regime de Acidente permite concordarmos com este mesmo autor quanto defende que a lentidão “não leva em conta solução viável para as patologias da aceleração social nem dá conta de um instrumento que contorna a atual constelação capitalista.” (VOSTAL, 2017, p. 4).

Para viver este regime em sua totalidade, sugere-se serem necessárias condições de total separação ou descolamento da vida cotidiana em sua totalidade, incluindo obrigações e papéis sociais, obediência a regras e padrões socioculturais. Assim, tal sujeito hipotético não apenas empreenderia a Desaceleração Mercadológica e a Desaceleração Íntima e Sensorial, mas a “**Paralização Absoluta**”, estagnando-se totalmente, com o objetivo de minar ou subverter a própria natureza estrutural de sociedade. Equivaleria a posição de simples inconsciência ou a inércia do sono. Isento da responsabilidade de estabelecer relações estáveis, conscientes e ordenadas, o sujeito hipotético seria capaz de transformar-se em alguém a-histórico, aproximando-se da figura de um ermitão, vazio de qualquer senso de significado e identidade.

Com o tempo, sua tentação de ser integral e totalmente lento cede espaço à necessidade de se manter em contato com seu entorno social, ainda que isso não signifique manter-se em consonância temporal com este. Existe, aqui, a necessidade de buscar um reequilíbrio, que acontece não por meio da busca de elementos estruturais, mas por meio da busca de menos elementos antiestruturais.

Além disso, os sujeitos empreendem movimentos de “**Aceleração Mercadológica**”, como formas de encaixar-se e aproveitar o que o mercado lhe oferece. Caem, portanto, novamente, no Regime de Manipulação. Contudo, estes sujeitos apenas se enquadrarão no Regime de Programação caso empreendem, também, movimentos de “**Aceleração Íntima**”, o que significa o ajustamento a aceleração característica da sociedade.

A Figura 6 descreve o esquema sugerido por esta tese.

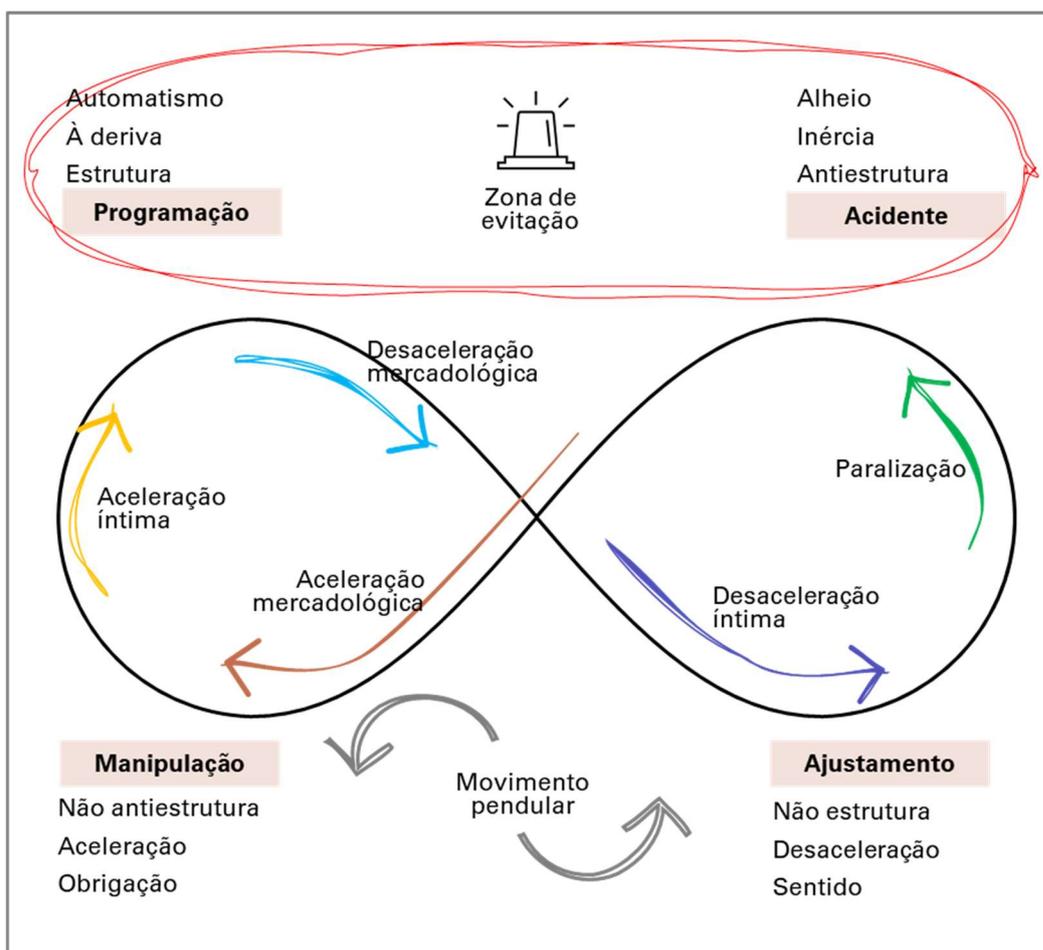


Figura 6: Esquema geral
Fonte: Elaborada pela autora

5.2.

Estesia e Oásis de Desaceleração: um terceiro lugar?

Oásis de desaceleração provocado ou estimulado pelo consumo *Slow* situa-se, majoritariamente, no regime do Ajustamento, abundante de sentido e significado, onde encontram-se uma mescla harmoniosa entre características estruturais e antiestruturais. Este espaço representa a experimentação de uma menor intensidade e constância por unidade de tempo das forças mercadológicas, além de requerer uma desaceleração sensorial e íntima, o desejo pessoal pela experimentação da lentificação.

Neste ponto, é possível concluir que esses oásis de desaceleração funcionam como escusas estruturais de abrangência coletiva, nos quais os sujeitos podem abdicar do uso exaustivo de ofertas mercadológicas e, intencionalmente, estabelecer uma relação com o mundo e com si mesmo, empreendendo processos de auto ajustamento, em uma espécie de ancoramento no presente.

Aqui, é possível estabelecer um paralelo com as relações de ressonância, essencialmente aquelas do tipo materiais ou diagonais, defendidas por Rosa (2018; 2019a): aquelas cuja capacidade de ação e responsividade é ampliada dos atores humanos para objetos e artefatos. Ressonância é um acontecimento processual, sempre dinâmico e bilateral, no qual o sujeito e mundo se colocam em uma relação responsiva, que se desdobra em efeitos recíprocos e transformadores para ambos os lados (ROSA, 2018; 2019a). Além disso, o autor aponta que experiências de ressonância são facilitadas em terrenos sociais livres de concorrência, da disposição única à eficiência e otimização, da pressão temporal, do medo e do estresse, os quais seriam algozes da ressonância.

Assim, argumentamos que tais experiências de ressonância se façam abundantes nos oásis de desaceleração, ambiente onde emerge o extraordinário da desaceleração. Como mostram nossos entrevistados, esse extraordinário se faz a partir do momento em que se ajustam a si mesmos e ao que estão consumindo, deixando-se, necessariamente, à disposição daquela relação. A estesia, como elemento central desta experiência extraordinária, subentende que as partes envolvidas naquela experiência se encontrem dispostas a se deixar envolver, a escutar o outro e por esse deixar-se transformar, fazendo-se, inclusive, suscetível aos riscos e benefícios da relação, uma vez que não pode prever seus resultados transformacionais. Típico de uma relação de ajustamento, não existe controle sobre

o resultado final, mas, em contrapartida, existe um alto teor de sensibilidade e de possibilidade de transformação mútua. Talvez por isso a escolha dos entrevistados por consumir o que faz sentido.

Como um espaço que extravasa sensibilidade, a existência de oásis de desaceleração parece nos sugerir a carência de qualidade ressonantes da e na sociedade moderna. Mais ainda, questiona-se se os sujeitos contemporâneos estariam, em sua maioria, incapazes de estimular ou enxergar a estesia em suas relações. Como em relações programadas, a sociedade moderna aparece mergulhada em uma espécie de fechamento sensorial, no qual o cenário, a textura e o som se fazem os mesmos sempre e, de tão familiares, tornam-se invisíveis no dia a dia. Tal como em “uma superfície saturada de elementos, ou de um volume denso” (LANDOWSKI, 2015, p. 19), os detalhes escapam, o ambiente se torna apático e a experiência muda, a qual não consegue ‘fazer significar’.

Assim, esta sociedade moderna alimenta uma relação de contrariedade com os oásis de desaceleração, uma vez que seus ritmos acelerados de interação não contribuem para o fácil e rápido acesso a este. Este oásis representa, pois, a não-continuidade daquela sociedade automatizada, se fazendo como “um micro espaço mais notável que o ambiente que lhe serve de fundo – uma ilha de sentido autônomo ou [...] uma ‘ordem extraordinária’” (LANDOWSKI, 2015, p. 21).

Tomado em sua semântica, oásis pode ser entendido como:

1 Terreno fértil suprido com água subterrânea e coberto de vegetação, no meio de um deserto.

2 FIG Lugar, situação ou coisa agradável e prazerosa em um meio hostil e negativo.” substantivo masculino. (OASÍS, 2020a)

Região que, por conter água, é fértil e está localizada em pleno deserto (ou locais áridos).

[Figurado] Lugar e/ou circunstância que, embora estejam certados por momentos ou coisas desagradáveis, ocasionam prazer; tudo o que pode parecer calmo. (OASÍS, 2020b)

Argumenta-se, pois, que um oásis de desaceleração moderno é capaz de quebrar a monotonia de algo homogêneo e sempre igual, equivalendo-se a um terreno fértil em meio ao deserto, “uma zona crítica carregada de um excedente de valor” (LANDOWSKI, 2015, p. 21). Passar da sociedade moderna acelerada para o oásis de desaceleração é deixar de lado, ainda que temporariamente, a rotina com fins unicamente funcionais e operacionais e empreender um ajustamento a si

mesmo ou àquilo que se consome, fazendo uso, principalmente, de suas capacidades estéticas.

Este encontro mediante o sentir, o encontro estético em sua melhor definição, parece cessar a desatenção cotidiana por meio de um elevado senso de percepção. Nas palavras de Landowski (2005, p. 94), este encontro pode ser capaz de remediar o “desencantamento da separação”. Assim, argumenta-se que, ao se envolverem com o consumo sob o rótulo Slow, nossos entrevistados encontram um momento no qual o sentido surge em meio ao caos da Programação e da Manipulação insensíveis.

Importante ressaltar que oásis de desaceleração não são um antídoto para a aceleração, mas sim uma pausa temporária a ela. A qualquer instante, a aceleração pode invadir estes oásis, requerendo estratégias para gerenciar essa invasão. Neste sentido, o oásis de desaceleração representa um ir e vir, necessário, entre um mundo autômato, mudo, sem textura ou cor e um mundo altamente estético.

Ademais, oásis de desaceleração apenas podem existir e serem acessado por meio do mercado, primeiramente pelo fato de ser “um quase oposto” a este e, segundo, por requerer a dosagem de forças aceleratórias (mercadológica e íntima e sensorial) e elementos (estruturais e antiestruturais) originados por este. Isto parece responder ao questionamento de Husemann e Eckhardt (2019, p. 1161) sobre se os oásis de desaceleração podem ser acessados apenas pelo mercado.

Tanto a literatura seminal de Turner (1969), quanto a maioria dos estudos anteriores de experiências extraordinárias são claros em defender que o extraordinário surge a partir da retirada do consumo do contexto estrutural e rotineiro, seja quando em uma escalada do Monte Everest (TUMBAT e BELK, 2011), em uma experiência de surf (CANNIFORD e SHANKAR, 2013), ou em uma peregrinação em Santiago de Compostela (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019). Em contraste, nossos achados sugerem que, em um *continuum* estrutura/antiestrutura, o contexto no qual acontecem as experiências extraordinários está repleto que elementos e características estruturais, visto que está imerso no cotidiano moderno.

Além disso, a extensão de estudos tradicionais sobre experiência extraordinária (CANNIFORD e SHANKAR, 2013; TUMBAT e BELK, 2011; HUSEMANN *et al.*, 2016) aponta que o alcance do extraordinário está associado ao enfrentamento de uma série de tensões entre elementos estruturais e antiestruturais (tensões que estes autores nomeiam como tensões de mercado) que acontecem durante a experiência, na ânsia de fazer com que preponderem aqueles antiestruturais. Em específico, Husemann *et al.* (2016) apontam que as esferas estruturais e antiestrutural devem estar em harmonia para que a experiência extraordinária aconteça; quaisquer desequilíbrios entre elas são capazes de arruinar o alcance do extraordinário. Os achados permitem concluir que o sucesso da experiência de lentificação está na dosagem correta, ainda que não equilibrada entre si, de elementos estruturais e antiestruturais envolvidos no consumo.

Já, o estudo de Skandalis *et al* (2019) – que sugere uma renovação da literatura sobre experiências extraordinárias – aponta que o alcance do extraordinário aconteça quando os sujeitos abraçam estas tensões, mantendo-se, aparentemente, indiferentes à predominância de elementos estruturais ou antiestruturais no decorrer da experiência. Nossos achados contrapõem a literatura anterior ao sugerir que os entrevistados vivenciam o extraordinário a partir da seleção cuidadosa de elementos estruturais e antiestruturais que podem facilitar ou não a entrada no oásis de desaceleração.

Diferentemente dos achados da literatura sobre experiência extraordinária (ARNOULD e PRICE, 1993; TUMBAT e BELK, 2011; HUSEMANN *et al.*, 2016; SKANDALIS *et al.*, 2019; HUSEMANN e ECKHARDT, 2019; SCUSSEL, 2020), a experimentação da desaceleração raramente depende da interação entre o consumidor e o provedor de serviço no local onde ocorre. Assim, a construção estrutural do ambiente extraordinário, reconhecida por estes estudos como fio condutor da experiência extraordinária e defendida, principalmente, por Tumbat e Belk (2011), não existe aqui.

Do mesmo jeito, a literatura aponta que experiências extraordinárias acontecem em situações únicas, localizadas no espaço não rotineiro (ARNOULD e PRICE, 1993; KOZINETS, 2002; TUMBAT e BELK, 2011; HUSEMANN *et al.*, 2016; HUSEMANN e ECKHARDT, 2019). Os achados permitem sugerir que as experiências de desaceleração acontecem independentemente do contexto temporal ou espacial do consumo. Ainda que os entrevistados reconheçam que não podem se

afastar demasiadamente do mercado, mantendo, portanto, uma dose de elementos estruturais em seus consumos, isso se dá somente para fins de ancoragem, muitas vezes, temporária, e, raramente contribui significativa para a experimentação do extraordinário (desaceleração). Os entrevistados não dependem em demasiado das ofertas comerciais em torno da experiência extraordinária para que esta aconteça. Muitas vezes, a experimentação da desaceleração ocorre com o sujeito sozinho ou em pequenos grupos, fora de ambientes comerciais ou do mercado, em sua conotação estrutural.

Em geral, a literatura tradicional aponta experiências extraordinárias como posicionadas fora das estruturas da vida cotidiana e atreladas a vagas expectativas por parte dos consumidores, uma vez que estes não têm uma compreensão clara sobre o desdobrar da própria experiência de consumo (ARNOULD e PRICE, 1993; CELSI *et al.*, 1993; KOZINETS, 2002). Nesta tese, as experiências de desaceleração estão posicionadas no cotidiano, em meio ao quadro estrutural de nossos entrevistados, que possuem expectativas claras sobre a desaceleração que buscam por meio do consumo Slow. Mais ainda, o sucesso ou não de experiências de desaceleração anteriores não parecem ter impacto na decisão por experimentá-las novamente, assim como no fortalecimento ou criação de novas expectativas, tal qual os sujeitos de Arnould e Price (1993).

Estudos anteriores sugerem que experiências extraordinárias dependem fortemente do contexto em que acontecem (ARNOULD e PRICE, 1993; TUMBAT e BELK, 2011; HUSEMANN e ECKHARDT, 2019). Nossos achados permitem entender que os entrevistados não dependem em demasiado das ofertas comerciais em torno da experiência extraordinária para que esta aconteça. Muitas vezes, a experimentação da desaceleração ocorre com o sujeito sozinho ou em pequenos grupos, fora de ambientes comerciais ou do mercado, em sua conotação estrutural. Inclusive, como evidenciado, a desaceleração mercadológica e a dosagem de elementos estruturais representam importantes estratégias para o alcance e/ou permanência no espaço extraordinário.

No que tange a literatura de desaceleração, o principal afastamento que nossos achados sugerem é sobre o contexto em si onde ocorre as experiências extraordinárias de desaceleração: totalmente imerso no cotidiano moderno e repleto de elementos e características estruturais. Mais ainda, o extraordinário emerge independentemente do contexto temporal ou espacial do consumo, conforme já abordado.

Alguns relatos permitem sugerir que a constância do consumo lento leva a uma solidez da experiência de desaceleração, fazendo com que a sensação de lentificação seja mais intensa ou perdure por mais tempo. Assim, o extraordinário acaba extrapolando o contexto, local e tempo no qual se deu o consumo, perdurando ao longo da rotina destes entrevistados. Este ponto parece atender a lacuna apontada por Husemann e Eckhardt (2019) quando questionam se os peregrinos se beneficiam a longo prazo de ter percorrido o Caminho ou se sofrem pelo fato de terem experimentado os benefícios da desaceleração, mas não conseguirem fazê-lo em suas vidas diárias.

As Tabelas 03 e 04 sumarizam, respectivamente, os principais pontos de diferenciação entre nossos achados e as teorizações anteriores de experiências extraordinárias e os de Husemann e Eckhardt (2019) sobre Desaceleração do Consumidor.

Experiências Extraordinárias				
	Literatura Tradicional	Literatura Estendida	Literatura renovada	Presente estudo
Principais Autores	Arnould & Price (1993); Celsi <i>et al.</i> (1993)	Tumbat & Belk (2011); Husemann <i>et al.</i> (2016)	Skandalis <i>et al.</i> (2019)	
Contexto do extraordinário	Ambiente não rotineiro / Antiestructural	Ambiente não rotineiro / Antiestructural	Ambiente rotineiro / Estructural	Ambiente rotineiro / Estructural
Importância do contexto para o extraordinário	Alta	Alta	Alta	Baixa
Interferência do mercado	Controlada	Controlada	Não controlada	Não controlada

Sucesso da experiência extraordinária	Negar elementos estruturais	Gerenciar e afastar elementos estruturais	Abraçar tensões entre elementos estruturais e antiestruturais	Equilibrar elementos estruturais e antiestruturais
Expectativas sobre o extraordinário	Vagas e fortalecidas com a experimentação o recorrente	Vagas	Claras e capazes de invalidarem expectativas anteriores	Claras e indiferentes a experimentações anteriores
Extraordinário é	Contextual	Contextual	Contextual	Estésico

Tabela 3: Comparação entre os achados de Experiências Extraordinárias de literaturas anteriores e os deste estudo
Fonte: Elaboração própria

	Estudo sobre Desaceleração do Consumidor Husemann e Eckhardt (2019)	Presente estudo
Contexto do extraordinário	Ambiente não rotineiro / Antiestructural	Ambiente rotineiro / Estrutural
Importância do contexto para o extraordinário	Alta	Baixa
Estratégias de desaceleração	Desaceleração corpórea; Desaceleração tecnológica; Desaceleração episódica.	Desaceleração mercadológica; Desaceleração íntima e sensorial
Interferência do mercado	Controlada	Não controlada
Sucesso da experiência extraordinária	Negar características estruturais	Equilibrar características estruturais e antiestruturais
Extraordinário é	Contextual e Antiestructural	Estésico e Estrutural

Tabela 4: Comparação entre os achados de Desaceleração do Consumidor de literaturas anteriores e os deste estudo
Fonte: Elaboração própria

6 Considerações finais

Este capítulo traz as considerações finais deste estudo, suas contribuições teóricas e implicações gerenciais e sociais, além de suas limitações. Finalmente, é proposta uma via de estudos futuros para avanço no conhecimento sobre o tema.

A partir da descrição do caminho que nossos entrevistados percorrem para alcançar e dar sentido ao extraordinário chegou-se a algumas conclusões. Evidenciamos como este extraordinário ganha seu significado de desaceleração, ainda que imerso no cotidiano acelerado da sociedade moderna, e se faz mutável, permitindo, assim, ser sustentado ao longo da rotina. Além disso, exploramos como o extraordinário da desaceleração, embora localizado no cotidiano (meio estrutural), surge a partir de uma mescla harmoniosa entre características estruturais e antiestruturais. E, finalmente, identificamos as forças de desaceleração empreendidas pelos entrevistados que contribuem para a manutenção do extraordinário.

O consumo sob o rótulo Slow pode ser visto como uma resposta ao desejo dos sujeitos, não por tempo livre, mas por tempo para coisas significativas, com sentido. Mais do que apenas uma redistribuição de tempo, aponta para uma compreensão alternativa acerca do próprio tempo, ao afastar, em particular, sua qualidade exclusiva de medida quantitativa e aproximar e destacar aquela qualitativa. Assim, observa-se um movimento de desalienação e melhor emprego dos tempos múltiplos da vida ordinária.

Estar no ambiente rotineiro subjaz olhares e agências sob uma perspectiva funcional, o que conduz a estes sujeitos a objetivação do mundo, com olhares indiferentes sob a própria rotina. A experimentação do extraordinário por meio do consumo Slow parece tornar os sujeitos plenamente presentes e ancorados ao mundo, fazendo com que este se torne imediatamente significativo. Este poder do extraordinário de fazer tudo ganhar cor e sentido parece efêmero e passageiro, mas sugerimos que seja construído pouco a pouco e fortalecido mediante a entrada e saída deste oásis.

Importante ressaltar que, no que tange a qualidade do extraordinário, o que, de fato, importa para os entrevistados não é o tempo que estas experiências duram. Uma experiência de desaceleração pode ser extraordinária até mesmo em cinco minutos. O que importa real e primeiramente é a qualidade estética experimentada.

Ainda que sejam altamente temporárias e paliativas, os oásis de desaceleração que nossos informantes experimentam por meio do consumo sob o rótulo Slow, imbricado em meio estrutural funcionam como válvulas de escape ou soluções (imediatistas, talvez) para seu bem-estar e relaxamento. O consumo Slow desperta, pois, estados reflexivos e a sensibilidade dos entrevistados, fortalecendo-os em meio ao cotidiano exaustivo e acelerado. Ao promover um encontro com si mesmos, em uma espécie de ajustamento, este tipo de consumo pode significar uma importante estratégia para melhor aproveitar a vida ordinária. Seria o equivalente a um ‘novo tempo temporário’ para avaliar e repensar as práticas temporais da vida cotidiana.

Ainda que exista um enquadramento discursivo particular que vende a aceleração da sociedade moderna como perigosa (VOSTAL, 2017), os relatos de nossos entrevistados ilustram a experimentação dos diversos efeitos adversos da aceleração, fato de torna-os conscientes da necessidade de buscar a desaceleração. Assim, o consumo sob o rótulo Slow parece, em um primeiro instante, conectar-se fortemente a movimentos ou subculturas definidos por práticas, discursos e auto narrativas que reagem contra as altas velocidade da sociedade.

No entanto, é importante ressaltar que a desaceleração experimentada pelos entrevistados emerge justamente da e a partir da aceleração abundante. Um não possui significado, tampouco existe, sem o outro. Logo, desaceleração e aceleração, especificamente em um meio estrutural, não podem ser tomadas como esferas em oposição, mas sim como coexistentes. Ainda que o desejo e a narrativa dos sujeitos falem sobre lentidão, o contexto em que acontece o consumo é altamente acelerado e é, justamente, nesta coexistência que as experiências extraordinárias de desaceleração ganham sentido e significação.

Mais ainda, esta negociação intermitente revela a complexidade e as disparidades entre as temporalidades da sociedade contemporânea. Como está imerso em um ambiente estrutural, o consumo sob o rótulo Slow, que leva ao extraordinário da desaceleração, estabelece relações entre o individual e o social e entre o privado e o público que merecem ser consideradas. Por exemplo, o ato de

escolher a desaceleração em um meio altamente acelerado está ligado a escolha por um ‘tempo de descanso’ as custas de um ‘tempo de trabalho’; está relacionado a condução da rotina em consonância ao tempo social acelerado versus seu cessar temporário, em um lapso de tempo individual. Assim, parece que o consumo sob o rótulo Slow implica uma multiplicidade e alternância constante de tempos diversos, e não apenas a desaceleração.

Portanto, o Movimento Slow não se trata de uma versão da vida moderna em câmera lenta, tampouco oferece uma temporalidade paralela para que sujeitos lentos habitem de modo isolado do resto do mundo. Embora fale sobre mudanças de ritmos e velocidades, a desaceleração por meio do consumo sob o rótulo Slow não pode ser confundida com tédio, falta do que fazer ou inércia. Se assim fosse, cairiam no regime de Acidente, o qual é visto como zona de evitação por nossos entrevistados. Em vez disso, a desaceleração requer que estes sujeitos se envolvam, física e mentalmente, e se alinhem a uma lógica temporal que lhes permita perceber o tempo como lento.

Ressalta-se que nossos sujeitos não tentam desacelerar a modernidade, tampouco o ritmo dinâmico dos processos e experiências sociais. Eles desejam consumir com sentido, o que passa por experiências temporárias de lentificação, visto que estão cientes da necessidade de constantemente beberem das forças mercadológicas da Manipulação – visto que o capitalismo se desenvolve na velocidade (KOEPNICK, 2015). Ao invés de passar ou matar o tempo em atividades automáticas, muitas vezes irracionais e inconscientes – tais quais aquelas do regime de Programação – nossos sujeitos preferem investir significados em seus ‘tempos’, seja por meio o aguçamento de suas capacidades estéticas, seja por meio estratégias de desaceleração íntima; seja por meio do engajamento e total atenção ao consumo; seja pela escolha pelo consumo de bens com sentido para si.

Portanto, o processo de desaceleração que o consumidor experimenta em meio estrutural significa, portanto, o ato de engajar-se em práticas conscientes e altamente sensoriais, aguçando suas competências estéticas e trazendo sentido para as práticas de consumo. Ainda, requer o equilíbrio de elementos estruturais e antiestruturais e práticas de desaceleração íntima e sensorial, bem como de forças mercadológica.

Todavia, ainda que exista uma tentativa de dosar as forças mercadológicas, nada ocorre de modo alheio e independente ao mercado. O que nossos dados parecem sugerir é que o mercado entendeu a necessidade dos consumidores de experimentarem novos sentidos e significados por meio daquilo que consomem e criou um novo rótulo ou uma nova forma de consumo. Assim, sugere-se que própria vontade de desacelerar e buscar por formas lentas de consumo representam, em si, uma manipulação do mercado por meio de narrativa midiática que enreda e vende um formato de consumo “livre e independente” ao mercado.

Por ser algo sensível e mais próximo ao fenomenológico, o consumo Slow agrega uma nova camada de sentidos e significados ao consumo cotidiano, ao qual podemos nos referir como sendo um nível fenomenológico. Neste nível, o consumo ajuda os indivíduos a encontrar sentido, a *sentir sentido* e a esbarrar na esfera sensível da rotina. A partir do ajustamento consigo mesmo e com o mundo ao redor, este sensível emerge, parecendo, em um primeiro momento, ser uma contracultura ou um contrafluxo ao mercado.

Contudo, esse sensível sempre esteve ali, em meio ao mercado e a nossa rotina, mas, talvez agora emerja com mais força devido as narrativas midiáticas sobre o Slow, talvez pela maior reflexão dos indivíduos sobre o real sentido e a necessidade da manutenção da aceleração a todo tempo. Sua motivação é legítima e sua contribuição está justamente em buscar uma nova percepção temporal e um maior bem-estar.

Assim, se talvez exista uma conclusão fechada e final desta tese, esta pode ser de que nem a total aceleração, nem a completa desaceleração podem ser preferidos como soluções únicas e fechadas em si. Existirão momentos em que se faz necessária (e até obrigatória) a rapidez, assim como momentos em que a lentidão é mais justificada e sensata. Um fato é certo: a aceleração vendida pelo mercado, que manipula e programa os indivíduos, sempre existirá, antes ou após a experimentação da desaceleração por meio do consumo Slow. Ou seja, para entrar ou sair do oásis de desaceleração, obrigatoriamente temos que atravessar a Avenida Paulista.

6.1. Contribuições teóricas

Quanto às contribuições teóricas, nossos achados evidenciaram a eficácia do uso da gramática do sensível, complementar à Semiótica narrativa canônica, para a compreensão de experiências extraordinárias e significados e demais aspectos de consumo. Assim, argumentamos que a Sociossemiótica é um relevante ferramental para modulação teórico-metodológica acerca de aspectos sensoriais em consumo, contribuindo, assim, para estudos no âmbito da Administração e Marketing. Do mesmo modo, ilustramos como a aparelhagem da Sociossemiótica mostra-se totalmente adequada para o aprofundamento de achados em estudos de Marketing Sensorial, funcionando como importante complemento teórico-metodológico.

Finalmente, ao nos permitir entender sentidos e significações acerca de experiências de consumo lento, a Sociossemiótica reforça-se como importante aparato metodológico a ser utilizado em estudos sob a perspectiva teórica do Consumer Culture Theory (CCT) (ARNOULD & THOMPSON, 2003; 2005). Assim, mostra-se apta a compreensão do contexto cultural e dos significados culturais, simbólicos e, especialmente, estésicos ou fenomenológicos que os consumidores atribuem às diversas formas de consumo.

Evidenciamos parte dos efeitos práticos do envolvimento de nossos entrevistados com formas de consumo sob o rótulo Slow, afastando-se, assim, da assumpção unicamente retórica deste movimento. Se não estava claro como o envolvimento atividades ou práticas de consumo associadas ao Movimento Slow resulta em experiências exitosas de desaceleração para seus consumidores, acreditamos ter dado alguma contribuição para esta literatura e para o Movimento em si. Todavia, mais estudos se fazem certamente necessários para o aprofundamento deste conhecimento.

Em relação a pesquisas sobre temporalidade na pesquisa do consumidor, evidenciamos que consumidores podem se adaptar e ressincronizar a uma nova lógica temporal, por meio da entrada e saída de oásis de desaceleração. No que tange aos estudos sobre experiências extraordinárias, nossas descobertas apresentam importantes contrastes em relação a literatura tradicional do assunto. Assim, acreditamos ter contribuído para o arcabouço teórico sobre experiência de consumo extraordinária (ARNOULD & PRICE, 1993), mais especificamente, daquela que se desdobra em meio estrutural, ao entender como os consumidores

experimentam a sensação de desaceleração em meio a contextos triviais, ordinários ou rotineiros de consumo.

Nesta tese, usamos os conceitos de desaceleração do consumidor moderno para destacar implicações às estratégias e pesquisas de marketing, delineando a sistemática por meio da qual esse consumidor o faz, a partir de seu consumo cotidiano. Essa compreensão sobre a adaptação e/ou transformação da lógica temporal contribui para o desenvolvimento de novos insights sobre o consumo, principalmente, sobre o consumo lento, que se faz altamente sensorial e não contextual. Aponta-se, portanto, nossa contribuição teórica para o aprofundamento do conceito de desaceleração do consumidor (HUSEMANN e ECKHARDT, 2019), a partir da inclusão daquele consumidor em meio estrutural.

Nossos achados apresentam importantes aproximações à Teoria da Aceleração Social, os quais ajudaram a ilustrar a relevância desta frente aos estudos de consumo e marketing. Não pretendemos esgotar a discussão de questões teóricas a respeito desta Teoria, tampouco das vertentes estudadas do Movimento Slow. O ponto forte é o uso de uma teoria vinda a Sociologia para ajudar a entender uma experiência de consumo, ajudar a solidificar a convergência de duas disciplinas (Sociologia e Marketing) que, unidas, possuem já constatada sinergia e incentivar possíveis novas teorizações sobre consumo, aceleração e desaceleração.

6.2. Implicações gerenciais

Em termos de implicações gerenciais, nossas descobertas ilustram algumas contribuições gerenciais, no sentido de criar espaços ou nichos de consumo para potencializar experiências de desaceleração. Profissionais de marketing podem utilizar tais achados como orientação para ideação de experiências extraordinárias de consumo (ARNOULD e PRICE, 1993), especificamente aquelas relacionadas a significados de desaceleração, ainda que em meio à vida cotidiana e acelerada.

Demonstramos que os vários significados que estes consumidores atribuem a desaceleração se encontram na busca por sentido, seja este em suas práticas de consumo rotineiras, seja em sua vida de modo geral. Isso ilustra a importância das empresas e profissionais envolvidos com marketing entenderem as expectativas destes consumidores para, assim, contribuir para o sucesso do alcance do extraordinário de desaceleração. Mais ainda, é possível que estes profissionais se

questionem como trazer sentido e próprio para práticas de consumo muitas vezes vistas como superficiais.

Frente os dados sobre parte dos efeitos práticos do envolvimento de nossos entrevistados com formas de consumo sob o rótulo Slow, é possível que profissionais do mercado se empenhem na construção de peças de comunicação adequadas e eficientes em vender os benefícios deste consumo. Além disso, verificamos que o extraordinário que nossos entrevistados experimentam tem mais a ver com a capacidade estésica do que com o contexto de consumo. Profissionais de marketing podem entender como aproveitar tais achados para potencializar o sucesso do alcance e/ou da permanência neste extraordinário.

Ainda, um importante passo gerencial seria a compreensão acerca de como potencializar ou desenvolver competências estésicas por meio do consumo. Neste ponto, a gramática do sensível, complementar a Semiótica Narrativa Canônica, mostrou-se eficaz na modulação de aspectos sensoriais do consumo ou em ações de marketing, principalmente, aquelas que se aproximam do marketing sensorial. Como bem diz Landowski (2015, p. 23), uma vez estudado o universo de sentidos, “nossas disciplinas humanas não têm que escolher entre teorias sucessivas ou coexistentes, mas analisá-las todas, na esperança de compreender como, na sua diversidade, elas se articulam umas às outras enquanto formas de inteligibilidade”.

No que tange a Teoria da Aceleração Social, nossas conclusões permitem apontar a aplicabilidade desta à perspectiva do consumo, o que pode ajudar no desenvolvimento de estratégias de marketing e consumo experiencial. Ilustramos como nossos entrevistados conduzem a alternância de experiências de aceleração e desaceleração. Assim, conseguem subverter, ainda que temporariamente, a lógica social acelerada do tempo, alcançando desaceleração por meio do consumo sob o rótulo Slow. Além disso, o entendimento de mecanismos de desaceleração e lentificação por meio do consumo revela possíveis estratégias de operacionalização de uma “vida lenta” e das diversas vertentes do Movimento Slow, comumente criticado por ser utópico demais para os cenários atuais, à realidade estrutural contemporânea.

6.3. Implicações sociais

Argumentamos que formas de consumo sob o rótulo Slow podem funcionar como importantes estratégias de enfrentamento da rotina, na medida em que possibilitam a experimentação do extraordinário em meio a seus cotidianos acelerados. Tal achado pode apontar para importantes ações de cunho social e de bem-estar, ainda que relacionadas a práticas de consumo.

Em 2019, a Organização Mundial da Saúde reconheceu o *burnout* como doença ocupacional (WHO, 2019), sob o CID 11, decisão oficializada em janeiro de 2022. Esta decisão corresponsabiliza as empresas pelo adoecimento de seus trabalhadores frente a casos de sensação de esgotamento; cinismo ou sentimentos negativos relacionados a seu trabalho; eficácia profissional reduzida e outras consequências do estresse crônico de trabalho não administrado com sucesso. Nossos achados apresentam narrativas que devem ser consideradas pelas organizações privadas e públicas de modo geral, principalmente por ilustrarem as jornadas exaustivas e precárias, as quais, muitas vezes, os indivíduos são submetidos ao longo de suas atividades laborais.

A médio e longo prazo, os resultados apontados por esta tese podem sugerir um processo de adoecimento individual e coletivo, sinalizando questões de ordem privada e de saúde pública. Em um âmbito privado, podem ilustrar a necessidade de ações diversas das empresas em torno do assunto, como o emprego de pausas ao longo da jornada laboral, aulas de meditação e ioga, espaços de decompressão e rodas de conversas sobre o assunto. Em um âmbito público, nossos achados podem apontar para a necessidade de condução de ações sobre o tema, com o objetivo de fomentar e conscientizar sobre a importância de pausas em uma sociedade acelerada, de forma de permitir aos indivíduos um momento de recuperação ou restauração mental, psicológica e física. Mais ainda, pautamos que tais pausas podem ajudar a humanizar os sujeitos sociais, como pessoas livres para priorizar o uso de seu tempo.

Nosso estudo joga luz sob as consequências sociais do fenômeno da desaceleração em si. Argumentamos que o Movimento Slow, mais do que um movimento ou filosofia em si, fala sobre a realização de atividades em uma cadência satisfatória e com qualidade. Contudo, não se pode ignorar que a adesão a este Movimento pode ser interpretada como a escolha de um certo modo de viver

alternativo e, portanto, a opção pela desaceleração tende a se concentrar nas camadas mais altas da sociedade. Essa concentração ocorre, principalmente, devido ao maior acesso destas classes sociais mais altas aos espaços de consumo e às informações, aos custos mais elevados de tais produtos e serviços, bem como a própria ‘liberdade’ de escolher pela desaceleração, longe dos ditames da sociedade moderna.

Neste contexto, é importante ressaltar a relação direta entre desigualdades sociais e desigualdades temporais. A aceleração distorce significativamente nosso envolvimento e experiência com aqueles que não podem seguir ou que ousam atrasar ou resistir ao impulso velocidade, ou aqueles que frustram nosso senso de direito ao imediatismo absoluto. Neste caso, a existência de duas ou mais velocidades dentro de uma mesma sociedade não apenas perpetua, como potencializa desigualdades sociais.

6.5. Sugestões de estudos futuros

Frente a nossos achados, é possível definir uma agenda de futuras pesquisas relacionadas ao consumo sob o rótulo Slow, experiências extraordinárias de desaceleração e consumo em meio estrutural. Pesquisas futuras podem ter como objetivo a investigação de outras experiências extraordinárias em meios estruturais, aprofundando suas características e dinâmicas experienciais. Do mesmo modo, existe espaço para entender os diversos significados e valores que podem ser atribuídos a aceleração e desaceleração, bem como os efeitos práticos do envolvimento com formas de consumo sob o rótulo Slow.

Devemos ressaltar que a aceleração social é altamente heterogênea, assimétrica, sofrendo influência drástica de diferentes variáveis sociológicas relevantes, como gênero, classe, etnia, profissão, idade. Portanto, quaisquer alterações nos sujeitos de pesquisa iriam revelar, igualmente, alterações nos significados, sentidos e percepções acerca da experimentação da aceleração e, conseqüentemente, da desaceleração. Ficam estas possibilidades de segmentação dos sujeitos de pesquisa, portanto, como possíveis vias para futuros estudos.

Nossos achados sugerem que nada nem ninguém está alheio ao mercado. Assim, seria intrigante investigar o comportamento de consumo de indivíduos que optaram por distanciar-se, total e absolutamente, das opções de consumo ofertadas pelo mercado. Casos extremos de sujeitos que rodeiam o abismo do regime de Acidente podem ser interessantes objetos de estudo.

Embora referentes a terceiros, evidenciamos relatos de desaceleração retórica, que ocorre quando o sujeito se utiliza de um conjunto de textos sobre consumo para representar uma forma midiática de lentificação. Novos estudos podem investigar tal fenômeno, entendendo como o consumo sob o rótulo Slow pode funcionar como marcas que vendem ou oferecem algum tipo de lentidão (VOSTAL, 2017).

Em sua obra, o próprio Rosa (2019a) ressalta que algumas iniciativas lentas podem, paradoxalmente, funcionar, como aceleradores, por si só. O autor pontua que práticas de lentidão como retiros espirituais intensivos, imersões de meditação, lentificação consciente de processos de aprendizagem, por exemplo, podem se configurar, em um primeiro momento, como espaços de relaxamento para seus consumidores, permitindo que estejam mais produtivos e eficazes para um posterior impulsionamento, mantendo, assim, o funcionamento acelerado da sociedade. Neste sentido, futuros estudos podem se concentrar na investigação acerca do funcionamento deste consumo, assim como os significados de desaceleração atribuídos pelos consumidores destas práticas.

Nosso estudo sugere que os sujeitos buscam envolver-se em formas de consumo sob o rótulo Slow procurando por reflexão e restauração. Por razões de nossos objetivos, a observação da influência deste fenômeno no *self* de alguns entrevistados foi pontuada de modo breve. Assim, sugerimos que futuros estudos se dediquem a entender a relação entre o Movimento Slow e as (novas) possibilidade de ser, se entender e se expressar como indivíduo ou grupo.

Como já abordado, não podemos deixar de destacar a diferença entre escolher viver devagar – foco desta tese – e ter a lentidão imposta, seja por ser fisicamente, seja por ser economicamente incapaz de acompanhar a velocidade da sociedade moderna. A seleção de sujeitos de pesquisa de escolhem levar uma vida mais lenta ou adotar formas de consumo sob o rótulo Slow permitiu que delimitássemos este estudo. Contudo, ainda resta espaço para investigações acerca do consumo sob o rótulo Slow tendo desempregados, crianças, indivíduos de baixa renda, minorias e partes marginalizadas da população como sujeitos de pesquisa. Como aponta

Archer (2014, p. 5), as vertentes do Movimento Slow podem ser entendidas como “opções de luxo, disponíveis apenas para os mais abastados”.

Do mesmo modo, existe espaço para investigação de sujeitos de pesquisa que, deliberadamente, não querem ou não podem desacelerar, tais como jovens universitários e mulheres que são profissionais, mães e donas de casa. Para estes, a lentidão pode ser abertamente recusada, como algo improdutivo, contraproducente, retrógrado ou, unicamente, indesejável. A investigação destes sujeitos pode se tornar uma interessante via para estudos futuros. O trecho abaixo reforça tal sugestão:

“Trabalho, família e gênero são fatores significativos na constituição e perpetuação de disparidades e iniquidades temporais na cultura contemporânea que problematizam qualquer noção simplista de implementar uma vida 'mais lenta' em todos os aspectos, ou um desejo de uma vida 'mais lenta' ser universal”. (PARKINS, 2004, p. 367)

Como argumentado anteriormente, a existência de oásis de desaceleração parece sugerir a carência de qualidade ressonantes na sociedade moderna. Portanto, retoma-se como relevante o questionamento sobre se os sujeitos contemporâneos estariam, em sua maioria, incapazes de estimular ou enxergar a estesia em suas relações cotidianas. Ainda, estudos futuros podem girar em torno a seguinte problemática: seria a lentificação, como o extraordinário experimentado por meio do consumo sob o rótulo Slow, um exercício de promoção de pontos de estesia em meio ao cotidiano? Ou ainda, essa lentificação poderia representar uma tentativa de estilização da sociedade, em torno de valores como ética, igualdade, tradicionalismo, justiça social e respeito a natureza?

Esta tese foi conduzida durante o cenário pandêmico em decorrência do COVID-9. Neste período, a população encontrou-se em isolamento e distanciamento social e verificou-se a restrição de formas rotineiras de consumo, no sentido de incentivar a diminuição de circulação de pessoas. Observou-se um movimento de ‘desaceleração forçada’, como o fechamento de shoppings, comércios de rua, academias, bares, entre outros, permanecendo abertas, mediante reforço das medidas de limpeza e higiene, apenas atividades consideradas essenciais como, farmácias, restaurantes e bares por meio do delivery, padarias, lojas de conveniência e postos de gasolina (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Como consequência, incentivou-se a reflexão sobre o consumo de algumas categorias de produtos e serviços. Esse convite a reflexão e ponderação sobre o consumo rotineiro

apareceu também nos relatos de nossos entrevistados. Assim, futuras pesquisas podem buscar avaliar como cenários iguais de forçada desaceleração, como este período pandêmico, podem fortalecer ou incentivar o surgimento de movimentos e opções de consumo alternativos ao fluxo acelerado da vida contemporânea, como o Movimento Slow. Ademais, cabem mais estudos que contribuam para a elaboração de possíveis teorizações sobre consumo e desaceleração.

Finalmente, incentiva-se fortemente o uso da Sociossemiótica como aporte teórico-metodológico para a compreensão de sentidos e significados em consumo, assim como para o entendimento acerca da experimentação de aspectos cotidianos e estruturais por meio do consumo. Do mesmo modo, a Sociossemiótica se mostra promissora via teórico-metodológica para estudos que se preocupem com o desenvolvimento de estratégias de marketing experiencial.

7

Referências bibliográficas

ADAM, B. *Timewatch: The Social Analysis of Time*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

ADERALDO, C. V. L.; AQUINO, C. A. B.; SEVERIANO, M. F. V. Aceleração, tempo social e cultura do consumo: notas sobre as (im)possibilidades no campo das experiências humanas. *Cadernos EBAPE.BR*, v.18, n. 2, 2020.

ARCHER, M. *Late Modernity: Trajectories Towards Morphogenetic Society* Dordrecht: Springer, 2014.

ARNOULD, E. J.; PRICE, L. L. River magic: Extraordinary experience and the extended service encounter. *Journal of consumer Research*, v. 20, n. 1, p. 24-45, 1993.

_____; _____.; OTNES, C. Making (Consumption) Magic: A Study of White-Water River Rafting. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 28, n.1, p. 33-68, 1999.

ARNOULD, E. J.; THOMPSON, C. J. Consumer Culture Theory (CCT): Twenty Years of Research. *The Journal of Consumer Research*, v. 31, n. 4, p. 868-882, 2005.

ASKEGAARD, S.; LINNET, J. T. Towards an epistemology of consumer culture theory: Phenomenology and the context of context. *Marketing Theory*, v.11, n.4, p. 381-404, 2011.

BANKOV, K.; COBLEY, P. *Semiotics and its Masters*. Boston: Walter de Gruyter Inc., 2017.

BAUER, R.; PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. Slow movement. *Revista Estudos Culturais*, n.2, 2015.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*, Cambridge, UK: Polity, 2000.

_____. *Liquid Love*, Cambridge, UK: Polity, 2003

_____. *Tempos Líquidos: Living in an Age of Uncertainty*, Cambridge, UK: Polity, 2007a.

_____. *Consuming Life*, Cambridge, UK: Polity, 2007b.

_____. Collateral Casualties of Consumerism. *Journal of Consumer Culture*, v.7, n.1, p.25-56, 2007c.

_____. Liquid Arts. *Theory, Culture & Society*, v.40, n.1, p.117-26, 2007d.

_____. *A Sociedade individualizada*, Cambridge, UK: Polity, 2013.

_____.; LYON, D. *Liquid Surveillance*, London: Polity, 2012.

BARCELOS, M. C. V. Reflexões sociosemióticas: os sentidos dos modos de morar brasileiro. *dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, n. 31, p. 274–286, 2021.

BARDHI, F.; ECKHARDT, G. M. Access-Based Consumption. *Journal of Consumer Research*, v. 39, n. 4, p. 881–98, 2012.

_____.; _____.; ARNOULD, E. Liquid Relationship to Possessions. *Journal of Consumer Research*, v. 39, n. 3, p. 510–30, 2017.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2011

BELK, R. Extended Self in a Digital World. *Journal of Consumer Research*, v. 40, n. 3, p. 477–500, 2013.

_____.; COSTA, J. A. The mountain man myth: A contemporary consuming fantasy. *Journal of Consumer Research*, v. 25, n. 3, p. 218-240, 1998.

BERG, M.; SEEBER, B. K. *The Slow Professor*. Challenging the Culture of Speed in the Academy. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 2016.

BERGADAÀ, M. The Role of Time in the Action of the Consumer. *Journal of Consumer Research*, v.17, pp.289-302, 1990

BERGENER, J.; SANTARIUS, T. A pace of life indicator. Development and validation of a General Acceleration Scale. *Time & Society*, v. 30, n. 3, p.273–301, 2021.

BHATTACHARJEE, A.; MOGILNER, C. Happiness from ordinary and extraordinary experiences. *Journal of Consumer Research*, v. 41, n.1, p. 1–17, 2014.

BRASIL, Lei n.13.979, de 6 de fevereiro de 2020. “Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019”. Entre elas, são mencionadas: isolamento, quarentena, determinação de realização compulsória de exames médicos, testes laboratoriais e coleta de amostras clínicas, vacinação, investigação epidemiológica, restrição excepcional e temporária de entrada e saída do País, requisição de bens e serviços de pessoas naturais e jurídicas e autorização excepcional e temporária para a importação de produtos sujeitos à vigilância sanitária sem registro na Anvisa. *Diário Oficial da União*, edição 27, seção 1, p.1. 07 fev. 2020. Disponível em: < <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>>. Acesso em: 29 janeiro 2022.

BOUDER-PAILLER, D. Personal Time and Social Time: Their Role in Live Performance Attendance. *International Journal of Arts Management*, v. 10, n. 3, p.38-48, 2008

BUCKLEY, J. Remote Retreat in Italy: Is No Internet, TV or Phone Reception a Blessing or a Curse?, 2015. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/travel/europe/remote-retreat-in-italy-is-nointernet-tv-or-phone-reception-a-blessing-or-a-curse-10299255.html>>. Acesso em: 29 outubro 2019.

BUECHLER, S. *Social Movements in Advanced Capitalism: The Political Economy and Cultural Construction of Social Activism*. New York: Oxford, 2000.

CANNIFORD, R.; SHANKAR, A. Purifying Practices: How Consumers Assemble Romantic Experiences of Nature, *Journal of Consumer Research*, v. 39, n. 5, p. 1051–69, 2013.

CARTER, T. J.; GILOVICH, T. I Am What I Do, Not What I Have: The Differential Centrality of Experiential and Material Purchases to the Self. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 102, n. 6, p.1304–17, 2012.

CARÙ, A.; COVA, B. Revisiting Consumption Experience: a more humble but complete view of the concept. *Marketing Theory*, v. 3, n. 2, p. 267-286, 2003.

_____. The Impact of Service Elements on the Artistic Experience: the case of classical music concerts. *International Journal of Arts Management*, v. 7, n. 2, p. 39-54, 2005.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CELSI, R. L.; ROSE, R. L.; LEIGH, T. W. An exploration of high-risk leisure consumption through skydiving. *Journal of Consumer Research*, v. 20, n. 1, p. 1-23, 1993.

CHAPMAN W. *Don't Just Do Something, Sit There: A Manifesto for Living the Slow Life*: Nova Zelândia: Penguin Books, 2013.

CRARY, J. *24/7: o capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2016.

CRESSWELL, T. Towards a Politics of Mobility. *Society and Space*, v. 28, n. 1, pp. 17–31, 2010.

DICKINSON, J. E.; LES, M. L.; ROBBINS, D. Slow Travel: Issues for Tourism and Climate Change. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 19, n. 3, p. 281–300, 2011.

DEMURU, P. De Greimas a Eric Landowski. A experiência do sentido, o sentido da experiência: semiótica, interação e processos sócio-comunicacionais. *Galaxia*, Especial 2 - Algirdas J. Greimas, p. 85-113, 2019.

ECKHARDT, G. M., BELK, R.; WILSON, J. The Rise of Inconspicuous Consumption. *Journal of Marketing Management*, v. 31, n. 7/8, p. 807–26, 2015.

- EISENSTADT, S. N. *Modernidades múltiplas*. New York: Routledge, 2017.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.
- ERIKSEN, T. H. *Tyranny of the Moment: Fast and Slow Time in the Information Age*. London: Pluto Press, 2001.
- ERTEKIN, Z. O.; ATIK, D. Sustainable Markets: Motivating Factors, Barriers, and Remedies for Mobilization of Slow Fashion. *Journal of Macromarketing*, v. 35, n. 1, p. 53-69, 2015.
- FISCHER, E.; CASTILHOS, R. B.; FONSECA, M. J. Entrevista Qualitativa na Pesquisa de Marketing e do Consumidor: Abordagens Paradigmáticas e Orientações. *Brazilian Journal of Marketing*, v. 13, n. 4, p. 67–79, 2014.
- FLETCHER, K. Slow fashion: an invitation for systems change. *Fashion Practice*, v. 2, n. 2, p. 259-266, 2010.
- FORD MEDIA CENTER. *Relatório Ford de Tendência 2019 mostra como a tecnologia está transformando o mundo*, dez. 2018. Disponível em: <<https://media.ford.com/content/fordmedia/fsa/br/pt/news/2018/12/14/relatorio-ford-de-tendencias-2019-mostra-como-a-tecnologia-esta-.html#:~:text=A%20Ford%20divulgou%20hoje%20o,as%20empresas%20e%20os%20consumidore>> Acesso em: 19 jan. 2019.
- GARHAMMER, M. Pace of Life and Enjoyment of Life. *Journal of Happiness Studies*, v.3, p. 217–256, 2002.
- GIVEN, L. M. *The Sage encyclopedia of qualitative research methods*. California: SAGE Publications, 2008.
- GIDDENS, A. *Social Theory and Modern Sociology*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory*. London: Weidenfield & Nicolson, 1967.
- GOLD, R. Roles in sociological field observation. *Social Forces*, v. 36, p. 217-223, 1958.
- GOTTSCHALK, S. 'Speed Culture: Fast Strategies in Televised Commercial Ads'. *Qualitative Sociology*, v. 22, n. 4, p.311–29, 1999.
- GOULDING, C.; SHANKAR, A.; ELLIOT, R.; CANNIFORD, R. The marketplace management of illicit pleasure. *Journal of Consumer Research*, v. 35, n. 5, p. 759-771, 2009.
- GRAHAM, A. H. 5 Extreme Retreats When You Want to Unplug, 2013. Disponível em <<https://www.entrepreneur.com/article/227020>>. Acesso em: 29 outubro 2019.

GREIMAS, A. J. *Structural Semantics: An Attempt at a Method*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1983.

_____.; COURTES, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*. London: Profile Books, 2014.

HIRSCHMAN, E. C. Theoretical Perspectives of Time Use: Implications for Consumer Behavior Research. In: SHETH, J. N.; HIRSCHMAN, E. C. (ed.). *Research in Consumer Behavior*. Greenwich, CT: JAI Press, p. 55-81, 1987.

HONORÉ, C. *Devagar: Como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

HSU, E. The Slow Food Movement and Time Shortage: Beyond the Dichotomy of Fast or Slow. *Journal of Sociology*, v. 51, n. 3, p. 628-642, 2015.

HUSEMANN, K. C.; ECKHARDT, G. M. Consumer deceleration. *Journal of Consumer Research*, v. 45, n. 6, p. 1142-1163, 2019.

_____.; _____.; GROHS, R.; SACEANU, R. The dynamic interplay between structure, anastructure and antistructure in extraordinary experiences. *Journal of Business Research*, v. 69, n. 9, p. 3361-3370, 2016.

JORDAN, E. The Hidden Cost of Personal Quantification. *Journal of Consumer Research*, v. 42, n. 6, p. 967–84, 2016.

JORNAL DO COMÉRCIO DE FRANCA. 'O papel da Semiótica é entender como entendemos': Entrevista com Eric Landowski, 28/5/2017. Disponível em: <<https://gcn.net.br/noticias/352874/franca/2017/05/o-papel-da-semiotica-e-entender-como-entendemos>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

KNOX, P. Creating ordinary places: Slow cities in a fast world. *Journal of Urban Design*, v. 10, n. 1, p.1–10, 2005.

KOEPNICK, L. *On Slowness: Toward an Aesthetic of the Contemporary*. New York, NY: Columbia University Press, 2015.

KOZINETS, R. V. Can consumers escape the market? Emancipatory illuminations from burning man. *Journal of Consumer research*, v. 29, n. 1, p. 20-38, 2002.

KRISTENSEN, M. L. Mindfulness and resonance in an era of acceleration: a critical inquiry. *Journal of Management, Spirituality & Religion*, v. 15, n. 2, p.178-195, 2018.

KUBALA, P.; HOŘENÍ SAMEC, T. The pace of “the good life”: Connecting past, present, and future in the context of a housing affordability crisis. *Time & Society*, v. 30, n. 2, p.198–222, 2021.

KWONG, M. *In a Land of Workaholics, Burned-Out Koreans Go to 'Prison' to Relax*, 2018. Disponível em: <<http://www.cbc.ca/news/world/south-korea-overwork-culture-jail-retreat-prison-inside-me-1.4527832>>. Acesso em: 29 outubro 2019.

LALLEMENT, J., GOURMELEN, A.: The time of consumers: A review of researches and perspectives. *Recherche et Applications en Marketing* (English Edition), v.33, n.4, p. 92–126, 2018.

LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

_____. *Presenças do Outro. Ensaios de Sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002

_____. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.

_____. *Interações Arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014a

_____. *Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido*. *Galaxia*, n. 27, p. 10-20, 2014b

_____. *Com Greimas: Interações semióticas*. São Paulo: CPS e Estação das Letras e Cores, 2017.

LANIER, C.; RADER, S. Consumption experience: An expanded view. *Marketing Theory*, v.15. pp.487-508, 2015.

LEVINE, R. Time and well-being. *Revista Estudos Culturais*, n. 2, 2015.

LÜBBE, H. Die Gegenwartsschrumpfung. In: BACKHAUS, K.; BONUS, H. (orgs.). *Die Beschleunigungsfalle oder der Triumph der Schildkröte*. Stuttgart: Schäffer/Pöschel, 1998.

MARTINEAU, J. *Time, Capitalism and Alienation*. Chicago, IL: Haymarket Books, 2016.

MARTINS, O. C. *Tempo e Aceleração social na perspectiva da teoria e da clínica psicanalíticas*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2019.

McCRACKEN, G. *The long interview*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1988.

MENNA-BARRETO, L.; PEDRAZZOLI, M. Temporalidades. *Revista Estudos Culturais*, n. 2, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *O visível e o invisível*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

OÁSIS. In: MICHAELIS, Dicionário Michaelis. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022a. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=O%C3%81SIS>>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

_____. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2022b. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/oasis/>>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

OKADA, E. M.; STEPHEN J. H. Spending Time versus Spending Money. *Journal of Consumer Research*, v. 31, n. 2, p. 313–23, 2003.

OLIVA-AUGUSTO, M. H. Tempo, indivíduo e vida social. *Ciência e Cultura*, v. 54, n. 2, 2002.

OLIVEIRA, A. C.; MARTYNIUK, V. L. (Org.). *Sentidos do Consumo: Os Desafios do Cenário Contemporâneo à Luz da Semiótica*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

ORLIKOWSKI, W.; BAROUDI, J. Studying information technology in organizations: research approaches and assumptions. *Information Systems Research*, v. 2, n. 1, p. 1-28, 1991.

OSBALDISTON, N. *Culture of the Slow: Social Deceleration in an Accelerated World*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

PARKINS, W. Out of Time: Fast Subjects and Slow Living. *Time & Society*, v. 13, n. 2-3, p. 363-382, 2004.

PATERSON, B. L.; BOTTORFF, J. L.; HEWAT, R. Blending observational methods: Possibilities, strategies, and challenges. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 2, n. 1, p. 29-38, 2003.

PEDRAZZOLI, M. A ilusão dos relógios. *Revista Estudos Culturais*, n. 2, 2015.

PELS, D. *Unhastening Science: Autonomy and Reflexivity in the Social Theory of Knowledge*, Liverpool: Liverpool University Press, 2003.

PESSÔA, L. A. G. P. *Narrativas da Segurança no Discurso Publicitário: Um Estudo Semiótico*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

_____. As Marcas Subjetivadas. In: OLIVEIRA, A. C.; MARTYNIUK, V. L. (Org.). *Sentidos do Consumo: Os Desafios do Cenário Contemporâneo à Luz da Semiótica*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

PETRINI, C. *Slow Food: The case for taste*. New York: Columbia UP, 2003.

_____. *Slow Food Revolution: A new culture for eating and living*. New York: Rizzoli, 2006.

_____. *Slow Food: Princípios de uma nova gastronomia*. São Paulo: Senac, 2009.

_____. *Slow Food Nation: Why our food should be good, clean and fair*. New York: Rizzoli, 2013.

_____. *Comida e liberdade: Slow food, histórias de gastronomia para libertação*. São Paulo: Senac, 2015.

PINK, S. Sense and Sustainability: The Case of the Slow City Movement. *Local Environment*, v. 13, n. 2, p. 95–106, 2008.

POOKULANGARA, S.; SHEPHARD, A. Slow Fashion Movement: Understanding Consumer Perceptions: An Exploratory Study. *Journal of Retailing and Consumer Services*, v. 20, n. 2, p.200–6, 2013.

RAMMSTEDT, O. Alltagsbewußtsein und Zeit. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. 27, pp.47-63, 1975.

ROSA, H. Social Acceleration: Ethical and Political consequences of Desynchronizing High-Speed Society. *Constellations*, v. 10, n. 1, p. 3-33, 2003.

_____. *Alienation and Acceleration: Towards a Critical Theory of Late-Modern Temporality*. Malmö/Arhus: NSU Press, 2010.

_____. Aceleración Social. *Persona y Sociedad*, v. 25, n. 1, p. 9-49, 2011.

_____. Aceleração social, estabilização dinâmica e desincronização da sociedade com Hartmut Rosa. Palestra proferida no Encontro Internacional “Pensar o futuro: as histórias que tecemos e as histórias que queremos”, São Paulo, fev. 2017. 1 vídeo (40min17s). Publicado por Sesc São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zsf_Wg1II4A>. Acesso em: 14 dez. 2019.

_____. *Remède à l'accélération*. Impressions d'un voyage en Chine et autres textes sur la résonance. Paris: Philosophie Magazine Éditeur, 2018.

_____. *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019a.

_____. *Remedio a la aceleración: Ensayos sobre la resonância*. Barcelona: NED-Ediciones, 2019b.

_____. *Resonance: A Sociology of our Relationship to the World*. Oxford: Polity Press, 2019c.

_____; BIALAKOWSKY, A. Alienación, aceleración, resonancia y buena vida. Entrevista a Hartmut Rosa. *Revista Colombiana de Sociología*, v. 41, n. 2, p. 249-259, 2018.

_____; DÖRRE, K.; LESSENICH, S. Appropriation, Activation and Acceleration: The Escalatory Logics of Capitalist Modernity and the Crises of Dynamic Stabilization. *Theory, Culture & Society*, v. 34, n. 1, p. 53–73, 2017.

_____; HENNING, C. Good life beyond growth: An introduction. In: ROSA H.; HENNING, C. (eds) *The Good Life Beyond Growth*. New York: Routledge, p. 1–14, 2018.

RYKER, B. *Keepin'Time: Breaking the Past and Sounding the Future*. Routledge: New York, 2002

SÁ, M. G.; ZENAIDE, M. L. C. Novos Espaços, Fim dos "Velhos Tempos"? Reflexões sobre Espaço, Tempo e Consumo no Século XXI. *Anais do I Encontro de Marketing do Anpad*, Porto Alegre, 2004.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: Compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. *Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria*, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009.

SALES OLIVEIRA. My trip in my words: Subjectivities, time(s) and mobilities in slow travel blogs. *Time & Society*, v. 29, n. 1, p.223–255, 2020.

SANTOS, N. C.; PESSÔA, L. A. G. P. A pressa é inimiga da refeição? - A retórica do Slow Food e a Aceleração Social. In: *XLIV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2020*, 2020.

SCHNEIDER, S. Good, Clean, Fair: The Rhetoric of the Slow Food Movement. *College English*, v.70, n.4, pp. 384-402, 2008.

SCOTT, S. V.; ORLIKOWSKI, W. J. Reconfiguring Relations of Accountability: Materialization of Social Media in the Travel Sector. *Accounting, Organizations and Society*, v. 37, n. 1, p. 26–40, 2012.

SCUSSEL, F. B. C. Entre *Expectativas, Narrativas e Promessas de Performance*: A Construção da Experiência Extraordinária a partir da Jornada de Consumo de Maratonistas. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Administração, Florianópolis, 2020.

SILVEIRA, R. Ordem e progresso, aceleração e alienação. *Revista Estudos Culturais*, n. 2, 2015.

_____. Resenha do livro aceleração e alienação. *Revista Estudos Culturais*, n. 2, 2015.

SKANDALIS, A.; BYROM, J.; BANISTER, E. Experiential marketing and the changing nature of extraordinary experiences in post-postmodern consumer culture. *Journal of Business Research*, v. 97, p. 43-50, 2019.

SLOW FOOD. *Where We Are*, 2015. Disponível em: <<https://www.slowfood.com/aboutus/where-we-are/>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

SLOW FOOD BRASIL. *Comunidades do Alimento*, 2013a. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/comunidades-do-alimento/comunidades-brasileiras>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

_____. *Manifesto Slow Food*, 2013b. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/manifesto>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

_____. *Onde estamos - Convívios no Brasil*, 2013c. Disponível em: <<https://www.slowfoodbrasil.com/convivium/onde-estamos-convivia-no-brasil>>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

TAYLOR, C. *Modern Social Imaginaries*. Londres: Duke University Press, 2004

THOMPSON, C. J.; ARNOULD, E.; GIESLER, M. Discursivity, difference, and disruption: Genealogical reflections on the consumer culture theory heteroglossia. *Marketing Theory*, v. 13, n. 2, p. 1– 27, 2013

TSAI, C.; ZHAO, M. Predicting Consumption Time: The Role of Event Valence and Unpacking. *Journal of Consumer Research*, v.38, n.3, pp. 459–473, 2011.

TUMBAT, G.; BELK, R. W. Marketplace tensions in extraordinary experiences. *Journal of Consumer Research*, v. 38, n. 1, p. 42-61, 2011

TURNER, V. *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Brunswick and London: Aldine Transaction, 1969.

TZIMINADIS, J. L. F. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. *Revista Estudos de Sociologia*, v. 22, n. 43, p. 365–383, 2017.

USUNIER, J. C.; VALETTE-FLORENCE P. The Time Styles Scale: A review of developments and replications over 15 years. *Time & Society*, v. 16, n. 2-3, p.333–336, 2007.

VIHALEMM, T.; HARRO-LOIT, H. Measuring society's temporal synchronization via days of importance. *Time & Society*, v. 28, n. 4, p. 1-30, 2019.

VIRILIO, P. *The Great Accelerator*. Oxford: Polity Press, 2010.

VOSTAL, F. Slowing down modernity: A critique. *Time & Society*, v. 10, p. 1–22, 2017.

WAJCMAN, J. *Pressed for Time: The Acceleration of Life in Digital Capitalism*. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 2015.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. Brasília: UnB, 1994.

WILSON, E. *et al. Slow Tourism: Experiences and Mobilities*. Channel View Publications, 2012.

WOERMANN, N.; ROKKA, J. Timeflow: How Consumption Practices Shape Consumers' Temporal Experiences. *Journal of Consumer Research*, v. 41, n. 6, p. 1486-1508, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Burn-out an "occupational phenomenon": International Classification of Diseases*. Mai, 2019. Disponível em: <<https://www.who.int/news/item/28-05-2019-burn-out-an-occupational-phenomenon-international-classification-of-diseases>>. Acesso em: fev 2022.

Anexos

Anexo 1: Termo de Confidencialidade/ Protocolo Ético

Olá! Meu nome é Natália Contesini Santos. Estou realizando minha tese de Doutorado sobre o tema Movimento Slow, no curso de Administração do Instituto de Administração e Governança, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). No site www.iag.puc-rio.br podem ser encontradas mais informações sobre o Programa.

O professor Dr. Luís Alexandre Pessôa é o orientador desse projeto de pesquisa e pode ser contactado em lpessoa@iag.puc-rio.br para fornecer quaisquer outros esclarecimentos que se façam necessários.

Gostaria de ressaltar que, ao participar deste projeto, você tem alguns direitos bem definidos:

- A sua participação nesta entrevista é totalmente voluntária.
- Você pode se recusar a responder qualquer pergunta a qualquer momento.
- Você pode se retirar da entrevista e dá-la por encerrada a qualquer momento.
- Esta entrevista será mantida em confidencialidade e estará disponível apenas para a autora da tese.
- Partes desta entrevista podem ser usadas no relatório final da pesquisa, mas, em nenhuma circunstância, o seu nome ou características que permitam a sua identificação serão incluídas nos relatórios finais da tese.

Agradeço a sua atenção e peço assinar abaixo como prova de que concorda com este protocolo.

Nome: _____

Email: _____

(Assinatura)

Data: ____ / ____ / ____

Anexo 2: Roteiro de Entrevista para Empresários

INTRODUÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar-se ao entrevistado e esclarecer o tema da pesquisa: Consumo Slow; • Ler o termo de confidencialidade/protocolo ético e solicitar assinatura; • Ressaltar que não há resposta certa ou errada e que o entrevistado pode ficar à vontade para não responder ou para pedir esclarecimentos adicionais; • Esclarecer que os dados serão apresentados de maneira anônima, pedir autorização para gravar a entrevista e esclarecer que as gravações serão apagadas ao final da pesquisa; • Agradecer a participação e pedi ao entrevistado que fique à vontade para falar sobre o tema.

Fale um pouco de você, seu trabalho, família, me fala quem é XXX. Como foi que se tornou empresário? Trajetória?

Vamos começar falando sobre o seu negócio. Fale-me da ideia do negócio.

O que é Consumo Slow para você? Por que aderiu a essa filosofia Slow?

Como descreveria o produto/serviço que você vende? O que você acha que o seu produto/serviço fala sobre quem o consome? Acha que ele passa alguma mensagem ou ideia? E os seus clientes? Eles acham que seu produto/serviço passa alguma mensagem ou ideia?

Qual a principal diferença entre o seu negócio e um negócio tradicional ou fast? Por quê?

Agora vamos falar um pouco mais dos seus clientes: Como você descreveria os seus clientes? Como eles são? O que eles procuram? Quais características dos clientes que vêm aqui? E o que seus clientes falam sobre as diferenças entre o seu negócio e um negócio tradicional ou fast? Por quais motivos você acha que seus clientes veem/ consumem aqui? Você acha que esse ambiente influencia o comportamento dos seus clientes? Como? Conte-me mais. Qual a principal diferença entre o ambiente da sua loja e o de um negócio tradicional ou fast? Por quê? Já aconteceu de as pessoas virem aqui com pressa? Conte-me como foi.

Por fim, vamos tratar os seus parceiros de negócio: Existe algum critério para escolha deles? (fornecedores, agricultores, parceiros em geral). Existe alguma preferência ou preterimento de escolha? Quanto aos vendedores, existe alguma orientação quanto à interação com os clientes?

Discutimos muitos assuntos interessantes. Gostaria de acrescentar algo?

Anexo 3: Roteiro de Entrevista para Consumidores

INTRODUÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar-se ao entrevistado e esclarecer o tema da pesquisa: Consumo Slow; • Ler o termo de confidencialidade/protocolo ético e solicitar assinatura; • Ressaltar que não há resposta certa ou errada e que o entrevistado pode ficar à vontade para não responder ou para pedir esclarecimentos adicionais; • Esclarecer que os dados serão apresentados de maneira anônima, pedir autorização para gravar a entrevista e esclarecer que as gravações serão apagadas ao final da pesquisa; • Agradecer a participação e pedir ao entrevistado que fique à vontade para falar sobre o tema.

Vamos começar falando um pouco de você, seus hobbies, família, trabalho, lazer, me fala quem é XXX.

Fale-me sobre o que gosta de consumir, comprar, usar, possuir. Como gosta de consumir? Como escolhe os lugares onde você irá consumir?

Quais destas coisas que você consome te ajudam a desacelerar?

Você já comprou algo que te ajudou a desacelerar? Conte-me como foi.

Vamos falar um pouco sobre o que é ser acelerado para você. E o que é ser lento.

Agora vamos falar sobre Consumo Slow. O que acha desse consumo e da sua filosofia? Fale-me por que gosta desse tipo de consumo. Quais são suas motivações ao escolher esse tipo de consumo? Quais são seus critérios de escolha e fruição? Quais são as principais vantagens desse consumo? E as principais desvantagens?

O que o faz preferir esse tipo de consumo a um tradicional ou fast?

Você acha que esse tipo de consumo permite realmente “desacelerar”? Explique melhor.

Você acha que esses ambientes ajudam a desacelerar, a tornar o consumo mais lento? Por quê?

Na sua opinião, como devem ser ambientes de serviços voltados para o consumo lento? Quais elementos que acha que devem ter? Quais elementos que acha que devem ser banidos? Explique melhor.

Me fala quais ambientes você gosta ir para desacelerar. Por quê? O que sente? Por que acha que isso ocorre? Conte-me mais.

Discutimos muitos assuntos interessantes. Gostaria de acrescentar algo?